



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**Videmonte: Arquitectura como revitalização entre
o Homem e o seu Território**

João Manuel Prata Tavares

Orientação: Dr. Arq. João Soares

Mestrado em Arquitectura

Trabalho de Projecto

Évora, 2015

Esta dissertação não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri



VIDEMONTE

ARQUITECTURA COMO REVITALIZAÇÃO ENTRE O HOMEM E O SEU TERRITÓRIO

OBSERVAÇÕES

Este trabalho de dissertação foi elaborado sem o novo acordo ortográfico.

Todos os desenhos deste documento foram realizados pelo autor com base em interpretações provenientes da investigação, cartografia actual e levantamentos *in situ*.

AGRADECIMENTOS

À minha família pela ajuda, compreensão, carinho e apoio monetário ao longo do curso.

Ao Professor João Soares pelos conselhos de lucidez que tornaram possível este trabalho.

Aos meus amigos do Norte pelo apoio incondicional e aos do Sul por estes anos partilhados nos Leões.

A Videmonte pelo território que me fascina e às suas gentes que me ajudaram sempre no que lhes foi possível.

ÍNDICE

006	RESUMO
008	I. INTRODUÇÃO
009	I.I Objecto e Pertinência
010	I.II Objectivos
011	I.III Estado da arte
012	I.IV Estrutura
014	II. ANÁLISE DE INSTRUMENTOS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO RURAL
016	II.I As políticas de acção da União Europeia
016	II.II Principais planos de apoio em Portugal
018	II.III Considerações Finais
020	III. ANÁLISE DE CASOS REVITALIZADOS
022	III.I Critérios de escolha
022	III.II Projectos e programas de desenvolvimento local
024	III.III Arquitectura como revitalização em Portugal
024	III.III.I Projecto ASAS
026	III.III.II Montemor-o-Velho
030	III.IV Arquitectura como revitalização fora de Portugal
030	III.IV.I Museu Insel Hombroich
034	III.IV.II Reading between the lines
036	III.V Balanço dos casos estudados
038	IV. VIDEMONTE
042	IV.I Enquadramento Nacional
044	IV.II Enquadramento Regional
046	IV.III Análise do Território
046	IV.III.I A Topografia e a Hidrografia
048	IV.III.II As Vias e o Edificado
050	IV.III.III O Uso dos Solos
054	IV.III.IV As Pessoas
056	IV.III Análise Histórico - Morfológica
058	IV.IV Análise Arquitectónica
062	V. PROPOSTA DE PROJECTO
064	V.I Estratégia de projecto
066	V.II O Percurso do Centeio
072	V.III A Casa do Território
080	V.IV O Acesso das Sepulturas Rupestres
088	V.V A Fonte da Curva
094	V.VI O Memorial do Centeio
102	V.VII O Abrigo Poente
110	V.VIII A Praça Alta
118	V.IX A Eira
126	V.X O Moinho de Água
138	V.XI O Forno Comunitário
149	VI. CONCLUSÃO
151	VII. BIBLIOGRAFIA
153	VIII. ÍNDICE DE IMAGENS



Fig. 01 - Campo de cereais durante o inverno no planalto de Videmonte

RESUMO

A freguesia de Videmonte situa-se no concelho da Guarda, Portugal. Insere-se no Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE) devido aos valores paisagísticos excepcionais que nasceram da sábia actividade agrícola aplicada neste território ao longo dos anos. Agora descontrolados devido aos apoios concedidos pelos programas de desenvolvimento rural, estes valores traduzem-se gradualmente numa perda das características identitárias paisagísticas e territoriais.

Assim, tornou-se necessária a pergunta: Consegue a arquitectura contribuir com relevância em situações onde o tecido social e económico já deixou de justificar uma relação interdependente entre as pessoas e o seu território? Através do estudo crítico de zonas e aldeias onde a arquitectura tenha surgido como papel revitalizador de territórios é feita uma reflexão acerca dos conhecimentos adquiridos, servindo esta de base a uma proposta de projecto arquitectónico que clarifique e fortaleça a relação entre o Homem e o seu Território, preservando a paisagem de Videmonte e do PNSE.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura, Videmonte, Territórios do Interior, Revitalização, Parque Natural da Serra da Estrela

Videmonte: Architecture as revitalization between the Man and his Territory

ABSTRACT

Videmonte is a village in Guarda municipal district, Portugal. It is part of the Serra da Estrela Natural Park due to exceptional landscape values developed because of a wise agricultural activity applied in this territory over the years. Now uncontrolled due to specific support granted by programs of rural development, these values of rural landscape identity have been lost.

So, the question became necessary: Can architecture contribute in relevance to situations where the social and economic fabric has ceased to justify an interdependent relationship between people and their territory?

Through critical study areas and villages where the architecture has emerged as revitalizing role of territories, a reflection is made on the knowledge acquired whose objective is fundament a proposed architectural project that aims to clarify and strengthen the relationship between man and his territory, preserving the identity characteristics of Videmonte landscape and Serra da Estrela Natural Park.

KEYWORDS

Architecture, Videmonte, Inner Territories, Revitalization, Serra da Estrela Natural Park

1.1 Objecto e Pertinência

O objecto de estudo geral é o conjunto de projectos arquitectónicos que influenciam o desenvolvimento de territórios interiores através de uma constante reinterpretação das potencialidades locais, tomando sempre em atenção os recursos endógenos e exógenos presentes. A conclusão desse estudo geral será aplicada, de forma particular, à freguesia de Videmonte, situada no Concelho da Guarda. Esta escolha deve-se a vários factores como: a inexistência de estudos propositivos no campo disciplinar da arquitectura nesta região da Beira Interior Norte; o combate ao preconceito existente em relação aos territórios do interior; a actualização de elementos gráficos necessários à freguesia bem como ao município da Guarda; o interesse pessoal pela freguesia em si bem como a ambição de encarar novos desafios, mesmo de outros campos disciplinares, que juntamente com a arquitectura ajudem no equilíbrio entre a vivência humana e os territórios periféricos da Beira Interior.

1.11 Objectivos

O principal objectivo do trabalho é propor inquietações perante a estagnação do interior de Portugal e tentar demonstrar que é possível dinamizar estas áreas através de novas ideias no campo disciplinar da arquitectura bem como planos a longo prazo que tornem auto-sustentáveis estas zonas. São também divulgadas localidades interiores em dificuldades sociais, económicas e culturais já revitalizadas. No caso de estudo acerca da freguesia de Videmonte, o objectivo referente à investigação e análise crítica desta aldeia, culmina na elaboração de uma proposta de um projecto arquitectónico que ajude no reconhecimento do legado existente tanto em termos territoriais e paisagísticos como em termos arquitectónicos e que ajude na adaptabilidade da aldeia aos dias de hoje, servindo este estudo como um contributo para outros casos de estudo no futuro.

I.III Estado da Arte

De forma geral, são abordadas referências no campo da inventariação, artigos nos periódicos da região da Guarda, teses de mestrado incidentes em Videmonte e estudos existentes semelhantes a este. De forma particular, destacam-se intervenções arquitectónicas em áreas não dinamizadas, pertinentes pela sua ideia de concepção e construção.

No campo disciplinar da arquitectura não existe qualquer estudo sobre a freguesia de Videmonte. Há algumas referências no campo da inventariação em colecções acerca do património português que descrevem a igreja matriz do século XVII, o reconhecimento de sepulturas antropomórficas em três afloramentos rochosos da freguesia, vestígios de um castro lusitano da época neolítica na zona sul da freguesia denominada “barrelas” e estudos de paisagem relativos ao território do PNSE.

Salientam-se artigos nos periódicos da região da Guarda como os jornais “A Guarda” e “Terras da Beira” e as revistas “Zimbro” e “Guarda Viva” que descrevem o território, as paisagens e o legado gastronómico típico de Videmonte como o Queijo da Serra da Estrela, as Bólas de carne e o Pão de centeio.

Existem duas teses de mestrado sobre a Videmonte, uma de João Gil acerca das práticas e memórias lúdico-corporais em Videmonte (2003), focada na etnografia e nos jogos tradicionais em vias de extinção, e outra de Elsa Figueiredo sobre a requalificação dos espaços públicos da Beira Transmontana (2004). Ambos os autores salientam a dificuldade em encontrar documentos históricos, já que apenas existem memórias e registos paroquiais.

São relevantes estudos e projectos realizados que se ocuparam de casos semelhantes: a tese de Carina Tavares (Évora, 2010) onde são abordadas algumas localidades revitalizadas em Portugal, Espanha e Itália; o livro “Vida no Campo” de Álvaro Domingues, pertinente como observação paradoxal entre uma visão nostálgica que convém ainda às pessoas, e a dura realidade dos territórios menos desenvolvidos hoje em dia; o projecto desenvolvido na Serra do Caldeirão acerca da aplicação contemporânea de materiais, sistemas e técnicas de construção tradicionais na reabilitação urbana das aldeias da zona oriental desta serra; por fim, o projecto ASAS cujo objectivo passa por articular parcerias coerentes entre juntas de freguesia, associações de desenvolvimento local, instituições bancárias e de ensino superior que revitalizaram aldeias estagnadas em Portugal.

Com a aproximação à proposta do projecto de arquitectura, surgem ideias que, de alguma forma são diferentes da maior parte dos casos de estudo existentes em Portugal, em que o projecto arquitectónico não é concebido de raiz, mas sim reconstruído ou reabilitado.

Há assim projectos noutros países europeus que, ao lidar com uma aparente resignação acerca do abandono de territórios menos desenvolvidos, se destacam como intervenções de carácter poético e insólito, que provocam uma curiosidade normal que leva de volta as pessoas a estes territórios, como o projecto “Eleven Chapel’s in the Landscape” concebido pelo escultor Erwin Heerich e pelo arquitecto Hermann Muller, em Holzheim, Alemanha, que são 11 pavilhões em tijolo, de pequena escala, autónomos que servem como espaços de experimentação para artistas, desde a concepção e realização das obras à sua exposição. Também o projecto “Reading between the lines” em Looz, Bélgica, dos arquitectos Gijs Van Vaerenbergh consiste na construção de uma igreja “imaterial” onde antes a existência das pessoas justificava as muitas igrejas construídas naquela zona rural periférica.

Ainda no cinema, destaca-se o filme documentário “Hearts and Crafts” acerca da importância do trabalho manual e artesanal situado em pequenas aldeias situadas na Suíça e na França, associado à prestigiada marca Hermès. Existem também duas curtas metragens documentais relacionadas com os recursos endógenos da região de Videmonte: uma sobre o primeiro festival do pão centeio realizado em 2014 na aldeia, outra dedicada à transumância onde a lã e o queijo são os principais protagonistas.

I.IV Estrutura

O presente capítulo esclarece os limites deste trabalho, bem como o objecto de estudo, os objectivos, a informação existente sobre este tema em questão e a forma resumida de como o trabalho se encontra organizado.

O capítulo II incide numa pequena investigação de forma a entender os instrumentos de apoio ao desenvolvimento rural existentes na União Europeia e a forma como podem contribuir para a dinamização de lugares de características periféricas nela localizados.

No capítulo III procede-se a uma análise de casos de estudo seleccionados, alguns já referenciados no estado da arte, onde são pesquisados e estudados lugares revitalizados, não de forma exclusiva mas sobretudo através de intervenções arquitectónicas, que serão escolhidos com base nas características, problemas ou potencialidades idênticas a Videmonte. Estes lugares localizam-se prioritariamente em Portugal, havendo outros referenciados fora do país que se destacaram por serem radicais, interessantes e bem sucedidos. Esta fase termina com um balanço dos casos estudados.

No capítulo IV é analisada especificamente a freguesia de Videmonte começando pelo seu enquadramento em Portugal ligado ao seu contexto territorial do PNSE e da cidade da Guarda, passando pela sua análise territorial da topografia, pelo edificado pelo Homem no território, pelo uso supositivo e actual dos solos, culminando numa aproximação histórico-morfológica e nas características arquitectónicas desta aldeia.

O capítulo V incide na concepção de um projecto arquitectónico que ajude na revitalização da aldeia de Videmonte, definindo-se estratégias, lugares de intervenção, programas, materialidades e técnicas de construção, articulados num conjunto. A memória descritiva do projecto bem como os elementos necessários à sua compreensão fazem também parte desta última fase de desenvolvimento.

No capítulo VI resumem-se as conclusões retiradas deste trabalho, sendo este seguido dos capítulos VII e VIII que consistem, respectivamente, na bibliografia consultada e no índice bibliográfico de imagens usadas neste estudo.

013

"A fim de garantir o desenvolvimento sustentável nas zonas rurais, é necessário concentrar a atenção num número limitado de objectivos fundamentais a nível comunitário (...) a gestão do espaço rural e o ambiente, a qualidade de vida e a diversificação das actividades nessas zonas, tendo em conta a diversidade das situações, que vão desde zonas rurais remotas confrontadas com problemas de despovoamento e declínio até zonas rurais periurbanas sujeitas a uma pressão crescente dos centros urbanos."

In *Jornal Oficial da União Europeia*, 21.10.2005

II. ANÁLISE DE INSTRUMENTOS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO RURAL

014



Fig. 02 - Logotipo do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



Fig. 03 - Logotipo do Fundo Social Europeu



Fig. 04 - Logotipo do Programa de Desenvolvimento Rural

II.1 As políticas de acção da União Europeia

Em termos das políticas regionais e do desenvolvimento sustentável na União Europeia, toda a estratégia foi orientada para o desenvolvimento nos espaços rurais. Esta prioridade foi assumida como transversal à definição dos objectivos estratégicos, ao perspectivar-se a visão de um desenvolvimento rural economicamente competitivo, ambientalmente equilibrado e socialmente estável e atractivo, expressando-se nas prioridades e intervenções a implementar.

Os Fundos Estruturais e o Fundo de Coesão são os instrumentos financeiros da política regional da União Europeia (UE), que têm por objectivo reduzir as diferenças de desenvolvimento entre as regiões e os Estados-Membros, participando assim no objectivo de coesão económica, social e territorial. Existem dois Fundos Estruturais:

-O Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) é actualmente o mais importante. Apoia, desde 1975, a realização de infraestruturas e investimentos produtivos geradores de emprego, nomeadamente destinados às empresas. Destina-se a promover o investimento e a contribuir para reduzir os desequilíbrios entre as regiões da União. Os financiamentos prioritários visam a investigação, a inovação, as questões ambientais e a prevenção de riscos, enquanto os investimentos em infraestruturas continuam a ter um papel importante, nomeadamente nas regiões menos desenvolvidas.

-O Fundo Social Europeu (FSE), instituído em 1957 pelo Tratado de Roma, é o fundo estrutural mais antigo. Contribui para o reforço da política económica e social da UE, melhorando o emprego e as possibilidades de emprego. Para o efeito, o FSE apoia acções dos Estados Membros visando o aumento da capacidade de adaptação dos trabalhadores e das empresas, a melhoria do acesso ao emprego, a inserção profissional dos desempregados através de acções de formação, o reforço da integração social das pessoas desfavorecidas, o aumento e a melhoria do investimento no capital humano, o reforço da capacidade institucional e a eficácia das administrações e dos serviços públicos.⁽¹⁾

Destaca-se também a PAC⁽²⁾, que tem como objectivo principal o controlo dos mercados e a realização de trocas comerciais entre os países europeus de forma simplificada, que estimularam bastante o mercado europeu até a União Europeia decidir deixar entrar países com grande poder de exportação na Europa, como a China e os Estados Unidos, que tornaram impraticáveis os preços de transacção de vários produtos produzidos no velho continente, como por exemplo, a indústria têxtil, e o abastecimento de cereais.⁽³⁾

II.11 Principais planos de apoio em Portugal

Como principais planos de apoio em Portugal destacam-se o PEN - Plano Estratégico Nacional, e o PDR- Programa de Desenvolvimento Rural.

O Plano Estratégico Nacional estabelece as prioridades da acção do FEADER (Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural) e de cada Estado Membro para o período de 2014-2020, onde são acordados os objectivos e as estratégias comunitárias com as orientações de uma política nacional. Assim, o FEDER pode participar projectos em Portugal, que constam no QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional) ⁽⁴⁾ aprovado e que se concretizam através dos subsequentes Programas de Desenvolvimento Rural.

Essas participações monetárias, em parceria com o MADRP- Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, dão muitas vezes vida a projectos empreendedores de pessoas singulares, associações ou instituições de desenvolvimento, quer sejam locais, regionais ou mesmo nacionais.

(1) - Definições baseadas no site www.igfse.pt referente ao Instituto de Gestão do Fundo Social Europeu. Existe também o FEP - Fundo Europeu das Pescas mas não é relevante na medida em que este estudo se foca em territórios interiores.

(2) - A Política Agrícola Comum da União Europeia criada em 1962, tem como objectivos principais assegurar o abastecimento regular de géneros alimentícios e garantir aos agricultores um rendimento em conformidade com os seus desempenhos.

(3) - Informações presentes no artigo 'Abastecimento Alimentar em Portugal' publicado pelo Instituto Nacional de Estatística dia 2 de abril de 2013.

(4) - O Quadro de Referência Estratégico Nacional assume como designio estratégico a qualificação dos portugueses, valorizando o conhecimento, a ciência, a tecnologia e a inovação num quadro de valorização da igualdade de oportunidades e do aumento da eficiência e qualidade das instituições públicas.

II.III Considerações finais

Não querendo desvalorizar muito os planos de apoio europeus referidos anteriormente, estes deveriam ser adequados de forma local, séria e real e não decididos com base em virtualidades, estatísticas, etc., longe das zonas onde estas decisões "europeias" são executadas. Na fraca compreensão que uma pessoa comum consegue ter de todos estes apoios, programas e subprogramas confusos e intermináveis dedicados a ajudar zonas rurais em dificuldade, conclui-se a falta de clareza destes, parecendo existir para complicar e não propriamente para ajudar. Ainda assim, depois de entender as burocracias necessárias e fazer o que é preciso, lá vem um subsídio para que o mundo rural vá permanecendo com alguns agricultores a trabalhar. Mas o que é este mundo rural subsidiado pelos confusos programas europeus?

Segundo João Ferrão⁽⁵⁾, o mundo rural assenta em quatro princípios básicos:

- uma função principal: a produção de alimentos;
- uma actividade económica dominante: a agricultura;
- um grupo social de referência: a família camponesa com modos de vida, valores e comportamentos próprios;
- um tipo de paisagem: a que reflete o equilíbrio entre a acção do Homem e a Natureza.

Apesar destes princípios se mostrarem aparentemente claros e unânimes, considerando a realidade dos dias de hoje denota-se alguma falta de coerência. Senão vejamos:

- a produção de alimentos é regulada por mercados; os mercados são regulados pela PAC e pelos acordos globais de comércio, ou seja, hoje produz-se como empresário, não como agricultor; o empresário vive a lucrar com os produtos e o agricultor sobrevive com os subsídios da UE.

- a família camponesa que resta são alguns dos nossos avós que, por alguma razão não emigraram para zonas, na altura, mais industrializadas. Os seus descendentes relatam os tempos passados pelos avós como tempos duros que não deixam saudade. "A família hoje é a diversidade que essa palavra significa em todo lado"⁽⁶⁾, com outros valores, comportamentos e modos de vida.

- a paisagem, a não ser que seja protegida, está condenada a um equilíbrio que passará, paradoxalmente, pela sua rutura e transformação em "cidades" de estufas, de estâbulos, de infraestruturas de regadio aéreo, etc., tudo o que faça dessa paisagem uma máquina de rendimentos tratada por máquinas, e não um meio natural tratado de forma equilibrada pelo Homem.

O mundo rural como foi delineado por João Ferrão não existe. O próprio conceito *rural* é difícil de clarificar, opondo-se à banalização, ligeireza e frequência com que se usa a palavra que serve como um baú onde se encaixam todos os termos relacionados com o campo, as aldeias, os territórios interiores, a pouca agricultura manual que existe até ao retardamento, pobreza, etc. . Resta saber apenas porque é que a UE não redirecciona os subsídios dados a agricultores que sem eles já teriam mudado a sua vida e a dos seus descendentes, pois eles fazem com que se arraste um mundo rural inexistente e não trazem uma vida melhor a essas pessoas, apenas a adiam até à morte delas.

Como diz François Ascher devido à rapidez com que surgem novos conceitos e regulamentos na sociedade hiper-moderna: "(...)face a esta realidade que nos escapa, façamos de conta que a controlamos!"⁽⁷⁾

(5) - Artigo denominado "Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro" in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 33, Lisboa, CIES-ISCITE, 2000, pp. 45-54.

(6) - Frase transcrita do livro "Vida No Campo" da autoria de Álvaro Domingues, nº45, Porto, Dafne Editora, 2011, p. 146.

(7) - Frase transcrita do livro "Ces événements nous dépassent, feignons d'en être les organisateurs. Essai sur la société contemporaine" Paris, Editions de l'Aube, 2000.

revitalização [Rivitelizəsɐw]. *s. f.* (De *revitalizar* + suf. *-ção*). **1.** Acção de recuperar a energia, o vigor; acto ou efeito de revitalizar. *Revitalização do couro cabeludo.* «O seu primeiro trabalho foi submetê-la a uma cura de emagrecimento e purificação, a que se seguiu uma revitalização.» (M. DE F. S. E SILVA, *Crítica do Teatro*, p. 199). **2.** Recuperação da vitalidade, da produtividade do que está enfraquecido, estagnado. *Revitalização do tecido empresarial.* «Uma questão vital para a Eslovénia reside na revitalização da sua economia.» (*Público*, 3.2.1992). **3.** Acção, processo de dar nova vida ao que se encontra inactivo, abandonado. *Revitalização das zonas do interior.* «A União da Europa Ocidental é uma instituição, aliás, uma revitalização de uma coisa que estava meio morta» (*DAR*, 10.1.1990). «É ainda intenção dos promotores da Expo-98 aproveitarem este empreendimento, [...], para a revitalização desta zona ribeirinha» (*Público*, 22.1.1993).

Fig. 05 - Significado da palavra "revitalização"

In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001



Fig. 06 - Logotipo do Cantinho Das Aromáticas



Fig. 07 - Logotipo da Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima



Fig. 08 - Logotipo do projeto Aldeias Sustentáveis e Activas

III.I Critérios de escolha dos casos revitalizados

Para esta etapa do trabalho foram seleccionados alguns casos que se tornaram pertinentes devido às suas semelhanças com a aldeia de Videmonte em termos culturais, sociais e económicos. Como iremos compreender, estes termos não se adequam simultaneamente, isto é, existem exemplos que se adequam apenas em termos culturais, outros em termos económicos e a maioria em termos sociais. Na busca de casos inusitados pela sua radicalidade ou sucesso foram pesquisados casos fora de Portugal que, ao se afastarem nestes termos mostram caminhos em que a arquitectura, como intervenção territorial, conseguiu protagonizar alguma mudança no entendimento das pessoas perante esse território. Destaca-se ainda que a maioria dos casos seleccionados foram ou estão a ser bem-sucedidos, pois o objectivo deste capítulo passa por, mais que entender o que estagna, piora ou não resulta, entender de que forma se melhora.

III.II Projetos e programas de desenvolvimento local

Têm sido alguns os programas empreendedores de sucesso participados pelos apoios referidos no capítulo anterior, dos quais se exemplificam três de acordo com o número de pessoas intervenientes no projecto bem como o número de áreas locais onde o projecto incide.

Assim, como projecto local de pequena escala destaca-se o *Cantinho das Aromáticas* - projecto pessoal de um Engenheiro Agrónomo, 1º prémio como Agricultor de excelência em actividades inovadoras em 2008.

Como projecto regional guiado por algumas associações locais destaca-se a *ARDAL* - Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima, 1º prémio em Iniciativas Locais e Desenvolvimento Rural em 2005.

Como projecto incidente a uma escala nacional destaca-se o projecto *ASAS - Aldeias Sustentáveis e Activas* da associação ANIMAR, que criou desde o ano 2000 parcerias entre universidades, associações locais, bancos e juntas de freguesia, concluindo 11 projectos de revitalização de zonas e aldeias estagnadas em todo país.

Após esta experiência, a vasta equipa de intervenientes na associação ANIMAR- ASAS elaborou, com base na prática das intervenções, um guia prático de revitalização de aldeias que acabou por se revelar importante neste estudo como iremos ver mais adiante.

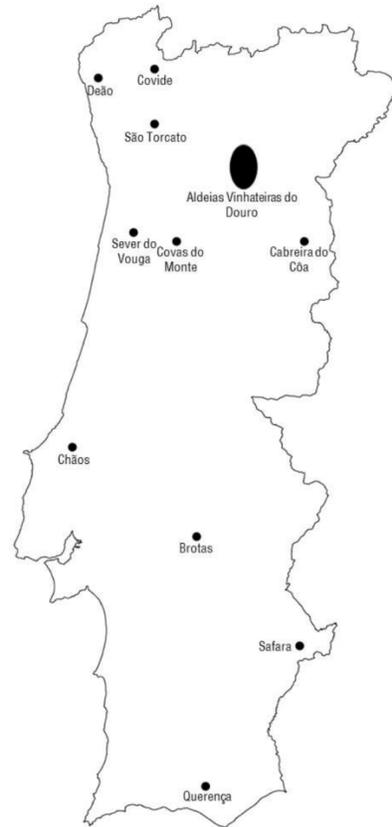


Fig. 09 - Localização dos 11 locais revitalizados pelo projeto ASAS

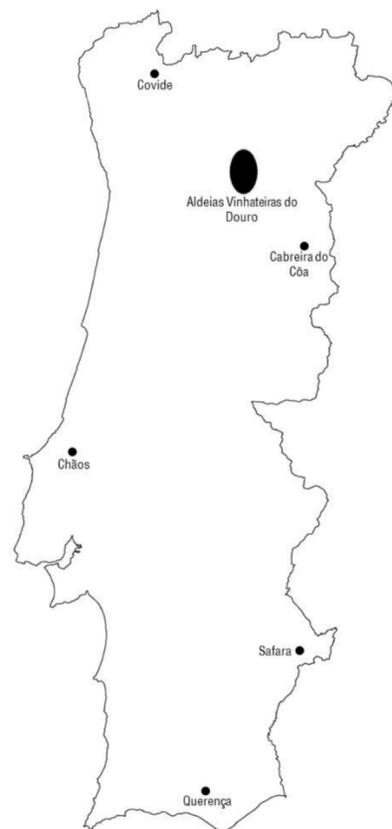


Fig. 10 - Localização dos 6 locais alvos de intervenções arquitetónicas



III.III Arquitectura como revitalização em Portugal

III.III.1 Projecto ASAS

A vasta equipa de intervenientes na associação ANIMAR- ASAS elaborou, com base na prática das intervenções, um guia prático de revitalização de aldeias. Deste guia destacam-se de forma sintetizada quatro ideias importantes que devem ser referidas:

1ª - O conceito de "desenvolvimento auto-sustentável" é holístico na medida em que transporta consigo uma relação intrínseca entre as pessoas e o seu território, e não deverá ser quebrado pela típica postura antropocêntrica do Homem.

2ª - Um meio rural dinâmico pressupõe a existência de uma população fixa, que se identifique como parte desse meio, que faça dele um lugar de vida e de trabalho e não apenas um campo de investimento, uma reserva de valor ou um hobby.

3ª - No entanto, a conciliação das actividades agrárias com outras normalmente desenvolvidas em meio rural (artesanato, turismo rural, turismo de habitação, indústrias agro-pecuárias, actividades ambientais e actividades cinegéticas) permitirá garantir outros rendimentos para as populações e projectar o seu desenvolvimento global, pois ao inovar e diversificar as actividades económicas estas têm uma maior abrangência no público a que se destinam.

4ª- Reconhecer sempre a importância da agricultura nestes contextos, mesmo que ela já não se justifique em termos económicos, pois valoriza o património natural e cultural do meio rural, favorecendo não apenas a propriedade mas também quem produz.

Interessa destacar como caso de estudo prático o projecto ASAS, que levou a concluir 11 projectos de revitalização de zonas e localidades estagnadas em todo país. Em todos eles foram desenvolvidos e implementados programas sociais e culturais, mas só em 6 deles foram elaborados projectos arquitectónicos:

-Em Covide, Viana do Castelo, foram reabilitadas três casas; a casa do pão e a casa do fumeiro para divulgação gastronómica e a casa do postigo para turismo rural.

-As seis aldeias vinhateiras do Douro⁽⁸⁾, em Viseu e Vila Real, foram todas requalificadas em termos urbanos com reposições de infraestruturas e repavimentação, destacando-se ainda a construção de uma biblioteca pública em Trevões e do Museu do Pão e do Vinho em Favaios.

-Em Cabreira do Cõa, distrito da Guarda, nasceu um projecto de apoio para pessoas incapacitadas, que implicou a reabilitação de várias casas para habitação.

-Em Chãos, Rio Maior, foram pavimentados percursos pedestres nas serras de aire e candeeiros e foi construído um restaurante.

-Safara, na raia alentejana, passou a ter um Centro Social e Comunitário na aldeia.

-Querença, no barrocal algarvio, foi alvo de uma requalificação urbana, sendo construído um palco de festas e reabilitada uma casa que deu lugar ao Pólo Museológico da água.⁽⁹⁾

(8) - Esta intervenção envolveu um conjunto de aldeias de cinco concelhos sendo elas: Barcos (Tabuaço), Favaios (Aljô), Provezende (Sabrosa), Salzedas e Ucanha (Tarouca) e Trevões (São João da Pesqueira).

(9) - Informações retiradas da publicação "Guia de Boas Práticas de Revitalização de Aldeias" lançada no ano de 2013 pela ANIMAR- Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local. É de salientar que estes locais não foram visitados pessoalmente para certificação do que foi realmente construído e está a funcionar. No entanto esta parceria de várias entidades distintas resultou na medida em que algo foi construído na realidade com o intuito de revitalizar zonas e aldeias.



Fig. 11 - Ortophotomapa territorial de Montemor-o-Velho



- Rio Velho
- Centro Náutico de Alto Rendimento
- Centro Histórico
- Rio Mondego



Fig. 12 - Ortophotomapa do Centro Histórico de Montemor-o-Velho



- Casa de Chá do Paço das Infantas
- Teatro Esther de Carvalho
- Percurso Pedonal Assistido
- Galeria de Exposições (Antigo Mercado Municipal)
- Biblioteca Municipal

III.III.II Montemor-o-Velho

Também a regeneração a uma escala territorial da vila de Montemor-o-Velho, a cargo de uma equipa coordenada pelo arquitecto Miguel Figueira⁽¹⁰⁾, se tem destacado ao longo dos últimos anos. Desde a criação de um Gabinete Técnico Local em 1997 que se têm delineado estratégias para esta vila histórica que perdeu ao longo do século XX protagonismo para cidades mais próximas como a Figueira da Foz e Coimbra.

O projecto, desenvolvido actualmente pelo Departamento de Urbanismo da Câmara de Montemor-o-Velho coordenado ainda por Miguel Figueira, insere-se num plano estratégico que tem como objectivo principal resgatar a centralidade do vale na estrutura territorial do vale do Mondego. Neste sentido, foram já concluídos vários projectos arquitectónicos, de que são exemplos: o Plano de Urbanização e Salvaguarda do Centro Histórico de Montemor-o-Velho, a Reestruturação do Mercado Municipal, o Centro Náutico de Alto Rendimento e o recente Percurso Pedonal Assistido para o Castelo do arquitecto Miguel Figueira; a Casa de Chá do Paço das Infantas do arquitecto João Mendes Ribeiro; a Reabilitação do Teatro Esther de Carvalho levada a cabo pelo arquitecto José António Bandeirinha; a conversão do Solar da Família Alarcão para Biblioteca Municipal pelos arquitectos Pedro Maurício Borges, Paulo Fonseca e Armando Rabaça. Nesta estratégia, prevê-se ainda um projecto de requalificação, a cargo de Álvaro Siza, da envolvente sul da muralha, na faixa localizada entre o Caminho de Ronda e o Castelo, que contempla os acessos até à Porta do Sol do Castelo e a recuperação da Capela de Santo António.

Esta é uma operação total de transformação de Montemor-o-Velho que devido à sua amplitude, não se faz de um dia para o outro. Requer um sentido de responsabilidade e continuidade de agentes políticos, técnicos e cívicos implicados em processos longos e complexos. Requer também agilidade para identificar momentos oportunos e não paralisar ao primeiro bloqueio burocrático. Requer, enfim, sentido de realidade e perseverança, porque tudo arrancou literalmente no chão do centro histórico da vila, há mais de uma década, com a requalificação viária deste casco através de lajedos, guardas, bancos, escadas e rampas. Muito desse desenho, apurado e aparentemente "invisível", também se faz sentir nos muros brancos das novas intervenções que fazem brilhar o lugar matricial da vila através das planuras do vale do Mondego. Mais que qualquer valor pitoresco, este efeito visual sublinha um espaço identitário de todos, capaz de imaginar um futuro a partir desse passado.

(10) - No caso concreto de Miguel Figueira, o compromisso para com o território que o acolheu e onde decidiu viver, bem como o alcance das suas propostas desenvolvidas no âmbito da administração local, explica o reconhecimento público das suas intervenções. Foi distinguido com o Prémio AICA/SEC/Milennium BCP 2011 de Artes Visuais e Arquitectura. O seu trabalho enquanto arquitecto da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho foi premiado por ser considerado "exemplar tanto na reabilitação do espaço público como na criação de novos programas capazes de relançar este pequeno aglomerado de tantas potencialidades, agora realizadas".



Fig. 13 - Vista aérea do Centro Náutico de Alto Rendimento integrado na paisagem do vale do Rio Mondego



Fig. 14 - Casa de Chá do Paço das Infantas situada a uma cota alta



Fig. 15 - Percurso Pedonal Assistido que liga o vale ao Castelo

O Centro Náutico de Alto Rendimento desviou água e canais de modo a fixar naquele lugar um palco internacional para competições de remo. É uma infra-estrutura que expande o território vital da vila muito além do vale do Mondego. Chama até si gente de todo o mundo e vem fixando um novo perfil de habitantes associados àquela actividade desportiva. É este o verdadeiro assalto, ou cerco, ao Castelo. Segundo Miguel Figueira *"o cerco ao castelo começou a ser desenhado a partir do centro do vale, com o Centro Náutico. Ainda no âmbito do Centro de Alto Rendimento, avançámos em direcção ao centro da vila com a intervenção até à base da encosta, esclarecida a tutela do desporto das vantagens da instalação da pista de atletismo para o triatlo (associada à pousada da juventude) no parque urbano, que funcionará como charneira no relacionamento urbano do centro histórico com o rio."*

O conhecimento desta realidade, adquirido ao longo dos anos, permite enquadrar o projecto do Percurso Pedonal Assistido numa intervenção mais vasta de construção do território, com implicações longitudinais nos extremos do eixo do vale do Mondego, Coimbra e Figueira da Foz, e transversais, nas suas duas margens. Foi assim que um conjunto de técnicos acreditou que a transformação de maior impacto em Montemor-o-Velho iria acontecer com a obra do Centro Náutico de Alto Rendimento.

Esta forma de entender o trabalho do arquitecto, em particular o de Miguel Figueira, representa uma resposta possível para o aparente beco sem saída em que a profissão se encontra. Assumindo o papel de actor interventivo e propositivo, em prol de uma comunidade, Figueira intervém em processos participativos com vários actores, desde o agricultor até à presidente da Federação Internacional de Remo ou na elaboração de projectos de financiamento do QREN. É uma forma de militância, que cabe a cada cidadão fazer. Construir, com responsabilidade, o espaço da vida social. Para tal, é preciso antes de mais criar condições para que vários indivíduos possam entender essa causa como sua pois *"os processos participativos servem para ter a cidade que queremos, ou então teremos a que merecemos, e é assim que as coisas devem ser."*

Mas nada disto pode acontecer apenas com palavras, por bem intencionadas que sejam. É preciso perceber, sem rodeios, em que lugar estamos. No fundo, a estratégia que orienta todas estas intervenções urbanas procura consolidar um novo ecossistema para a região. Hoje já é possível traçar um corte longitudinal entre o Castelo a uma cota alta, as ruas, o Percurso Pedonal Assistido a uma cota média e o Centro Náutico a uma cota baixa, ao longo de uma linha que revela a continuidade de um conjunto de novas relações, usos e lugares neste território.⁽¹¹⁾

(11) - As citações do arquitecto Miguel Figueira presentes no texto fazem parte de um artigo elaborado por Pedro Bala e Diogo Seixas Lopes que foi publicado pelo *Journal dos Arquitectos*, nº 248, Setembro-Dezembro de 2013, p. 212-223.



Fig. 16 - Ortofotomapa do complexo museológico Insel Hombroich



III.IV Arquitetura como revitalização fora de Portugal

III.IV.1 Museu Insel Hombroich

O Museu Insel Hombroich é um complexo museológico privado localizado perto de Neuss, província de Düsseldorf, Alemanha. Foi idealizado pelo seu fundador, o colecionador de arte Karl-Heinrich Müller (1936-2007), como uma experiência aberta em que a exposição de arte servisse como uma ferramenta para além de suporte para exposições de arquitectos, escultores e pintores. Hoje esta zona é parte de um complexo ainda maior que inclui Kirkeby-Feld e Raketensstation, locais onde estavam instalados antigos campos militares da NATO que foram desmobilizados. Isto permitiu a sua aquisição pela Fundação Insel Hombroich e a construção de equipamentos culturais frequentados atualmente por artistas convidados de todo o mundo. Estes complexos museológicos surgem como ilhas preservadas pelos campos militares no meio de campos agrícolas contínuos e são constituídos por pavilhões desenhados por arquitetos reconhecidos mundialmente como Álvaro Siza, Frei Otto e Tadao Ando, entre outros artistas como pintores e escultores.

Tudo começou com a aquisição da Rosa Haus, uma mansão com um parque adjacente desenhado por Bernhard Korte que mais tarde, de 1982 a 1994, foi pontuado por onze pavilhões desenhados pelo escultor Erwin Heerich que denotam a influência dos seus desenhos geométricos.

As pequenas estruturas de tijolo dispersas no parque concebidas por Heerich partiram dos elementos esculturais que ele desenvolveu através da pesquisa e da prática artística ao longo da sua carreira. Apesar de não ser evidente, o escultor defende que os pavilhões não foram pensados para se relacionarem com um determinado estilo de arquitectura ou com as condicionantes topográficas do sítio, mas sim como objectos autónomos desenvolvidos a partir de uma pesquisa geométrica que responde apenas às regras intrínsecas da sua própria forma. No entanto repara-se facilmente que a estereotomia do tijolo que se altera nos lintéis dos vãos fazendo lembrar algumas construções que existiam no local, e a própria implantação dos edifícios e os percursos entre eles é algo altamente propositado variando conforme a vegetação e a presença da água no parque. Os pavilhões partilham uma altura similar, bem como a sua materialidade e textura do tijolo no exterior que se altera no interior com as paredes brancas e o pavimento em mármore ou basalto. Cada pavilhão foi desenvolvido a partir de uma forma estereométrica como é usual nos trabalhos deste escultor.

Os primeiros três pavilhões (Orangerie, Graubner-Pavillion, Hohe Galerie) foram construídos em 1983 com a colaboração do arquitecto Hermann Müller. Nos anos seguintes foram construídos os outros edifícios, (Labyrinth em 1985/86; Turm em 1988; Tadeusz Pavillion, Schnecke e Zwölf-Räume-Haus de 1991 a 1993) alguns como espaços de exposição e outros apenas como espaços esculturais percorriáveis, complementados com uma biblioteca e algumas salas de debate⁽¹²⁾.

(12) - Informações sintetizadas e traduzidas de artigos escritos na língua inglesa e alemã nos sites <http://socks-studio.com/2015/02/22/chapels-in-the-landscape-erwin-heerichs-11-pavilions-for-the-museum-insel-hombroich/> e <http://www.inselhombroich.de/museum-insel-hombroich/museum/>

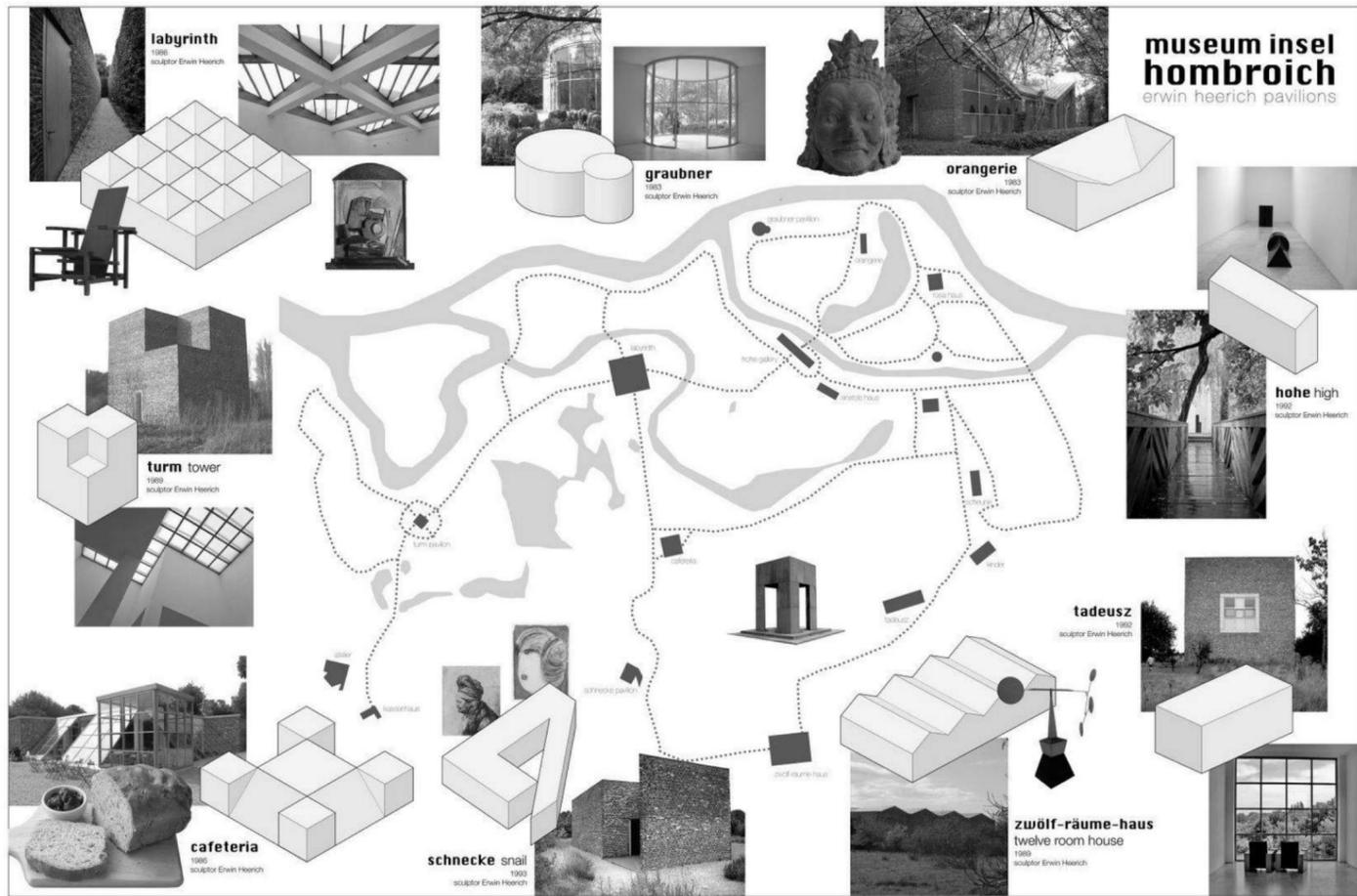


Fig. 17 - Mapa do Museu Insel Hombroich



Fig. 18 - Entrada do Museu Insel Hombroich



Fig. 19 - Turm



Fig. 20 - Labyrinth



Fig. 21 - Hohe Galerie



Fig. 22 - Graubner Pavilion



Fig. 23 - Zwölf-Räume-Haus



Fig. 24 - Schnecke



Fig. 25 - A igreja (i)material e a igreja de Looz ao fundo



Fig. 26 - Igreja maciço-transparente

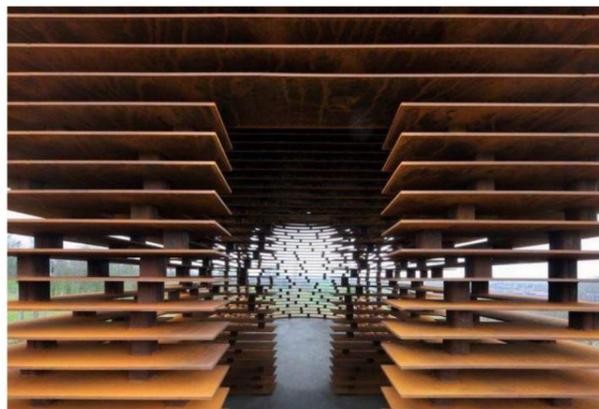


Fig. 27 - Entrada da igreja

III.IV.II Reading between the Lines

O projeto "Reading between the lines" situa-se na periferia de Looz, localidade pertencente à província de Limburg, Bélgica. A sua autoria é da dupla de jovens arquitectos Gijs Van Vaerenbergh, constituída por Pieterjan Gijs (1983) e Arnout Van Vaerenbergh (1983). Esta colaboração tem realizado, desde 2007, projectos em espaços públicos que partem de premissas arquitetónicas mas que têm uma intenção artística, ou seja, nem sempre são originados por iniciativa de algum cliente, mas sim por iniciativa dos arquitetos que decidem ser radicalmente autónomos. As suas principais preocupações são a experiência, a reflexão, a envolvimento físico do resultado final da obra a percepção que cada visitante tem dela.

A igreja imaterial parte de uma iniciativa dada pelo Museu de Arte Contemporânea da cidade de Hasselt cujo objetivo é apresentar arte em espaços públicos na província de Limburg. Os arquitetos delinearam uma ciclovia que leva as pessoas da localidade até à zona deste objeto situado no campo, inspirado formalmente na igreja local de Looz, que tem como meta reavivar na memória das pessoas a existência das igrejas (agora inexistentes) espalhadas pelos campos agrícolas do local, a que os trabalhadores do campo recorriam para murmurar as suas preces. A obra tem um embasamento em betão armado onde pousam cerca de 2000 pequenas colunas que suportam as sucessivas lâminas que dão forma ao interior e exterior da igreja, totalizando cerca de 30 toneladas de aço⁽¹³⁾.

Dependendo da perspetiva do espetador, a igreja ora é maciça, ora é transparente, ora é ambos. Quem a vê de dentro para fora presencia um jogo abstrato de linhas que redefinem o que é visível no exterior. Desta forma a paisagem envolvente torna-se parte integrante do projeto da igreja, pois as linhas que a constroem permitem que a paisagem complemente o espaço entrelinhas, formando um novo todo.

Como premissas arquitetónicas do projecto destacam-se a escala, a implantação, a materialidade e textura do aço corten bem como os detalhes construtivos, mas depois há uma intenção artística que se prende com a indefinição da função da igreja, podendo ser considerada em parte como uma escultura em que se pode entrar.

O resultado final pode ser interpretado sob várias leituras possíveis e distintas, seja como obra arquitetónica ou obra escultórica, ou ambas, o espaço interior e a percepção exterior desta igreja (i)materializada acabam sempre por resultar numa experiência visual inesperada.

(13) - Informações sintetizadas e traduzidas de artigos escritos na língua inglesa nos sites <http://www.archdaily.com/298893/reading-between-the-lines-gijs-van-vaerenbergh> e <http://gijsvanvaerenbergh.com/2-out/#en>

Depois de analisar os seis casos levados a cabo pelo projecto ASAS, conclui-se que:

- predominam os projectos de reabilitação e reconstrução, sendo poucos os projectos construídos de raiz;
- é visível a falta de planos locais de ordenamento territorial, excepto nas Aldeias Vinhateiras do Douro e em Querença;
- todos os projectos derivam de forma exclusiva de recursos endógenos, sejam gastronómicos, sejam paisagísticos ou cinegéticos.

Perante este método um pouco introvertido de olhar apenas para os recursos endógenos, cai-se num "erro de mercado", ou seja, todas as aldeias de determinadas regiões têm como potências económicas produtos muito similares, roubando potenciais clientes umas às outras. Faz falta algo que seja diferente em cada região, porque é essa diferença que pode tornar aquele sítio mais atrativo. Por vezes só quem está de fora destas realidades consegue perceber que talvez o sucesso parta de um equilíbrio entre os recursos endógenos e os recursos exógenos da zona. Não tirando mérito ao que tem sido feito de modo a revitalizar aldeias, as interpretações, ainda que feitas por pessoas diferentes têm tornado vulgares programas como museus e centros interpretativos de vinho, pão, enchido, água, entre outros recursos endógenos não apenas de uma ou outra aldeia, mas de regiões inteiras.

Em relação às intervenções em Montemor-o-Velho, salienta-se a força de vontade e a paciência com que se devem encarar entraves a um plano de desenvolvimento coerente, que demonstra que é necessário um excelente conhecimento do território para perceber o que o pode alavancar tanto em termos locais, como o Plano de Salvaguarda do Centro Histórico da vila que incide na vivência dos seus habitantes, como em termos internacionais, no caso do Centro Náutico de Alto Rendimento que visa impulsionar o nome desta vila portuguesa para todo o mundo através do desporto.

O museu Insel Hombroich é um bom exemplo de revitalização de zonas abandonadas onde estavam instalados antigos campos militares que ao longo do tempo foram circundados por campos agrícolas e que agora oferecem uma experiência única, tanto aos arquitectos que projectam os percursos e os pavilhões, como aos escultores e pintores que neles trabalham e expõem e, por fim, às pessoas que se deslocam agora a estas "ilhas" esquecidas para visitar os novos complexos museológicos onde as artes como arquitectura, escultura e pintura se entrelaçam de forma intrínseca com a paisagem cenográfica, substituindo de forma exemplar os campos militares desmobilizados. Deste exemplo sobressai o facto do percurso entre as várias salas do museu ser literalmente um corredor exterior com alguma distância fazendo com que haja mais tempo de reflexão do que foi visto de pavilhão para pavilhão, bem como um afastamento e uma aproximação gradual das obras que se faz alternadamente com a apreensão do território envolvente.

O último exemplo dos arquitectos Gijs Van Vaerenbergh é tão insólito quanto interessante, na medida em que consegue clarificar simultaneamente conceitos opostos como o maciço e transparente, material e imaterial, passado e futuro, o esquecido e o lembrado, chegando à indecisão se o objecto é escultórico ou arquitectónico. Afinal esta igreja (i)material tem interior e exterior, é percorrível e apesar de não abrigar as pessoas do vento é capaz de as abrigar da chuva. Não sendo um objecto consensual desperta uma curiosidade natural nas pessoas e cumpre o objectivo de reavivar na memória da comunidade actual a presença de estruturas similares a esta nos campos do passado.



IV. VIDEMONTE

Fig. 28 - Ortofotomapa da freguesia de Videmonte





Fig. 25 - Aglomerado urbano de Videmonte visto da zona dos Cabrizes, Agosto de 2015

*"Videmonte tem um passado por descobrir,
Tem potencialidades por aproveitar,
Muitos caminhos a abrir,
Um futuro para realizar,*

*Videmonte tem a sabedoria dos antigos,
E dos Jovens a irreverência,
Recebe sempre bem os amigos,
Faz disso um uso e uma crença,*

*Videmonte tem juventude que baste,
Sangue a correr nas veias,
É necessário que não desgaste,
A força de vontade e as ideias."*

Evaristo Branquinho, 22 Julho de 1998

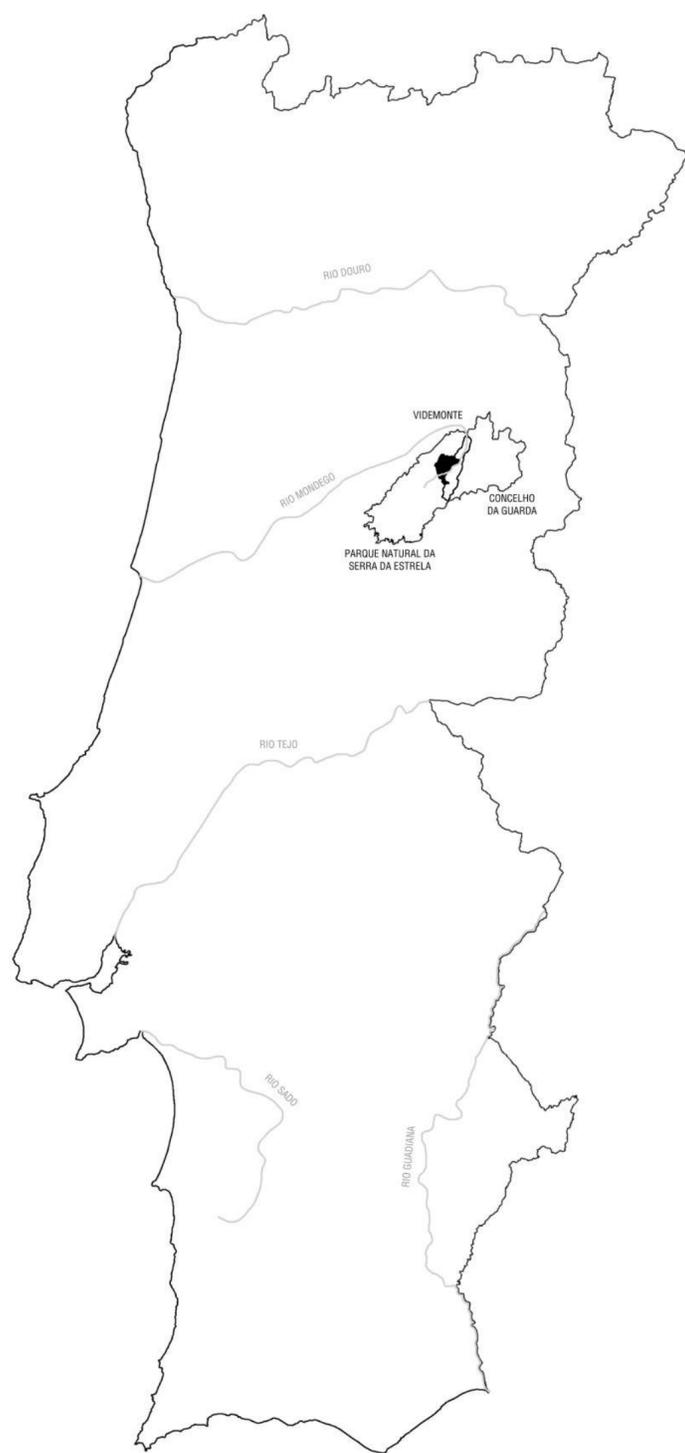


Fig. 30 - Mapa de Portugal com a localização da freguesia de Videmonte.



IV.1 Enquadramento Nacional

A região à qual se dá a denominação de Beira abarca uma vasta área limitada a Norte pelo rio Douro, a Sul o rio Tejo, a Oeste pelo Oceano Atlântico e a Este pela fronteira de Espanha. Trata-se, no entanto, de uma região que não é uniforme e cujas diferenças nem sempre são simples de compreender. De facto, vários foram os autores que tentaram compartimentá-la; Leite de Vasconcelos divide-a em três regiões, porventura as designações mais usadas: Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral. No entanto, esta é uma divisão pouco pormenorizada, uma vez que mesmo dentro destas regiões não existe a uniformidade que se esperaria. A freguesia de Videmonte situa-se na Beira Alta, região onde diferentes influências se conjugam, originando uma multiplicidade de factores e condicionantes. Orlando Ribeiro no seu estudo sobre as condicionantes infligidas pelo atlântico e pelo mediterrâneo em Portugal continental, divide o país devido a três influências: norte interior, norte litoral e sul mediterrânico. Todas elas são passíveis de se encontrar na Beira, enquanto a norte do Douro apenas se encontram as duas primeiras e a sul do Tejo a última, o que mostra a complexidade das influências na região beirã⁽¹⁴⁾. Um dos principais elementos estruturantes da região é a Cordilheira Central, cujo maciço central domina por completo a paisagem. A Serra da Estrela constitui assim o "coração" da Beira Alta. Ela não surge apenas como divisora física do espaço, mas também o condiciona em termos de geomorfologia, clima, flora e fauna. Videmonte é a terceira maior freguesia do Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE) e a maior do concelho da Guarda, com 5 392 hectares de área. Localiza-se a 18 quilómetros da cidade da Guarda, sede de concelho e de distrito a que pertence e a cerca de 56 km do ponto mais alto da Serra da Estrela e de Portugal continental, com 1993m de altitude.

(14) Considerações retiradas do livro "Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico" da autoria de Orlando Ribeiro, colecção "nova universidade", Livraria Sá da Costa editora, 7ª edição, 1998, Lisboa, p. 188, 189.



Fig. 31 - Ortophotomapa da região de Videmonte

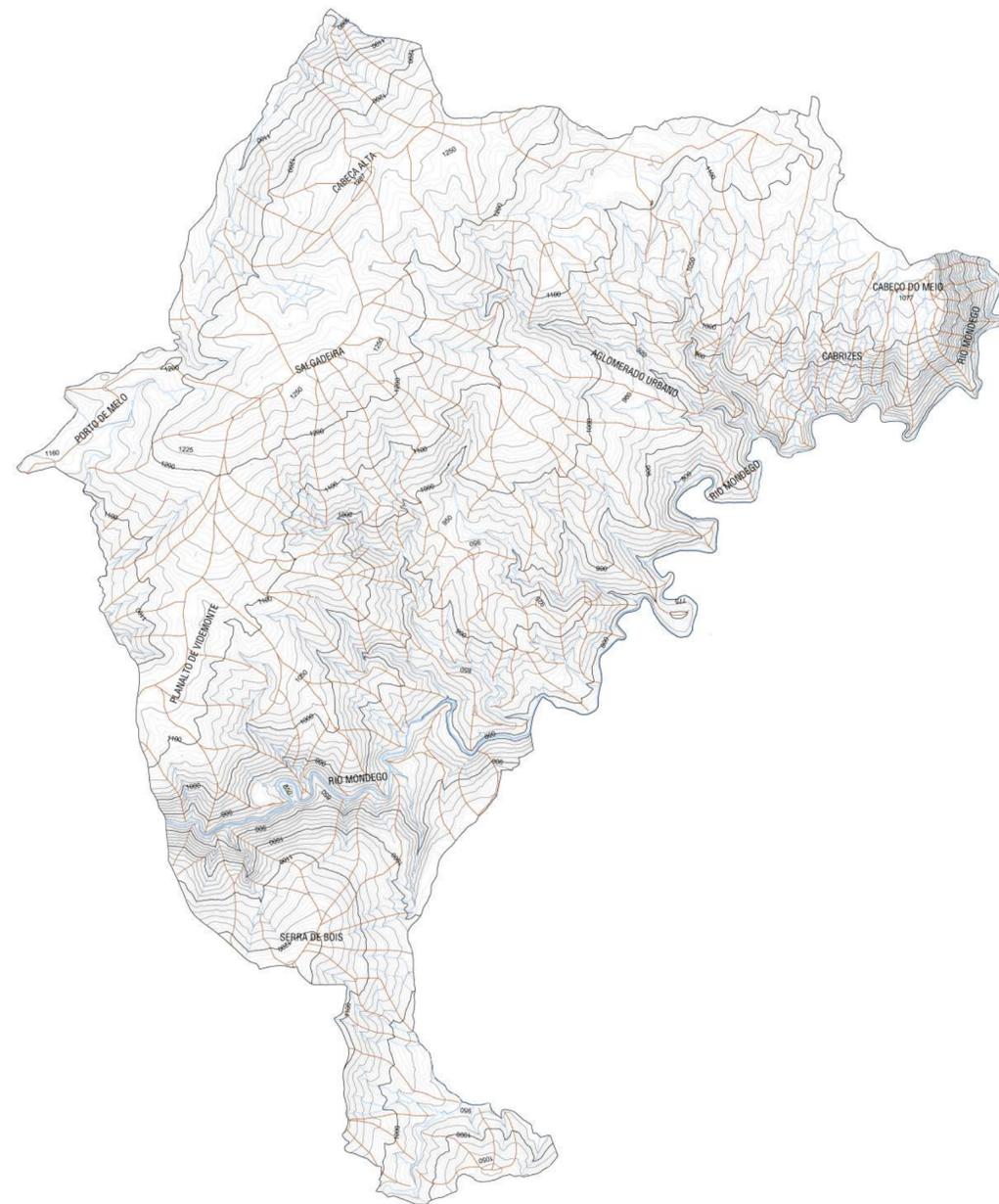


IV.11 Enquadramento Regional

Neste ortofotomapa é visível a área do Parque Natural da Serra da Estrela a Sudoeste, entrelaçada com o Concelho da Guarda representado pelas suas freguesias a Nordeste. Videmonte situa-se numa faixa restrita de freguesias que pertencem simultaneamente ao concelho da Guarda e ao Parque Natural da Serra da Estrela. A cidade da Guarda sobressai claramente como pólo de desenvolvimento, capital de distrito mais próxima da Serra da Estrela e a mais alta de Portugal chegando a atingir 1056 metros de altitude na Torre de Menagem. Já no Parque Natural da Serra da Estrela, destacam-se duas áreas de Valores Paisagísticos Excepcionais⁽¹⁵⁾:

- uma é o planalto de Videmonte, que traduz a par de um relevo também específico de altitude, uma paisagem serrana de pastagem e culturas de sequeiro, mais trabalhada e intervencionada pelo Homem, de grande valor cénico e cultural.
- a outra é o Planalto Central (a unidade de maior altitude) - de características alpinas e glaciárias, de grandes manifestações geológicas, rochosas e morfológicas, ou seja, uma unidade praticamente no seu estado natural, não trabalhada pelo Homem, onde se inclui também o Vale Glaciar do Alto Zêzere;

(15) - Dados retirados da Revisão do Plano de Ordenamento do Parque Natural da Serra da Estrela executado pelas empresas ERM Portugal, e Lda Hidrorumo, Projecto e Gestão SA. Documento datado de 2008.



IV.III Análise do Território

IV.III.1 A Topografia e a Hidrografia

Quanto à topografia, o território de Videmonte situa-se a uma cota média de cerca de 960 metros de altitude, sendo o ponto mais baixo o rio Mondego à saída do limite Este da freguesia com 630 metros de altitude e o mais alto situado na zona da Cabeça Alta a 1287 metros de altitude. O rio Mondego faz grande parte do limite Este da freguesia e atravessa o sul desta, fazendo parecer a zona da Serra de Bois um pequeno acrescento ao resto do território situado a Norte. Apesar do percurso brusco e serpenteado do Alto Mondego, com vales acentuados nas proximidades deste, eles tornam-se mais suaves à medida que a altitude aumenta formando-se planaltos nas cotas mais elevadas. Os vários vales caracterizam-se por terem uma grande quantidade de nascentes naturais nas suas proximidades pois, além de escoamento natural superficial, existe um grande escoamento através de lençóis de água subterrâneos. Já os festos caracterizam-se sobretudo pela marcação territorial de vias e caminhos de pé posto.

Fig. 32 - Planta do território da freguesia de Videmonte





IV.III.II As Vias e o Edificado

A construção no território de Videmonte por acção do Homem está intimamente relacionada com as suas características. O próprio aglomerado urbano prova isso ao desenvolver-se ao longo de uma via pavimentada que coincide com um linha de festo situada entre a Ribeira do Mouro a Sul e a Ribeira do Maranhão a Norte, ambas afluentes do Rio Mondego. Da mesma forma que os festos se percebem pelas longas vias, também as curvas de nível se entendem através da grande parte das vias não pavimentadas que ligam as vias dos festos e as cruzam perpendicularmente. Depois, a partir destas existem pequenos troços que levam a locais mais isolados como grande parte das quintas agora abandonadas situadas na serra a poente do aglomerado urbano, constituídas por algumas construções independentes consoante a sua função. É perceptível também a inexistência de construções e de vias em algumas zonas como o vale do rio Mondego entre a Serra de Bois e o Planalto de Videmonte e os Cabrizes devido ao facto de serem zonas acidentadas, dificilmente acessíveis e improdutivas.

Fig. 33 - Plantas das vias e do edificado da freguesia de Videmonte



IV.III.III O Uso dos Solos

Para além de uma pesquisa cuidada de dados topográficos e da construção do território pelo Homem, destacam-se os recursos endógenos da aldeia, isto é, o que é que naturalmente este território tem apetência para dar ao homem, para que em troca o homem cuide do território de modo a que a zona seja dinamizada através desta acção mútua. Para isso, fez-se um levantamento actual da ocupação dos solos da freguesia de modo a compreender essas apetências territoriais.

A zona urbana é a zona mais pequena e destaca-se por um aglomerado central denominado "Povo", rodeado de outros 5 aglomerados, os "Bairros" desenvolvidos ao longo das vias rodoviárias. A unir os bairros estão as zonas hortícolas, áreas de agricultura familiar de subsistência. A zona improdutiva ocupa a parte nascente da freguesia. É constituída essencialmente por grandes rochas graníticas e pedras de menores dimensões que tornam assim impossível a prática da agricultura neste local. A zona inculta ocupa uma área considerável e tem vindo a aumentar ao longo dos últimos anos; a maior parte dela já foi cultivada, e encontra-se agora abandonada, onde crescem sobretudo giestas que, apesar de servirem de abrigo à fauna existente, constituem zonas de alto risco de incêndio, pois são impenetráveis.

As zonas de lameiro situam-se em zonas de linhas de água; apesar de não ocuparem uma área significativa, é dos lameiros que pelo mês de Junho se corta o feno para os agricultores que vivem da agro-pecuária alimentarem aos animais durante os meses de inverno. As zonas florestadas têm vindo a aumentar, substituindo a agricultura de sequeiro e alguns terrenos incultos; esta cultura detém a maior parte da área da freguesia. A zona de azinheiral situa-se nas margens acidentadas do alto Mondego a sul da freguesia; por serem zonas praticamente inacessíveis e constituídas por um solo bastante pedregoso podem também ser consideradas improdutivas, sendo as azinheiras as únicas plantas presentes em abundância neste local de características propícias ao seu desenvolvimento. Os soutos ou conjuntos de castanheiros ocupam principalmente os arredores das zonas hortícolas, dispersando-se depois para sudoeste em vales soalheiros, sendo os soutos mais novos plantados em terrenos mais planos segundo matrizes ortogonais. Por fim, as zonas de centeio, razão pela qual a paisagem do planalto de Videmonte é destacada no PNSE e tomada como um ecossistema único.

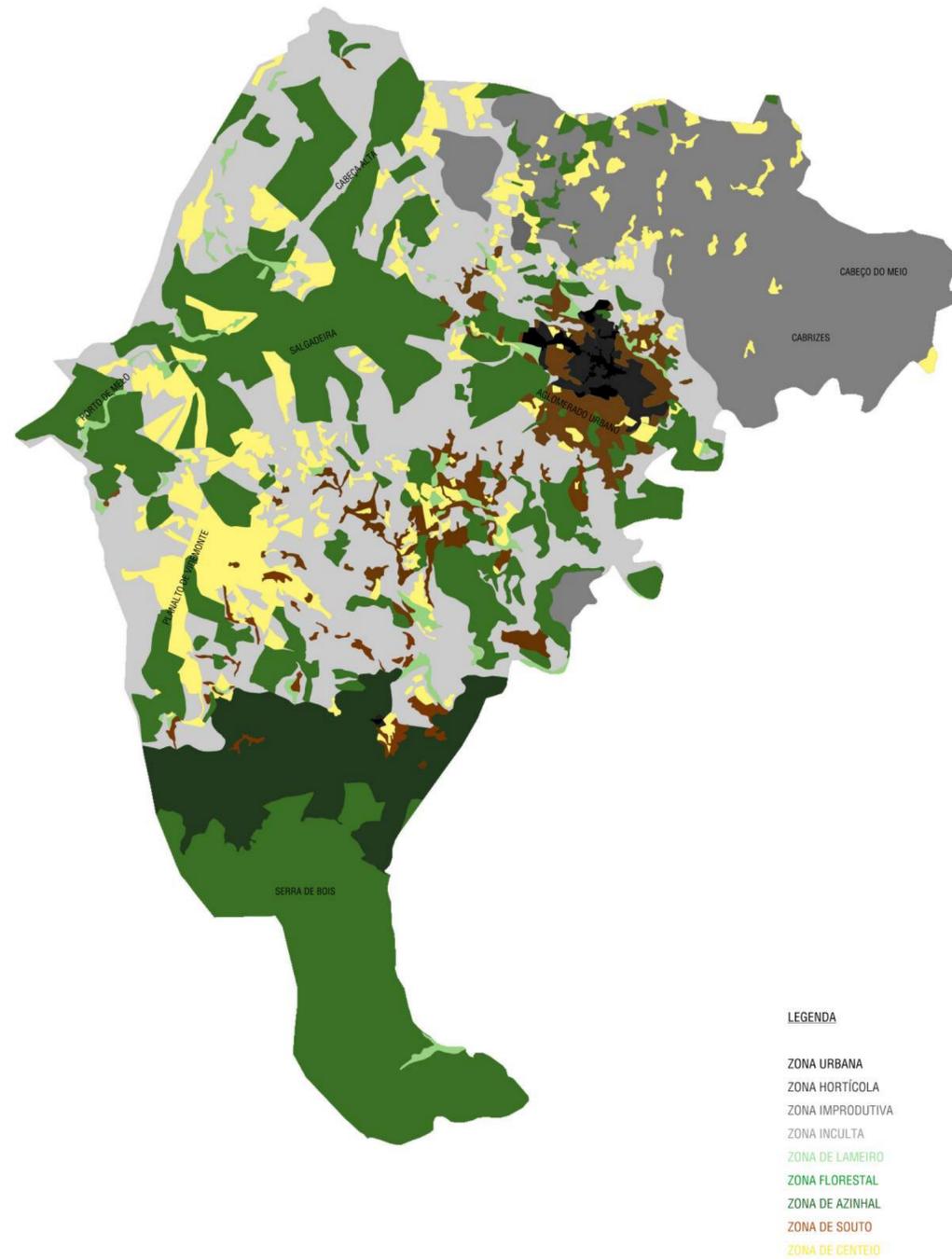


Fig. 34 - Planta do uso dos solos da freguesia de Videmonte

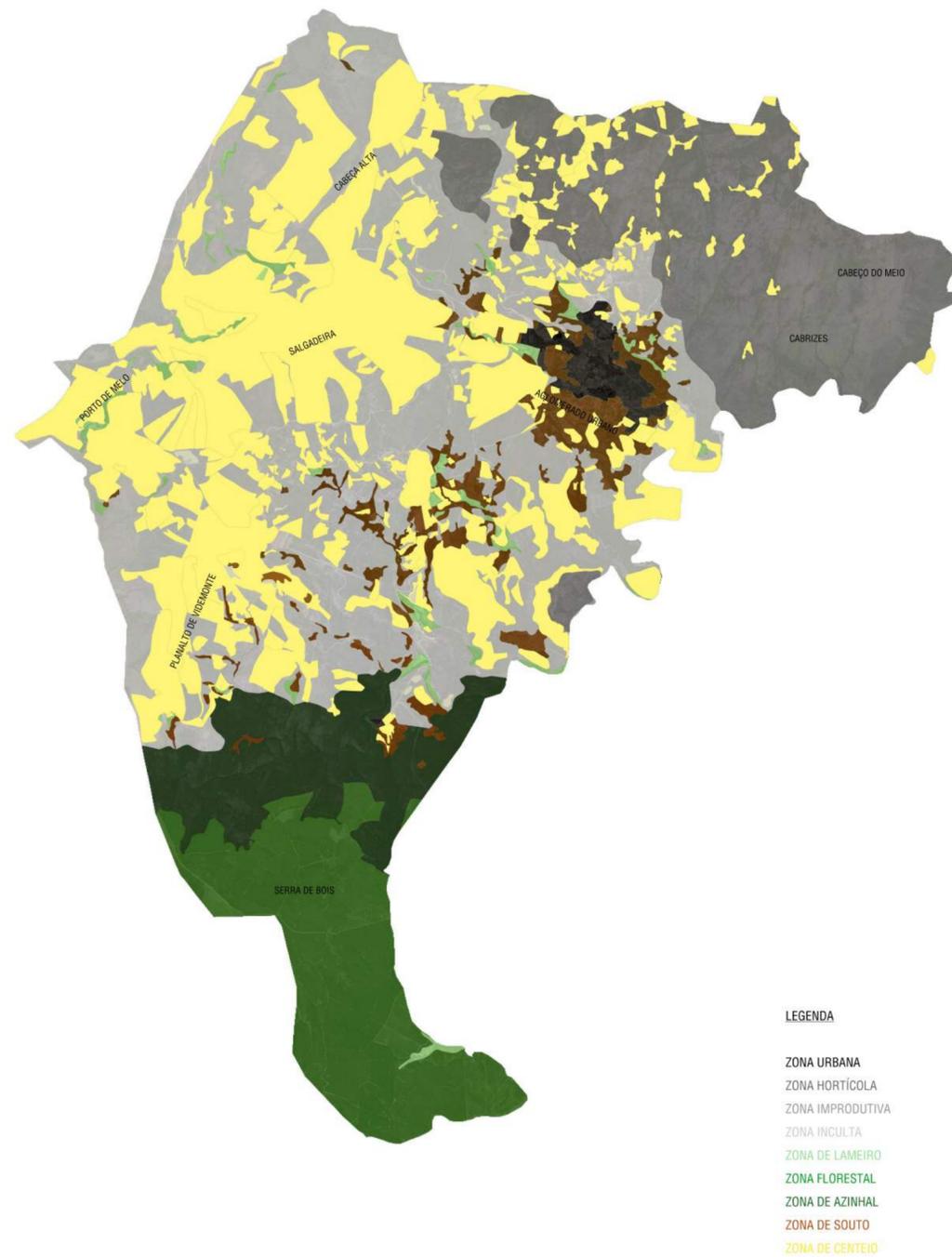


Fig. 35 - Planta supositiva do uso dos solos da freguesia de Videmonte durante a década de 1980



O problema é que estes campos se encontram actualmente em "vias de extinção". Nos anos 90 as políticas agrícolas criaram subsídios aliciantes para os agricultores que fizessem projectos florestais, e como as florestas dão muito menos trabalho que a cultura de sequeiro, facilmente as grandes searas deram lugar a florestas de pinheiros, carvalhos, áceres, e outras espécies arbóreas.

Em conversa com alguns agricultores que trabalham e residem em Videmonte e que detêm uma área considerável de zonas florestadas, todos assumiram terem limpo alguns terrenos incultos para cultivar centeio, mas quando foram confrontados com a ideia de que poderiam plantar árvores naqueles terrenos, receber um subsídio anual, sem terem que trabalhar nas florestas todos os anos, a escolha tornou-se óbvia, pois a cultura do centeio, para além de muito trabalhosa, é anual. A partir da recolha desse testemunho é possível alterar o levantamento actual dos usos dos solos da freguesia de modo a perceber a decadência da cultura do centeio, sendo a diferença visível na página à esquerda, comparando-a com a da página 49.

Nas Memórias Paroquiais de, na época denominado, "Vide do Monte", recolhidas a 21 de Maio de 1758 pelo prior José Duarte Lima, este escreve em relação à serra daquele lugar, que se cultiva grande parte dela e o fruto é o centeio; refere também a abundância do fruto da castanha, de lã e de linho.



LEGENDA

- AGLOMERADO URBANO DE VIDEMONTE
- FÁBRICAS TÊXTEIS NOS TRINTA

Fig. 36 - Ortoretophotomapa da freguesia de Videmonte e a sua relação com a freguesia de Trinta

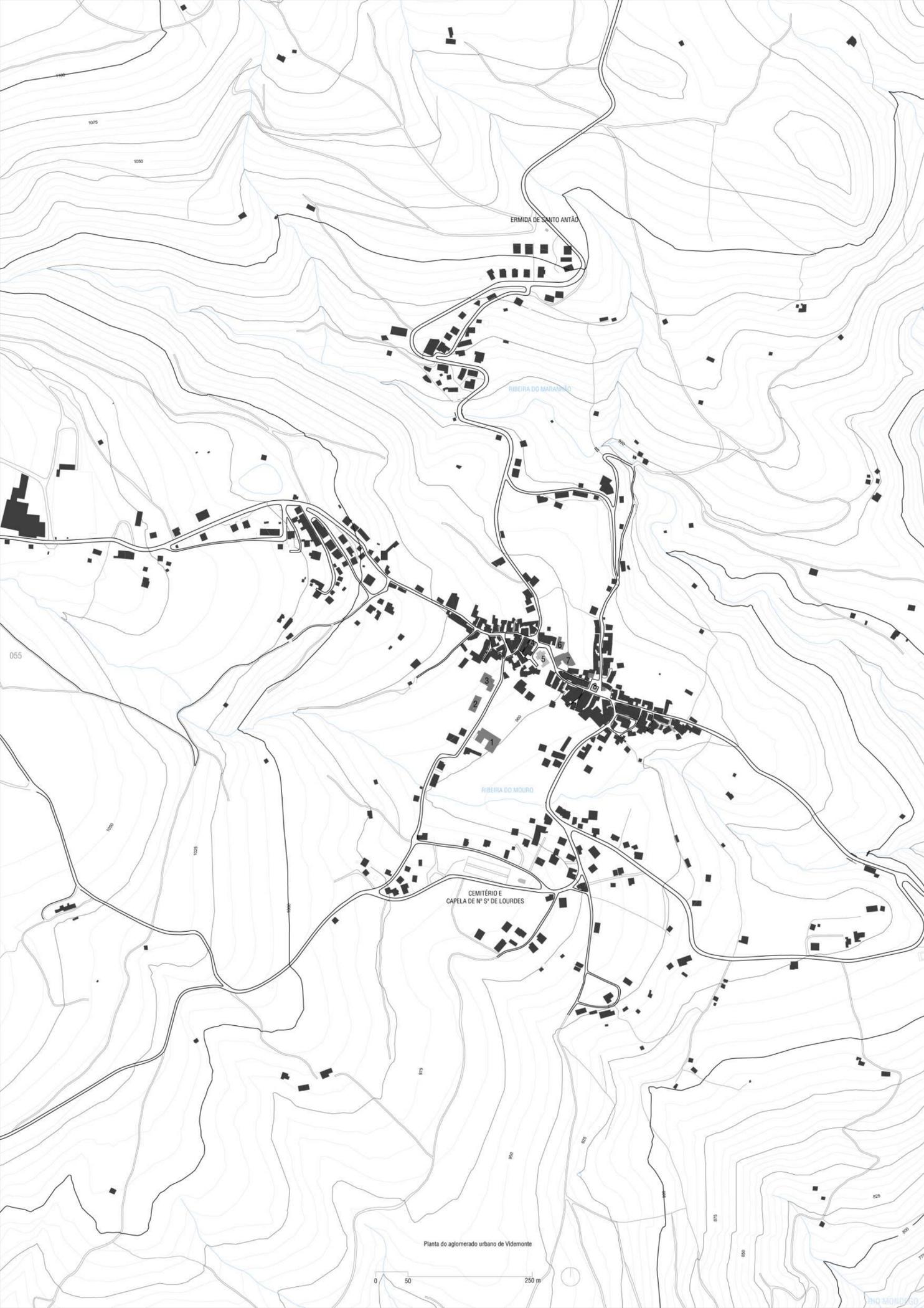


IV.III.IV As Pessoas

Actualmente as principais actividades económicas em Videmonte são, para além da agricultura e da pastorícia, a construção civil, a florestação e o pequeno comércio. Nas décadas de 1950 e 1960 a agricultura era de longe a principal actividade económica, com pessoas a trabalhar de sol a sol. Havia muito trabalho que dava pouco dinheiro, mas havia pessoas.

A industrialização alastrou-se e o trabalho agrícola manual deixou de fazer sentido. A partir da década de 60, as pessoas da freguesia começaram a emigrar sobretudo para a França, Brasil e Estados Unidos da América. Alguns jovens foram combater para a guerra colonial, abandonando também a aldeia. Videmonte atingiu em 1960 um registo de 1190 habitantes. A partir dessa altura começou a perder população gradualmente tendo nos últimos censos de 2011 apenas 478 habitantes.

Grande parte das pessoas que não emigraram foram trabalhar nas fábricas de fição que já existiam na aldeia vizinha de Trinta. Esta situa-se a 5 km de Videmonte e era lá que se transformava lã em fio e com o fio se fabricavam cobertores que depois comercializavam para o resto da Europa. Estas unidades industriais tornaram-se bastante importantes para Videmonte, pois empregavam a maior parte da sua população activa, mas neste momento, encontram-se fechadas e em processos de insolvência. A maior parte das pessoas agora desempregadas vivem das pequenas hortas que possuem junto às suas casas. Outras pessoas aproveitam para se dedicar à agro-pecuária, tratando de animais e produzindo queijo, requeijão, pão centeio, bôlas de carne e enchidos. Estes produtos são confeccionados empiricamente sem qualquer inspecção alimentar certificada, pelas pessoas de Videmonte; são divulgados de boca em boca e curiosamente algumas pessoas passaram a produzir menos para comer e mais para vender a partir da própria porta de casa ou em ocasiões como a Feira de São João Baptista e a Festa do Pão Nosso realizadas anualmente em Videmonte pela altura do Verão. Os clientes são pessoas que se deslocam lá sazonalmente, quer sejam pessoas da terra, quer sejam pessoas que não têm raízes em Videmonte mas que visitam a aldeia devido às actividades cinegéticas, ambientais e culturais.



IV.IV Análise Histórico-Morfológica

A localização de Videmonte numa crista montanhosa, onde o acesso se faz com dificuldade, sujeita a diversos factores ambientais adversos, condicionaram o crescimento e a estrutura da aldeia.

O seu desenvolvimento fez-se ao longo de um eixo com orientação Noroeste/Sudeste, e que é ainda hoje a principal via de comunicação que atravessa a povoação. Desto modo, o núcleo mais antigo da aldeia adquiriu uma forma longitudinal.

Os primeiros vestígios conhecidos da existência de um povoamento neste território, remontam à Idade do Ferro, tendo sido detectados sítios arqueológicos na zona envolvente à aldeia de Videmonte como na zona do Santo Antão, na Serra de Bois situada no sul da freguesia e as Sepulturas Rupestres na Quinta da Menoita.

Tudo aponta para que a esta aldeia fizesse parte de uma rede de povoados que usufruíam dos diversos recursos naturais que o território envolvente lhes oferecia, nomeadamente a existência de linhas de água, terrenos agrícolas e pastagens.

A presença do rio Mondego e o número de nascentes naturais nesta zona teve decerto grande importância na fundação dos pequenos povoados que se encontram dispersos pelos cabeços da serra, organizados de modo a formar uma rede que permitia um controle defensivo do vale do Mondego (também fundamental no escoamento dos minérios extraídos das diversas minas aqui existentes).

Talvez devido à sua localização geográfica, não se verificou um processo de romanização na aldeia de Videmonte, existindo poucos vestígios da presença romana. Tendo em conta a evolução histórica das aldeias vizinhas, e assumindo que esta sofreu influências semelhantes, é possível elaborar a hipótese de que Videmonte fez parte do conjunto de povoados que reorganizaram o território português, junto à Serra da Estrela, aquando dos primeiros tempos da monarquia portuguesa. Provavelmente com a consolidação do município de Linhares da Beira (Foral em 1169 de D. Afonso Henriques), a cujo termo Videmonte pertenceu, esta aldeia terá começado a desenvolver-se⁽¹⁶⁾.

As primeiras alusões à freguesia no período medieval, datam do ano de 1256, na altura da divisão das igrejas da região entre as dioceses de Coimbra e da Guarda; nesta partilha a igreja de *Santi Johannes de Vite Montis* é atribuída a esta última diocese. Os registos existentes sobre o rendimento da igreja desta aldeia permite concluir que (em comparação com outras aldeias da região), Videmonte seria à data um aglomerado de dimensões razoáveis⁽¹⁷⁾.

Devido à falta de elementos históricos documentados sobre o desenvolvimento da aldeia de Videmonte a partir da Idade Média, é apenas possível tentar compreender o seu crescimento a partir da observação das construções existentes.

LEGENDA

- 1 - LAR E CENTRO DE DIA
- 2 - ESCOLA PRIMÁRIA
- 3 - CRECHE
- 4 - CASA DE TURISMO RURAL
- 5 - IGREJA MATRIZ
- 6 - CASA DO PADRE
- 7 - CENTRO CULTURAL E JUNTA DE FREGUESIA
- 8 - CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

(16) - Informação retirada de *Breve estudo social, urbanístico e patrimonial da aldeia de Videmonte* elaborado pela Câmara Municipal da Guarda (Gabinete Técnico Local) – 2003/2004.

(17) - O nome da freguesia aparece numa descrição consultada no site videmonte.blogspot.pt em que a data que aparece relativa à divisão das freguesias pelas dioceses é de 1363 e não de 1256. Perante a indecisão foi consultada a tese de mestrado incidente em Videmonte da autoria de Elsa Figueiredo onde também aí se optou por considerar o ano mais antigo. Provavelmente estas questões iam sendo tratadas conforme a reconquista de terras aos mouros pelos Portugueses, aprendendo-se estes a criar povoados, concelhos, e dioceses de modo a fixar-se intrinsecamente nos novos territórios.



Fig. 37 - Travessa do Forno que liga a Capela de Sto António à Igreja



Fig. 38 - Diferença da materialidade e proporção entre o Forno Comunitário e as habitações adjacentes

IV.V Análise arquitetónica

Através da análise "in loco" do conjunto arquitetónico da aldeia, foi possível averiguar que os edifícios mais antigos datam entre os séculos XVI/XVII e o séc. XIX, não tendo sido registado no núcleo da aldeia nenhum vestígio arquitetónico ou artístico anterior ao séc. XVI. Segundo os vestígios arquitetónicos e datações encontradas na aldeia, o núcleo original de Videmonte terá tido provavelmente origem na zona que se estende da Igreja Matriz até à área a Norte da Capela de St. António.

Pensa-se que parte deste último espaço, nomeadamente o largo de St. António, terá sido em tempos o curral do povoado ou mesmo o rossio – lugar de trocas comerciais e reunião da população. Não existem provas concretas destas antigas designações, apenas se tem como fonte o saber popular, passado de boca em boca. No entanto, o que hoje permanece da alegada importância deste espaço, é o facto de este ainda nos nossos dias possuir um papel bastante relevante na vivência da aldeia. É aqui que o povo se junta nas tardes solarengas de Inverno, e se refugia na sombra dos dias quentes de Verão, permanecendo assim, um lugar de encontro e convívio.

Através da observação da aldeia de Videmonte é possível concluir que no seu núcleo antigo ainda existe um elevado número de casas de carácter tradicional, apesar de esta aldeia não estar presente no importante Inquérito da Arquitectura Popular Portuguesa desta região das beiras⁽¹⁸⁾.

Em oposição, e através de uma análise mais detalhada, é fácil perceber que apesar da grande maioria das casas de carácter tradicional se encontrarem no núcleo antigo da aldeia, existe um número ainda razoável de edificações que não respeitam os materiais e tipologias tradicionais, tornando-se dissonantes das restantes. As construções mais recentes localizam-se sobretudo nas áreas mais periféricas da aldeia, encontrando-se todavia alguns exemplares na zona mais antiga. A permanência num espaço onde existem elementos que chocam entre si modifica a percepção desse mesmo espaço, podendo provocar a limitação do seu uso. Quando numa aldeia, como Videmonte, onde ainda é possível sentir que se está perante uma aldeia de carácter serrano da Beira Interior Norte, a presença de algumas edificações, mesmo que esporádicas, onde é usada chapa metálica nos telhados, ou azulejos nas fachadas, ou mesmo pelo simples facto da sua volumetria possuir proporções exageradas, levam à descaracterização do lugar, que poderia fazer uso da sua tradição arquitetónica para se "promover", nomeadamente através do turismo.

Para além do edificado, existem outros elementos construídos que podem influenciar o carácter de um local, como o mobiliário urbano, que no caso de Videmonte se encontra gasto e mal enquadrado. A simples realocação de alguns elementos, a substituição e introdução de novos mobiliários, nomeadamente bancos ou papeleiras, em muito colaboraria para contrariar a tendência crescente da perda de identidade da aldeia. Deste modo, para que se consiga um ambiente urbano equilibrado, não se pode pensar apenas na conservação de um ou outro elemento, mas sim na conservação de um todo.

(18) - A realização do Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa a esta zona da Beira Interior Norte (Incluída na zona 3 do inquérito) foi elaborada pelos arquitetos Francisco Keil do Amaral, José Heertas Lobo e João José Malato. Na publicação "Arquitectura Popular em Portugal" que resultou desse inquérito não existem evidências que eles tenham passado pela aldeia de Videmonte, apesar de estar presente a aldeia histórica de Linhares da Beira situada a cerca de 9 km de distância.



Fig. 39 - Uma das casas mais antigas do aglomerado urbano, datada de 1696 no lintel de granito



Fig. 40 - Da casa mais antiga em primeiro plano à mais recente em terceiro plano

Da materialidade tradicional existente hoje em dia na aldeia fazem parte a pedra de granito emparelhada, a pedra de xisto usada tanto nas paredes como ainda em algumas coberturas (principalmente em beirais) e a antiga telha de canudo, substituída depois pela telha marselha muito usada a partir dos meados do século XX. O colmo era também usado antigamente, mas como a palha se tinha que trocar de entre duas semanas a um mês (dependendo das condições atmosféricas) deixou de existir devido à sua durabilidade. As paredes dos edifícios mais antigos têm uma espessura média de cerca de 60 cm e são autoportantes, onde a estrutura interior (traves, caibros e ripas) são da madeira que, na altura, estava mais à mão sendo a maior parte dela de pinho, castanho ou carvalho.

Curiosamente denotam-se diferenças das casas mais antigas para as menos antigas. As mais antigas são térreas, têm pouca área útil, são construídas praticamente só com pedra de granito de grandes dimensões e algumas mais pequenas nas suas juntas, facilmente se bate com a cabeça no lintel da porta e quase não possuem vãos com exceção de pequenas frestas.

As posteriores têm pedra de granito de (dimensões mais reduzidas que as anteriores) nos cunhais e nos vãos onde são exigidos esforços maiores e pedra de xisto mais pequena no enchimento das anteriores onde apenas são suportados o vento, o telhado e o próprio peso da parede. A estrutura de madeira é ligeiramente mais complexa por haver dois pisos em vez de um só. A habitação passa para o primeiro andar enquanto o rés-do-chão serve no armazenamento de utensílios agrícolas sendo também habitado por animais como vacas, bois, ovelhas, cabras ou porcos. Desta forma, o estrume dos animais produzia calor que aquecia o andar de cima da habitação durante os Invernos rigorosos. No Verão, os animais passavam os dias no campo delimitado por cancelas de madeira.

Nos dias de hoje existem edifícios constituídos por de tudo um pouco. Alguns habitantes possuem casas em pedra que decidem reabilitar e optam por reparar apenas as juntas mantendo a estereotomia do edifício, outras rebocam tudo com cimento e pintam de branco ou revestem a azulejo, outras optam por simplesmente tapar a parede com chapa metálica por a parede em pedra ter infiltrações. Também é frequente a construção de mais um piso adicionado aos outros que se destaca com um acabamento diferente. Como não existe nenhum plano de ordenamento urbano a liberdade construtiva é total, percebendo-se o carácter, quer seja vanguardista, quer seja conservador, do dono através do edifício. A verdade é que, bem ou mal, a aldeia não está propriamente estagnada e está a adaptar-se lentamente à contemporaneidade.



Fig. 41 - Local onde foi desenvolvido o projecto

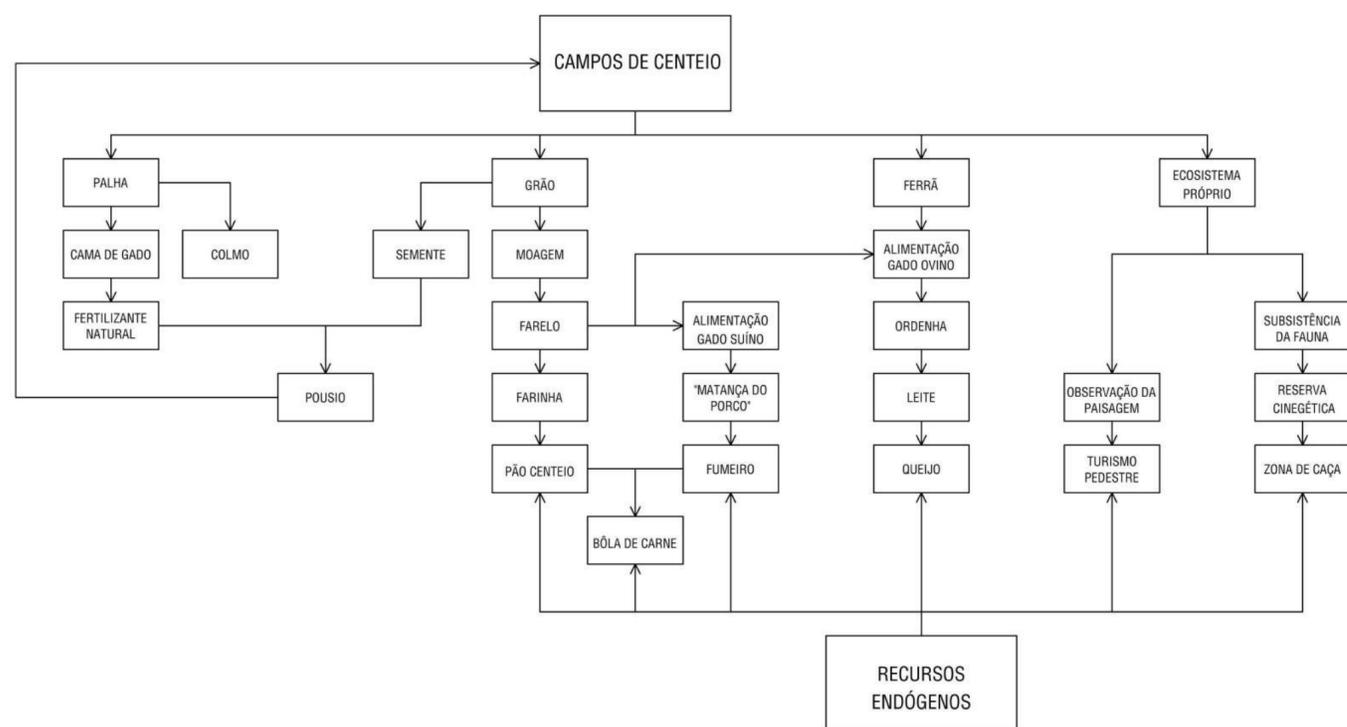


Fig. 42 - Esquema relacional entre os campos do centeio e os recursos endógenos na aldeia

Depois da análise ao território de Videmonte e das conclusões retiradas no capítulo III deste estudo, concluiu-se que um dos maiores problemas que urge resolver na freguesia é o do reconhecimento do próprio território, não só pela maior parte dos próprios habitantes como por pessoas que visitam apenas o aglomerado urbano passando ao lado de paisagens e lugares importantes em termos históricos e culturais.

Assim, partiu-se à descoberta das potencialidades do território desta freguesia, algumas indicadas pelas pessoas que delas apenas ouviram falar, outras simplesmente caminhando. Essas descobertas foram surpreendentes e levaram a um conjunto de várias ideias fortes sempre assentes em rotas ou percursos, pois era através deles que elas eram suscitadas; surgiu o Percurso da Água delineado pelos inúmeros chafarizes e tanques situados no aglomerado urbano e na sua periferia, o Percurso Religioso que ligava as capelas da aldeia e a Igreja Matriz, o Percurso de Banhos ao longo da paisagem íntima criada pela vegetação do alto Mondego e, por fim, o Percurso do Centeio suscitado pela descoberta da sua importância no quotidiano das gentes deste território e que agora se está a perder rapidamente.

Após algum tempo de reflexão, optou-se por explorar neste trabalho o Percurso do Centeio devido a várias razões:

- Nas Memórias Paroquiais⁽¹⁹⁾ da aldeia, na época denominada "Vide do Monte", recolhidas a 21 de Maio de 1758 pelo Prior José Duarte Lima, este escreve em relação à serra daquele lugar, "que se cultiva grande parte dela e o fruto é o centeio", sendo a prova de que há mais de 250 anos que esta cultura se destaca nesta zona;
- Segundo os relatórios do Parque Natural da Serra da Estrela, "o planalto de Videmonte representa o espírito essencial que justifica a existência de um parque natural: a conjugação harmoniosa do Homem com a natureza produzindo assim um ecossistema único, baseado na cultura do centeio"⁽²⁰⁾;
- O Instituto Nacional de Estatística conclui no artigo "Abastecimento alimentar em Portugal"⁽²¹⁾ publicado em Abril de 2013, que "há falta de oleaginosas e de cereais no abastecimento alimentar de Portugal, produzindo apenas cerca de ¼ do que precisa", comprando os restantes ¾ à Espanha, França, Estados Unidos e Canadá;
- Os próprios agricultores de Videmonte admitem, com certa tristeza, a decadência desta cultura por simplesmente não se escoar o seu produto a um preço justo, sendo possível que o que resta desses campos de centeio seja florestado ou simplesmente abandonado.

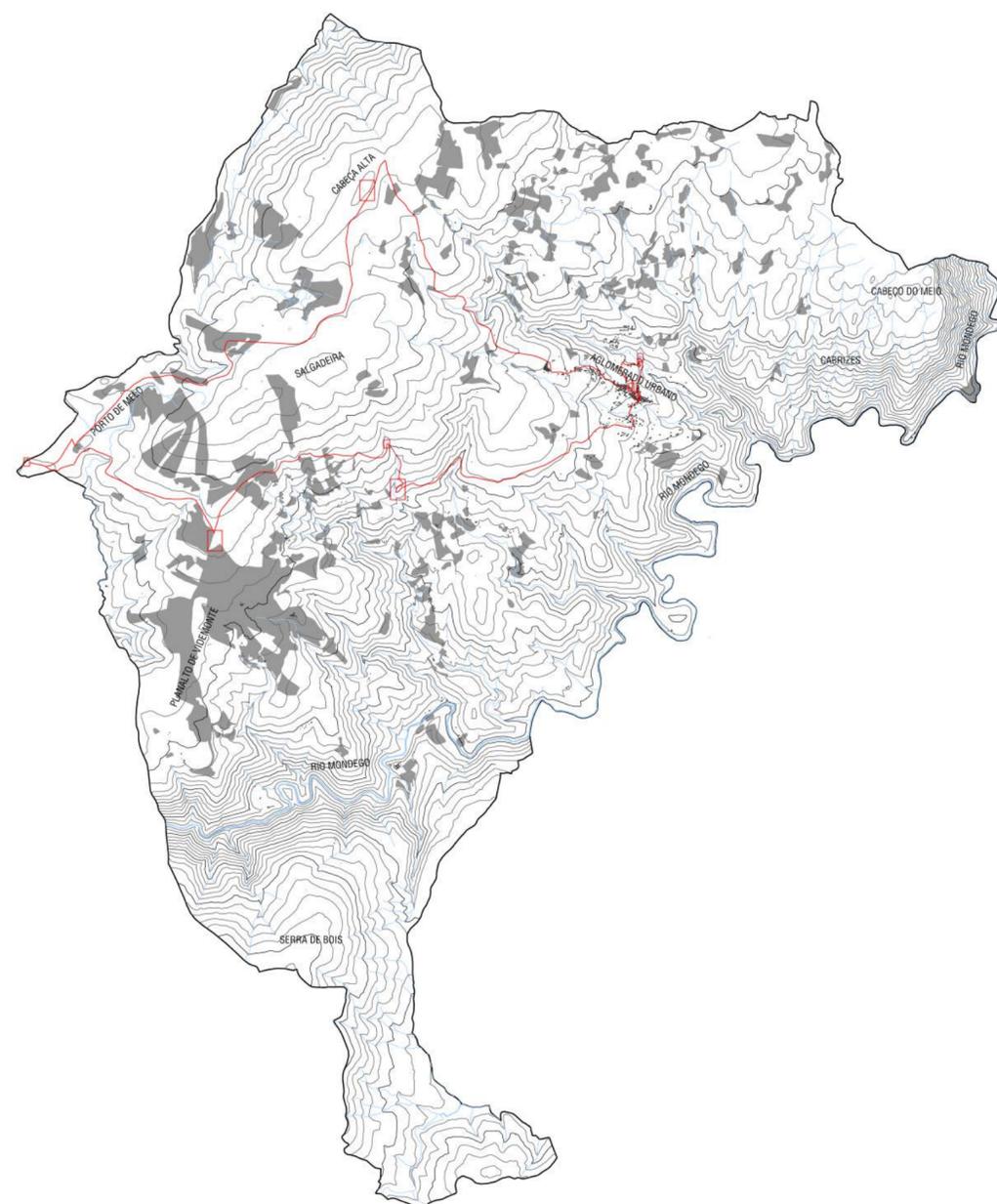
Como Álvaro Domingues refere "Não há paisagens para sempre. A paisagem é o registo de uma sociedade que muda."⁽²²⁾ isto é, existe plena consciência de que os tempos mudam com as pessoas e as suas vontades num ritmo cada vez mais acelerado, mas é em termos culturais, injusto ver desaparecer aos poucos a prática da cultura do centeio que sustentou, até meados do século XX, esta aldeia, e que justifica actualmente o alargamento do Parque Natural da Serra da Estrela para Norte. Apesar do seu declínio, o impacto desta cultura de sequeiro continua a existir no quotidiano dos habitantes da aldeia. Essa importância do centeio e o quanto está implicado nos recursos interiores do território de Videmonte é visível no esquema à esquerda. Estes recursos endógenos são sobretudo gastronómicos (Pão centeio, bôla de carne, fumeiro, queijo), havendo depois actividades como as marchas pedestres para a observação da paisagem e também actividades cinegéticas.

(19) - As Memórias Paroquiais publicadas em 1832, foram resultado de um aviso feito a 18 de Janeiro de 1758 do Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, que fazia remeter, através dos principais prelados para todos os párcos do reino, os interrogatórios sobre as paróquias e povoações pedindo as suas descrições geográficas, demográficas, históricas, económicas, e administrativas, para além da questão dos estragos provocados pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755. As respostas deveriam ser remetidas à Secretaria de Estado dos Negócios do Reino.

(20) - Dados retirados da Revisão do Plano de Ordenamento do Parque Natural da Serra da Estrela executado pelas empresas ERM Portugal e Lta Hidrorama, Projecto e Gestão SA. Documento datado de 2008.

(21) - Artigo denominado "Abastecimento Alimentar em Portugal" publicado pelo Instituto Nacional de Estatística, dia 2 de Abril de 2013

(22) - Frase transcrita do livro "Vida No Campo" da autoria de Álvaro Domingues, nº45, Porto, Dafne Editora, 2011, p. 15



- LEGENDA**
- FRAGMENTOS DE PROJECTO
 - PERCURSO DO CENTEIO
 - CAMPOS DE CENTEIO

V.II O Percurso do Centeio

Este percurso tem como objectivo principal marcar no território os caminhos que o centeio percorria no passado e os que percorre atualmente desde a ceifa à confeção ainda artesanal do pão centeio. Torna-se pertinente que as pessoas reconheçam os campos de centeio, bem como os pousios e caminhem por onde era feita a carranja dos molhos ceifados até à Eira onde se procedia à malha do centeio, que depois era armazenado em Arcas de madeira de dimensões consideráveis, moído nos Moinhos de Água, peneirado, amassado e cozido no Forno Comunitário. Uma vez que o percurso segue até aos campos de centeio situados no planalto de Videmonte, zona destacada pelo parque Natural da Serra da Estrela pela presença desta cultura no local, redefinem-se os lugares a percorrer, alguns de destaque histórico e de domínio territorial que dão aos caminhantes uma noção diferente e pessoal do território.

O percurso em si é constituído por 9 fragmentos de projecto existentes, a reabilitar e a construir. O primeiro fragmento de projecto é a Casa do Território, pois é nesta pequena casa a reabilitar que será exposto o território a visitar de modo a guiar as pessoas a partir deste ponto, seja a pé ou de bicicleta. Depois seguem-se: o Acesso das Sepulturas Rupestres, a Fonte da Curva, o Memorial do Centeio, o Abrigo Poente e a Praça Alta, fragmentos inexistentes que uma vez construídos criam momentos de pausa, descanso e interpretação da paisagem. Da Praça Alta desce-se de novo em direcção ao aglomerado urbano de Videmonte onde se visita o espaço da Eira, um Moinho de Água e, por fim, o Forno Comunitário, partilhando este o Largo de Santo António com a Casa Território onde se iniciou o percurso.

Ao longo deste percurso são incrustadas pedras de granito cúbicas com 30 centímetros de lado, com a intenção de serem marcas invisíveis no território apenas visíveis pelas pessoas que as querem ver; elas apenas indicam um caminho possível, não obrigam ninguém a segui-lo. Situa-se nas bermas das estradas de paralelos, de alcatrão e de terra batida por as pessoas aí se deslocarem normalmente. Devem distar aproximadamente 100 metros entre si, excepto em cruzamentos onde deverão ser mais próximas para que quem as segue não se perca.



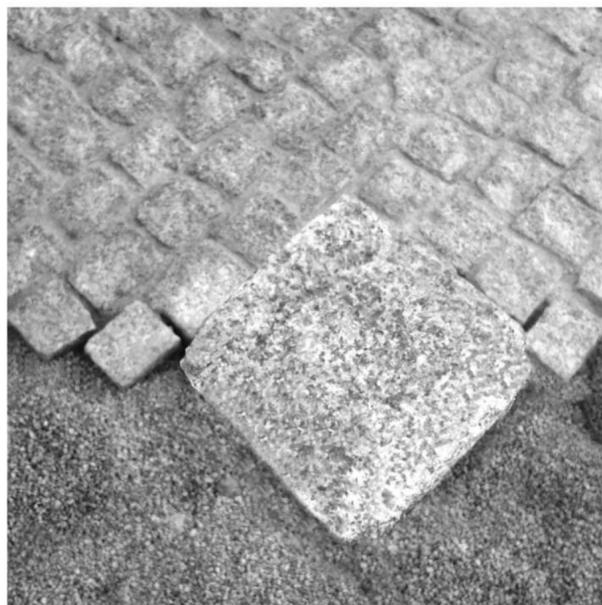
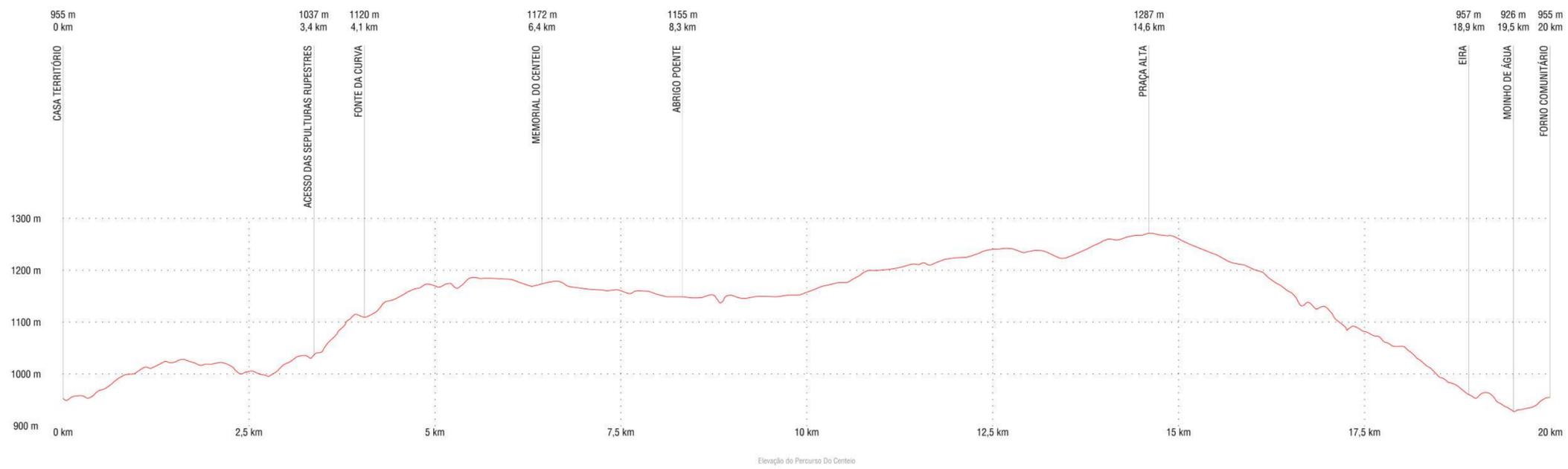
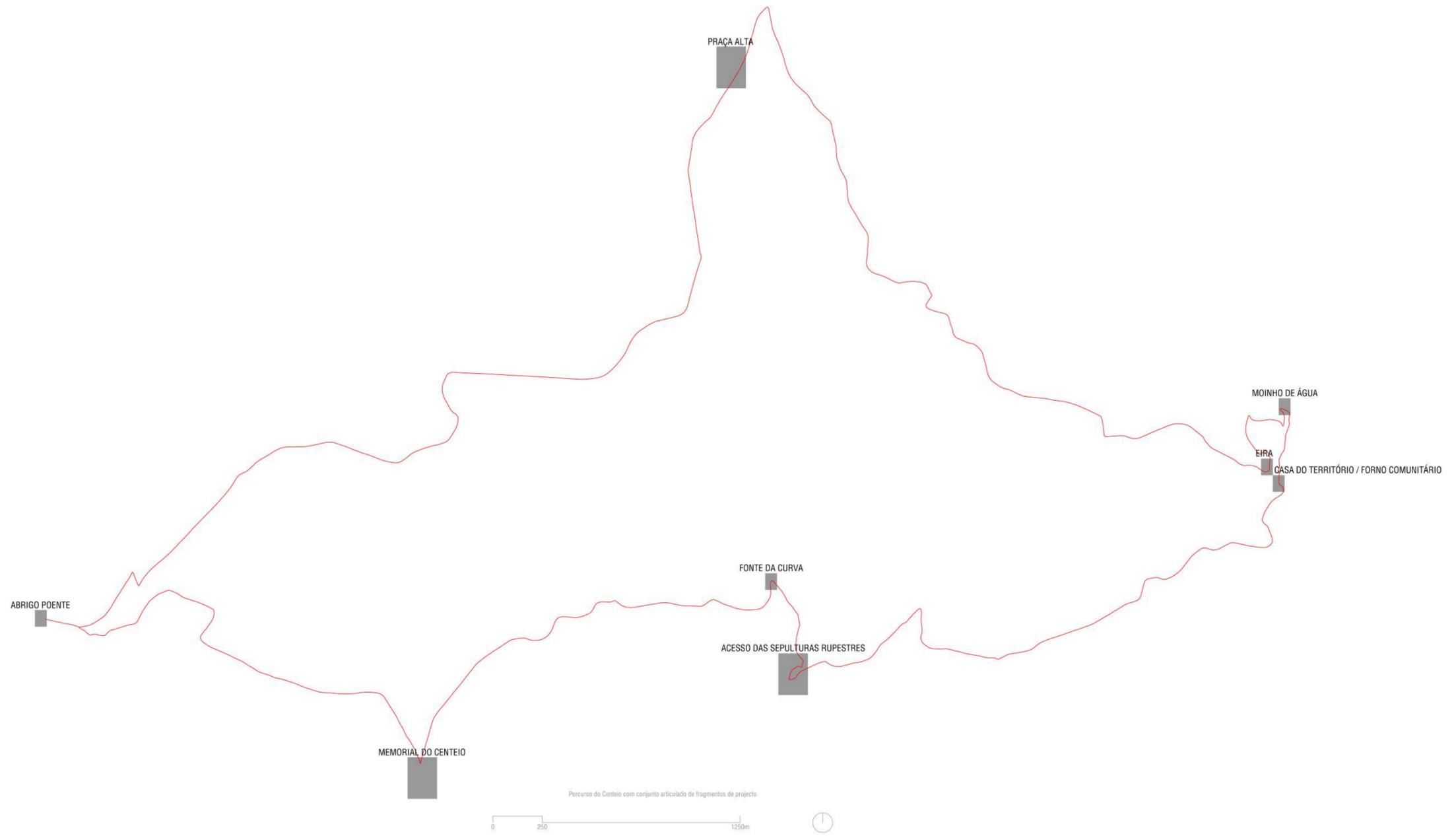


Fig. 43 - Fotomonagem da marcação do percurso do centro num pavimento de paralelos



Fig. 44 - Fotomonagem da marcação do percurso do centro num pavimento de terra batida





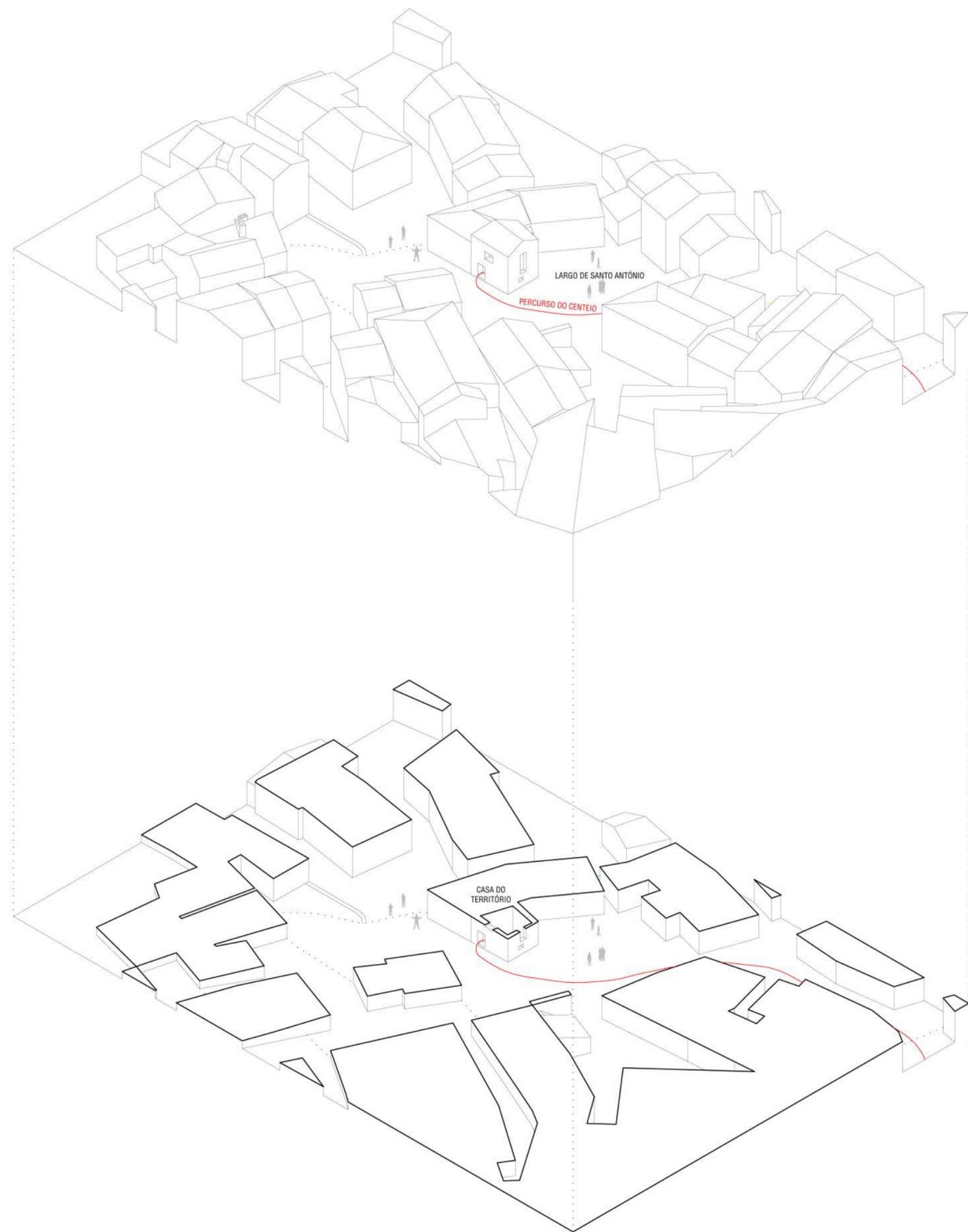
Planta de localização da Casa Do Território

V.III Casa do Território

A Casa do Território tem como meta a divulgação, como o nome indica, dos territórios desta freguesia sendo o ponto de partida do percurso do centeio aqui proposto, como também outros percursos que possam vir a surgir. Esta casa situa-se no Largo de Santo António, local estratégico no aglomerado urbano por onde passam a maior parte das pessoas ao entrar e sair da aldeia. Tem estado abandonada desde que fechou um pequeno talho que aí funcionou até à década de 1950. Este espaço é reabilitado mantendo as principais características assentes na arquitectura popular com paredes em pedra de granito, telhado de duas águas com estrutura em madeira e telha de canudo com beirado em lascas de xisto. Na área interior reduzida que esta edificação apresenta iriam estar disponíveis mapas e panfletos em pequenas estantes para quem quisesse entrar e sair com o desejo de conhecer o território desta freguesia. Caso as pessoas optem por ir de bicicleta em vez de caminhar, podem também alugá-la neste espaço através de marcação prévia. Não existe ninguém a atender as pessoas. O espaço era aberto de manhã e fecharia, por questões de segurança, durante a noite. Isto permite que durante o dia haja uma liberdade total de quem se quiser informar e partir à descoberta destes territórios ainda desconhecidos, quer por turistas, quer por habitantes ou descendentes de Videmonte.

É importante referir que durante o desenvolvimento da estratégia deste trabalho a Casa do Território, inicialmente abandonada, foi reabilitada por um dos descendentes da proprietária, sendo agora uma pequena habitação com uma cozinha no piso térreo e um quarto com um wc no primeiro andar⁽²³⁾.

(23) - Aquando da definição do Percurso do Centeio no final de 2014, a casa encontrava-se abandonada e em mau estado. Posteriormente foi reabilitada estando actualmente, em Agosto de 2015, em fase de acabamentos, podendo brevemente ser habitada. A primeira das 4 imagens referentes à esta casa nas páginas seguintes é de Janeiro de 2015, sendo as restantes de Agosto de 2015 já com a casa completamente reabilitada exteriormente e em fase de acabamentos no seu interior.

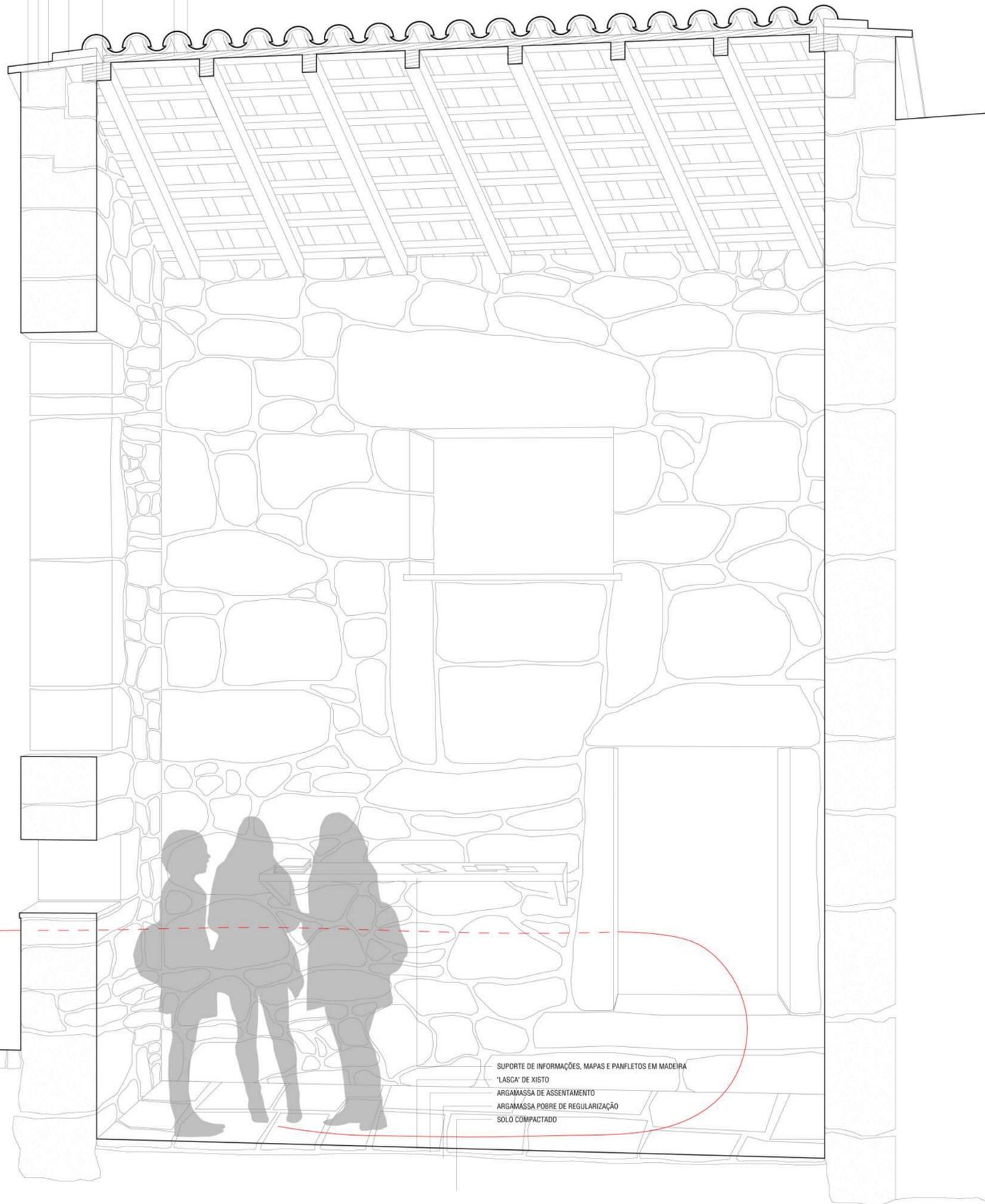


Axonometria do Largo de Santo António com a Casa do Território em corte



Fig. 45 - Largo e Capela de Santo António

PAREDE EM PEDRA DE GRANITO EMPARELHADA
 JUNTA EM ARGAMASSA
 BEIRADO EM PEDRA DE XISTO
 REMATE EM PEDRA DE XISTO
 CAIBRO DE MADEIRA
 RIPAS DE MADEIRA
 TELHA DE CANUDO



SUPORTE DE INFORMAÇÕES, MAPAS E PANFLETOS EM MADEIRA
 'LASCAS' DE XISTO
 ARGAMASSA DE ASSENTAMENTO
 ARGAMASSA POBRE DE REGULARIZAÇÃO
 SOLO COMPACTADO

Corte construtivo em perspectiva da Casa do Território

0 20 100 cm



Fig. 46 - Casa do Território vista do Largo de Santo António



Fig. 47 - Casa do Território actualmente rehabilitada para habitação



Fig. 48 - Largo de Santo António visto da Casa do Território



V.IV O Acesso das Sepulturas Rupestres

As sepulturas rupestres situam-se a cerca de 3 km do aglomerado urbano de Videmonte. São 6 e estão escavadas num grande afloramento rochoso de xisto situado ao lado de uma linha de água e de um Soito já antigo. Da estrada de terra batida, o afloramento rochoso é visível mas as sepulturas estão situadas a uma cota de oito metros acima desta, sendo denunciadas ao longe pela presença de um grande pinheiro bravo. Existem alguns trilhos entre o afloramento rochoso e as giestas que o circundam. Estes são traçados pelas cabras que grande parte do ano passam por este local, ficando este entre a sua corte na Quinta da Menoita e os pastos na serra a uma altitude superior. Apesar de todos os habitantes de Videmonte saberem que existem ali sepulturas, poucos sabem onde são e quase nenhuns as visitaram. Apesar da procura insistente, não foi encontrado qualquer mapa ou levantamento arqueológico do sítio pelo que é difícil fazer um levantamento rigoroso do terreno. No entanto com as visitas ao local estipulou-se uma planta marcando o afloramento e as 6 sepulturas visíveis percorrendo o trilho das cabras em que é possível andar. Uma vez que este local fica de caminho em direcção aos campos do centeio, tornou-se pertinente a colocação de uma estrutura reversível que permita um acesso minimamente confortável das pessoas a estas marcas do passado neste território. Esta estrutura em aço pouso delicadamente sob alguns pontos ao lado do afloramento, onde é fixada a estrutura em blocos maciços de betão amovíveis mas estáveis. O acesso é assim feito por um tapete de aço corten que por se situar pouco elevado do solo e ter alguma largura não necessita de guardas, permitindo um maior liberdade às pessoas que se querem aproximar destes registos fúnebres perdidos no tempo.

PAVIMENTO - Chapas de aço corten que devido à sua textura oxidada mantêm uma atmosfera indicadora da passagem do tempo neste local, relacionando-se com o afloramento de xisto "oxidado" com a presença de musgos e líquens já sob as escavações funebres do local; a estereotomia destas placas de aço corresponde à estrutura treliçada que a suporta e fixa no ar, respeitando o local.

ESTRUTURA - Treliça metálica constituída por perfis de aço; esta fará com que sejam vencidos os vãos entre cada apoio de betão, suportando o pavimento acima do terreno por este ser bastante pedregoso e irregular.

SEPULTURAS RUPESTRES

FUNDAÇÃO - Blocos de betão pousados sob terreno a nivelar; apesar de amovíveis são pesados o suficiente para garantir a estabilidade do passadiço ao mesmo tempo que o mantêm como uma intervenção totalmente reversível; os blocos situam-se a uma diferença de um metro de altitude em relação aos mais próximos e suportam o peso de cada troço de escada ou rampa adjacentes.

PERCURSO DO CENTEIO

Axonometria construtiva explodida do acesso às Sepulturas Rupestres



081

1045 m

082

1040 m

1035 m



Fig. 49 - Afloramento rochoso de xisto com o Percurso do Caminho ao lundo



Fig. 50 - Sepultura rupéstrre escavada num dos afloramentos de xisto



Fig. 51 - Fotomontagem do acesso às escadas

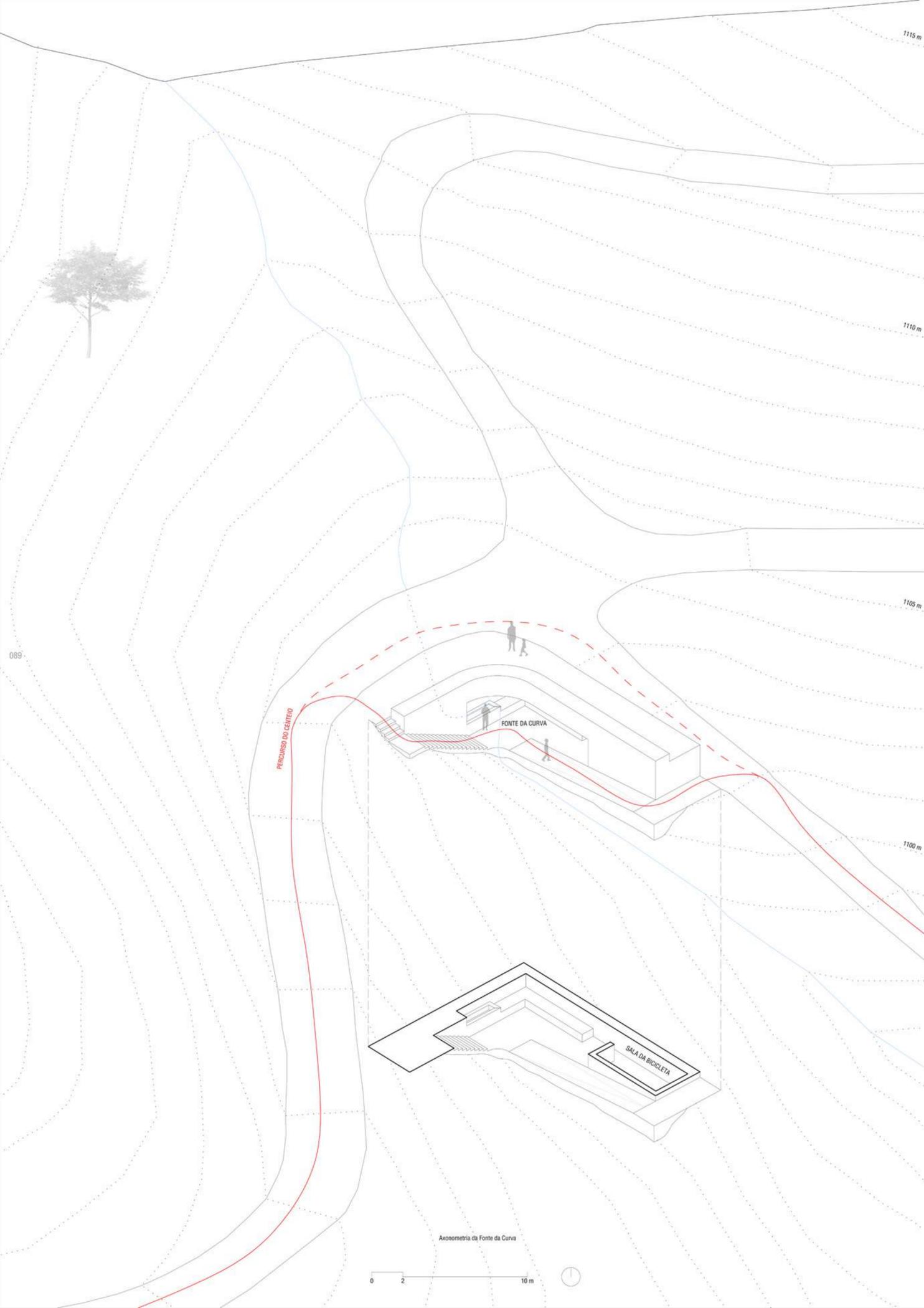


Fig. 52 - Fotomontagem da passadeira



V.V Fonte da Curva

Esta fonte reaproveita uma antiga nascente neste mesmo local, na proximidade da linha de água que ali se encontra. Este fragmento de projecto permite o descanso depois de uma subida de 500 m desde as Sepulturas, em que se vencem cerca de 100m de altitude. Devido ao facto deste espaço se querer adaptar ao terreno de declive acentuado, optou-se por encostar este contra o terreno suportando-o, criando um muro baixo que serve de banco à cota do cruzamento e um local aprazível de descanso no "interior" desse muro a uma cota inferior, onde se pode apanhar água fresca que corre ao longo de todo o ano. Devido à forma plástica e arredondada com que a intervenção se aninha na curva e ao extenso vão sob o qual se situa a fonte, um banco e a entrada para uma pequena sala (onde os caminhantes podem deixar/levar bicicletas, continuando o percurso de outra forma) a fonte é toda construída em betão com inertes de pedra local. A rampa num dos lados permite que este sítio seja acessível às bicicletas, bem como a pessoas com mobilidade reduzida.



Axonometria da Fonte da Curva



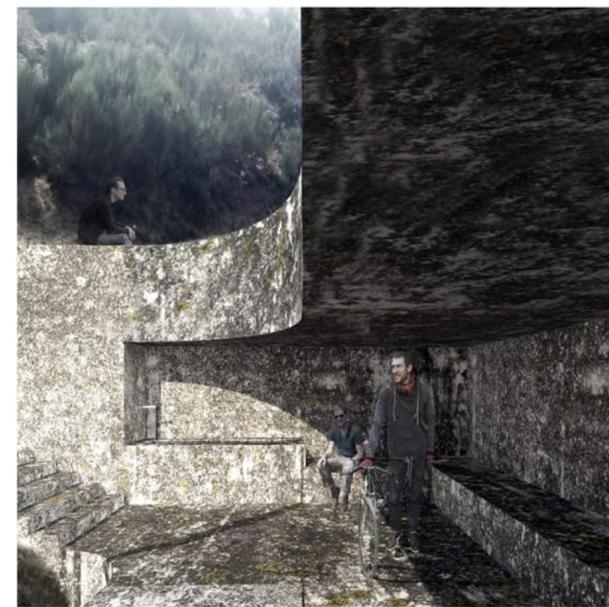
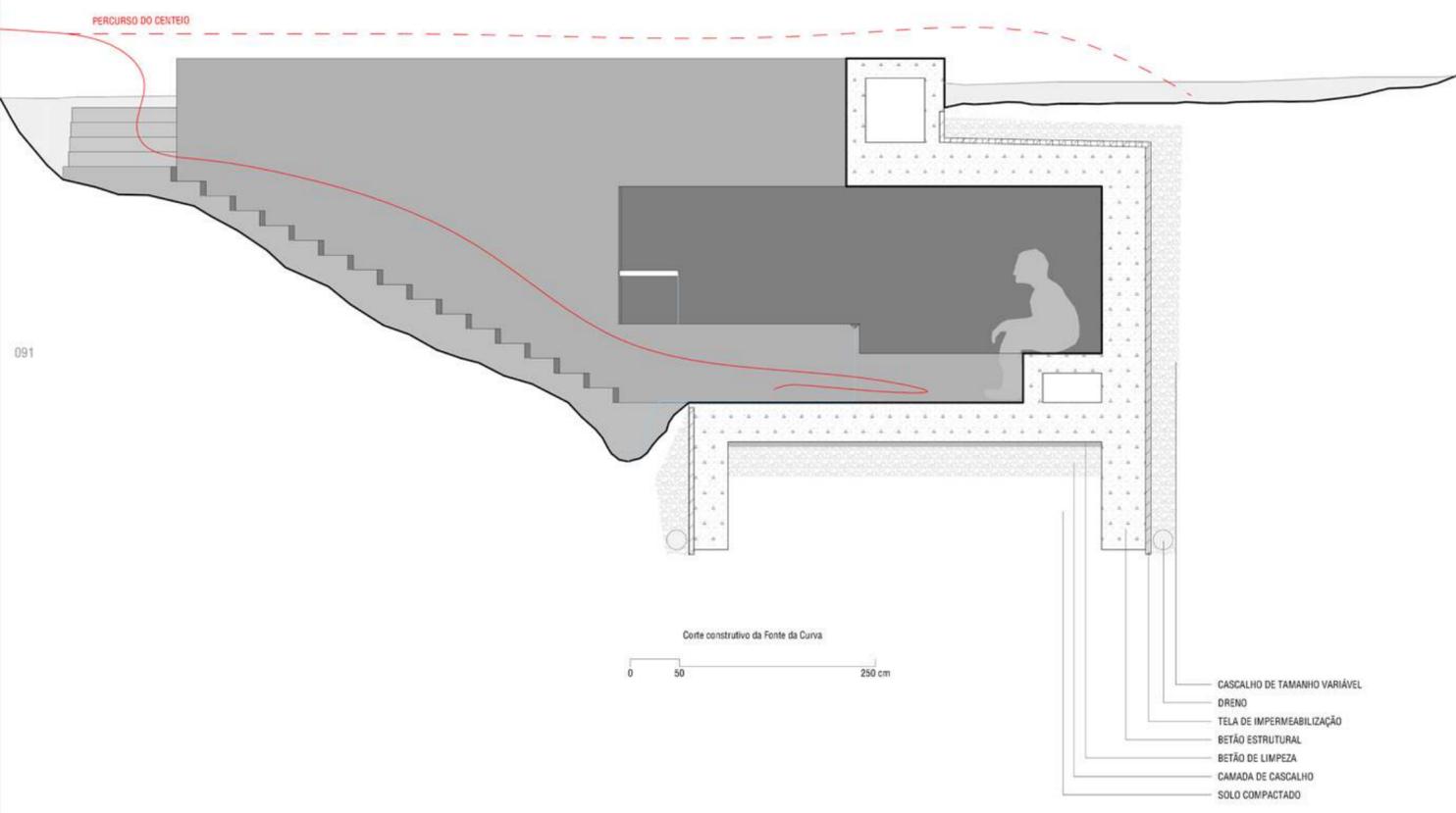
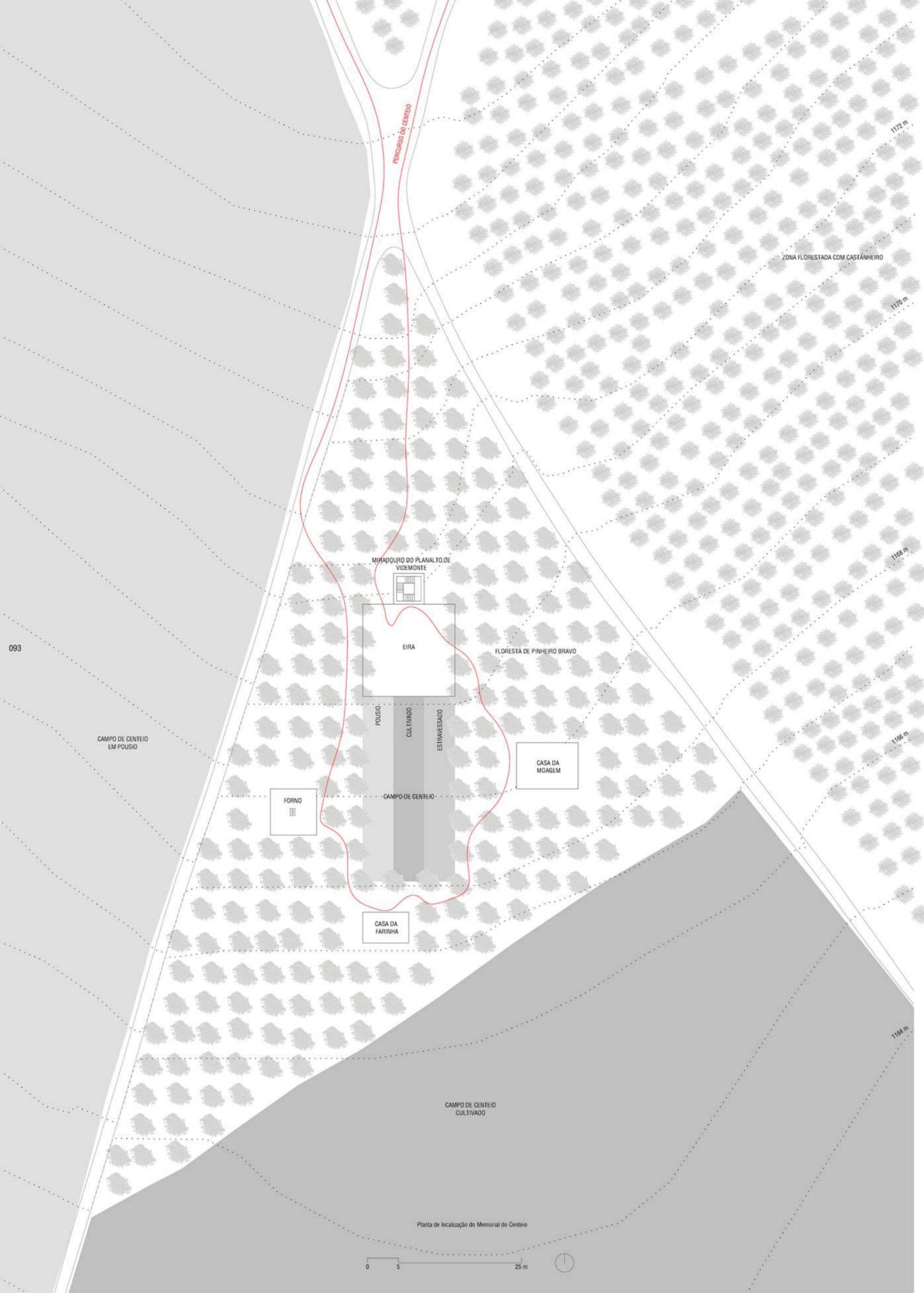


Fig. 54 - Fotomontagem da fonte da curva



V.VI Memorial do Centeio

Este fragmento é crucial no Percurso do Centeio. Ele marca a chegada ao Planalto de Videmonte, local onde restam os campos de centeio de "antigamente" e se vê a Serra da Estrela como pano de fundo mais afastado e elevado. É neste planalto que se mantém presente esta cultura em larga escala já rodeada, no entanto, por algumas zonas florestadas que se têm substituído. O lote triangular escolhido para implantar este memorial marca a chegada ao planalto de Videmonte pelo lado Norte. Encontra-se abandonado sendo actualmente um giestal rodeado de floresta a Norte e a Este e de campos de centeio a Oeste e a Sul. Por se encontrar numa aparente centralidade indefinida entre o que era a paisagem da serra de Videmonte no passado com os campos de centeio e é agora com as plantações florestais, opta-se por trabalhar com estas duas culturas de modo a requalificar este triângulo abandonado.

Segundo uma matriz ortogonal planta-se uma floresta de pinheiro-bravo que venha a proteger no seu interior um pequeno jardim que permite uma cultura rotativa anual de centeio. Este jardim é pontuado à sua volta com espaços que dizem respeito à confecção do pão centeio e representam em si o percurso do pão centeio até este ser degustado; os espaços seguem as características das construções na Serra de Videmonte, são autónomos e construídos com pedra de granito, sendo as coberturas em lascas de xisto suportadas por traves e caibros de madeira de pinho bravo. Desta forma, o Memorial mantém viva na memória das pessoas a cultura do centeio, desde a sua sementeira rotativa nos terrenos, passando pela ceifa no campo, a malha do cereal na Eira (podendo depois o cereal ser erguido do Miradouro para a Eira), a moagem no Moinho, a peneiração na Casa da Farinha onde é apurada a farinha do farelo e, por fim, a amassadura e cozedura do pão centeio no Forno. Como objetivos ambíguos, o Memorial encoraja as pessoas a continuar esta cultura importante que durante séculos sustentou as gentes de Videmonte e faz parte de um ecossistema equilibrado que justifica o alargamento do Parque Natural da Serra da Estrela para Norte, ao mesmo tempo que acaba por se resignar ao facto de os campos de centeio serem substituídos por florestas e, um dia mais tarde, ser apenas uma recordação material que preserva a memória desta cultura e a importância que, em tempos, atingiu nesta zona.

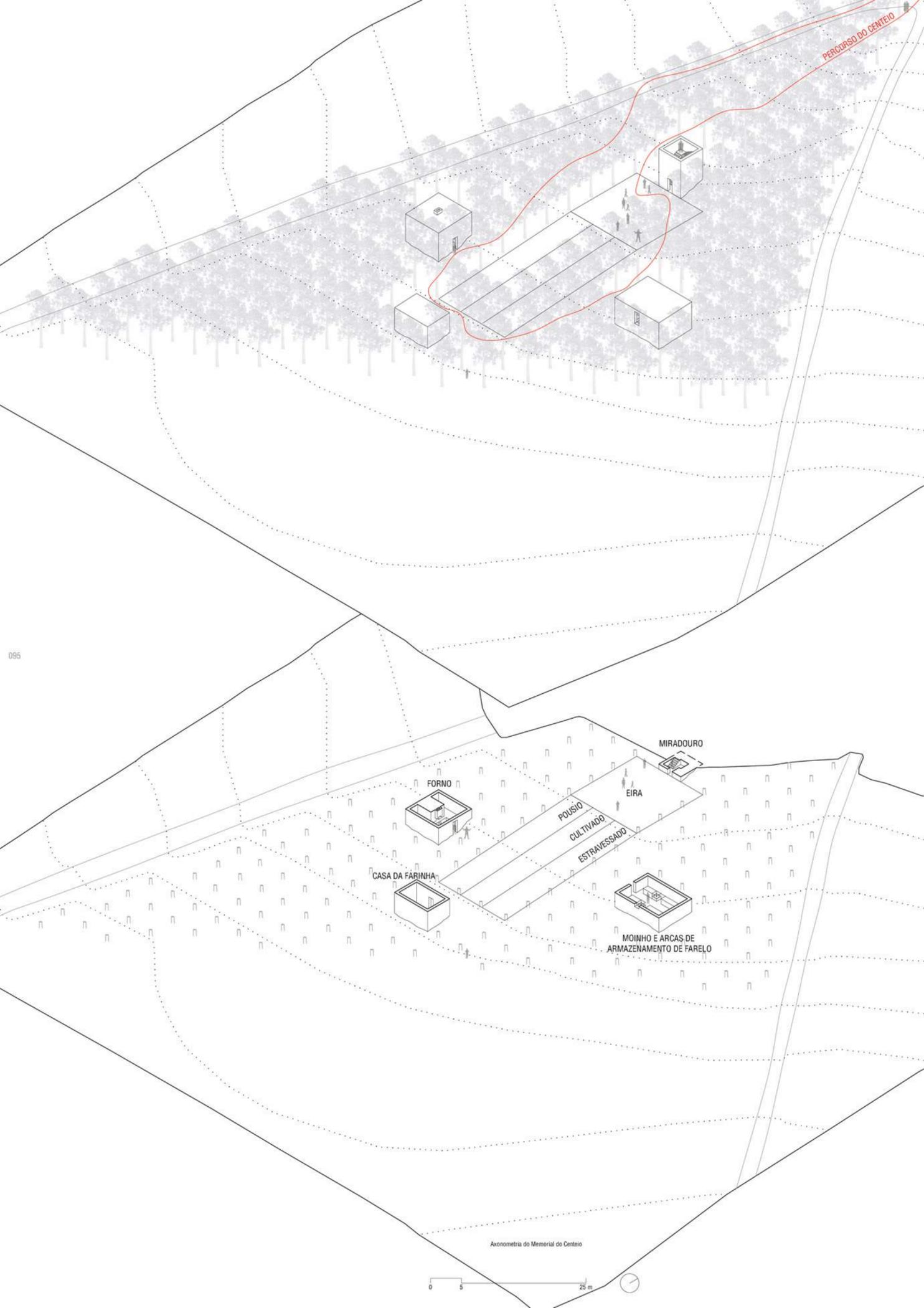


Fig. 55 - Fotomontagem da vista do Miradouro para o Planalto de Videmonta



Fig. 56 - Vista actual do cruzamento abandonado com o giestal



Fig. 57 - Fotomontagem com vista do cruzamento com o Memorial do Centeio

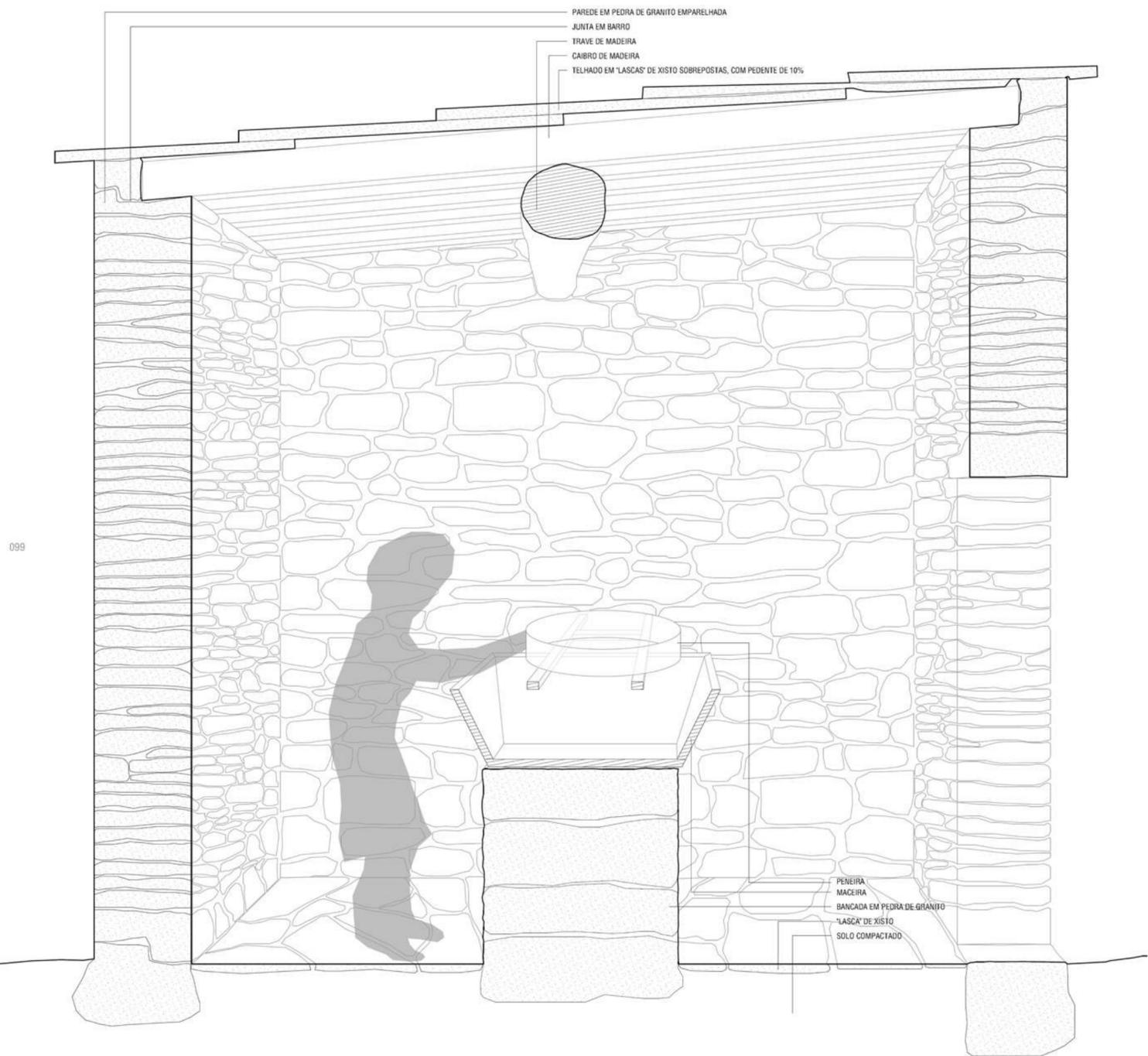
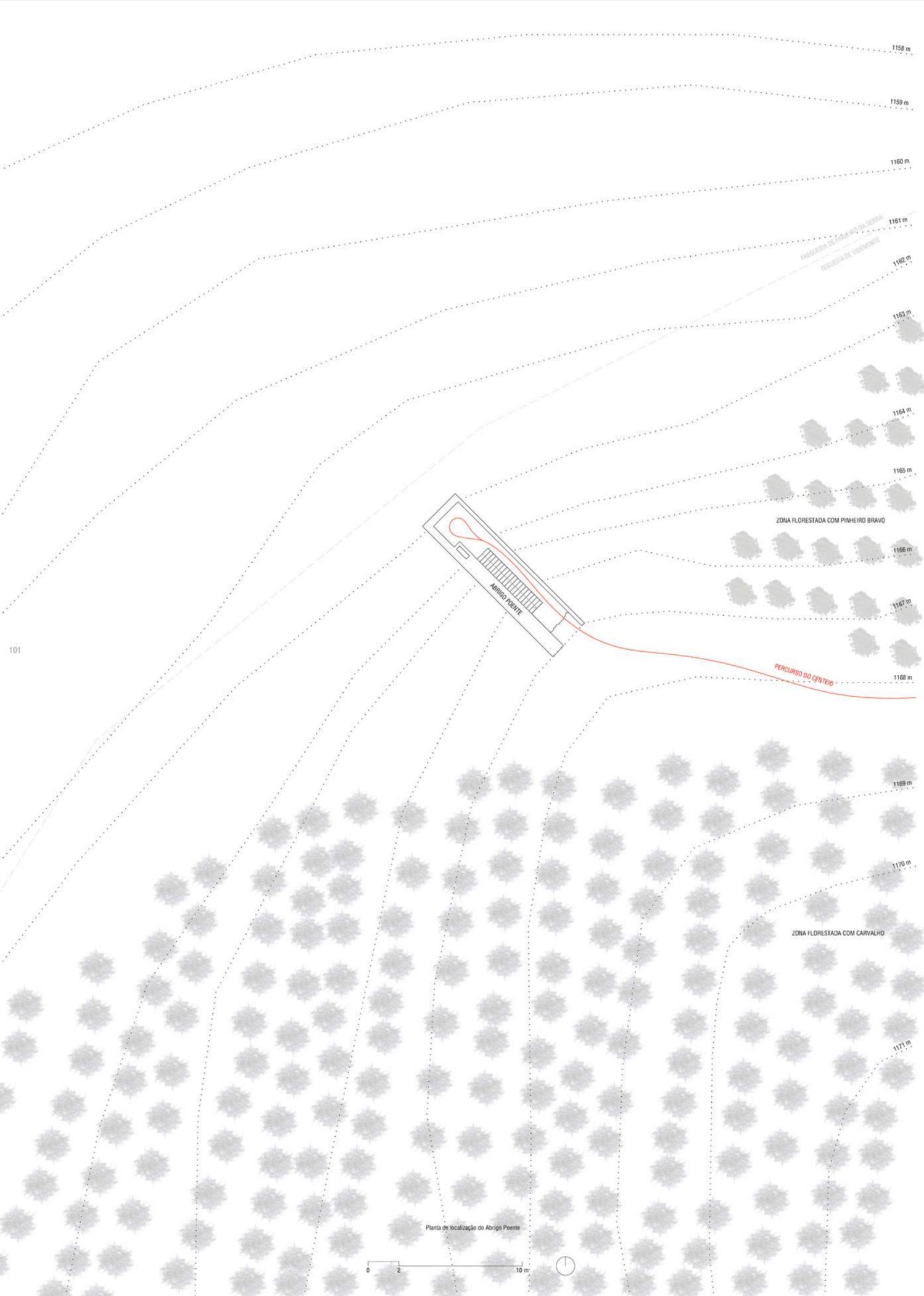


Fig. 58 - Fotomontagem da vista da Casa da Farinha para o Campo de Centeio e Miradouro



Planta de Localização do Abrigo Poente

V.VII Abrigo Poente

Situado num promontório no ponto mais ocidental da freguesia de Videmonte, a construção deste abrigo é inspirada nos antigos abrigos de montanha dos pastores, construídos por eles em pedra de granito para se protegerem da chuva e dos ventos frios. Este fragmento de paragem, descanso e interpretação do território é acessível através de um aceiro que divide duas zonas florestadas e olha para uma vista infinita a poente onde morrem duas montanhas, surgindo entre elas sucessivos planos que disputam a linha de horizonte. São inúmeras as povoações que são visíveis do alto deste grande anfiteatro natural, destacando-se Linhares da Beira e o seu imponente castelo. Este espaço recebe as pessoas pela sua cobertura onde uma chaminé dissimulada remata num banco em que as pessoas se podem sentar de costas para a paisagem. Descendo as escadas adaptadas ao declive do terreno, acede-se a um pequeno abrigo, onde se situa uma janela que permite a entrada de luz, um banco e uma lareira. A cobertura é suportada por caibros e lascas de xisto sobrepostas.

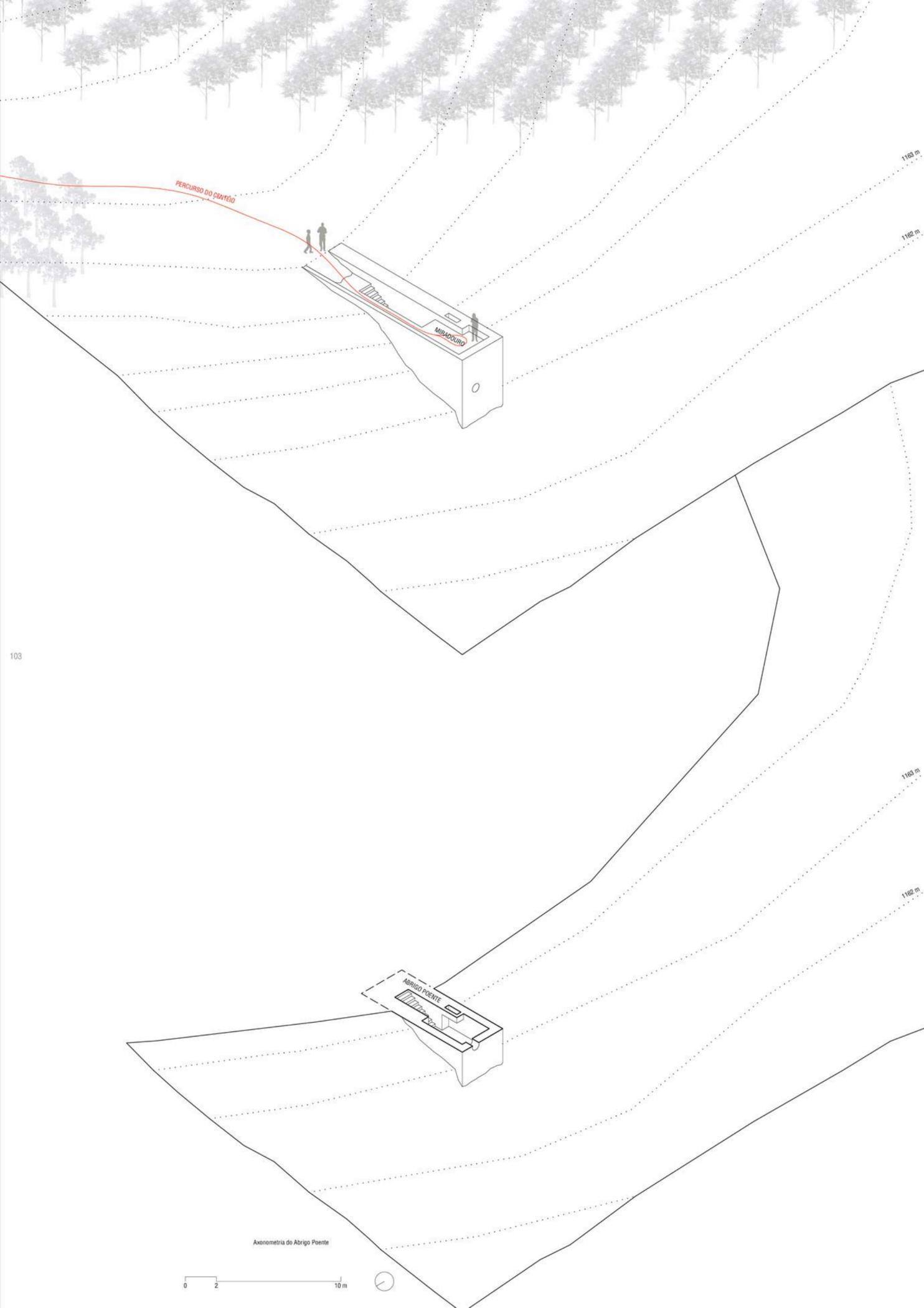
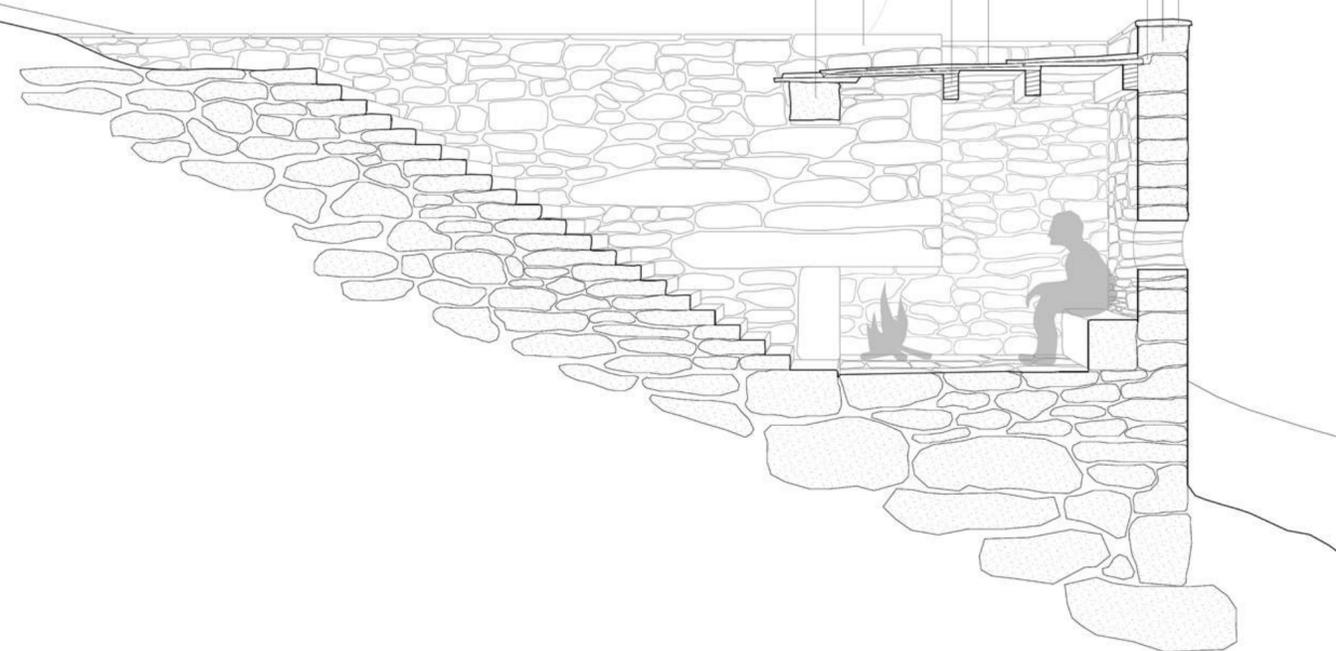


Fig. 59 - Abrigo abrigo de montanha construído em Vidensente por pastores



Fig. 60 - Fotomontaggio di chegada de Abergil com a vista a para ponte.

- REIMATE EM PEDRA DE XISTO
- PAREDE EM PEDRA DE GRANITO EMPARELHADA
- JUNTA EM BARRO
- COBERTURA EM "LASCAS" DE XISTO
- CAIBRO EM MADEIRA
- CHAMINÉ
- LINTEL DE PEDRA DE GRANITO

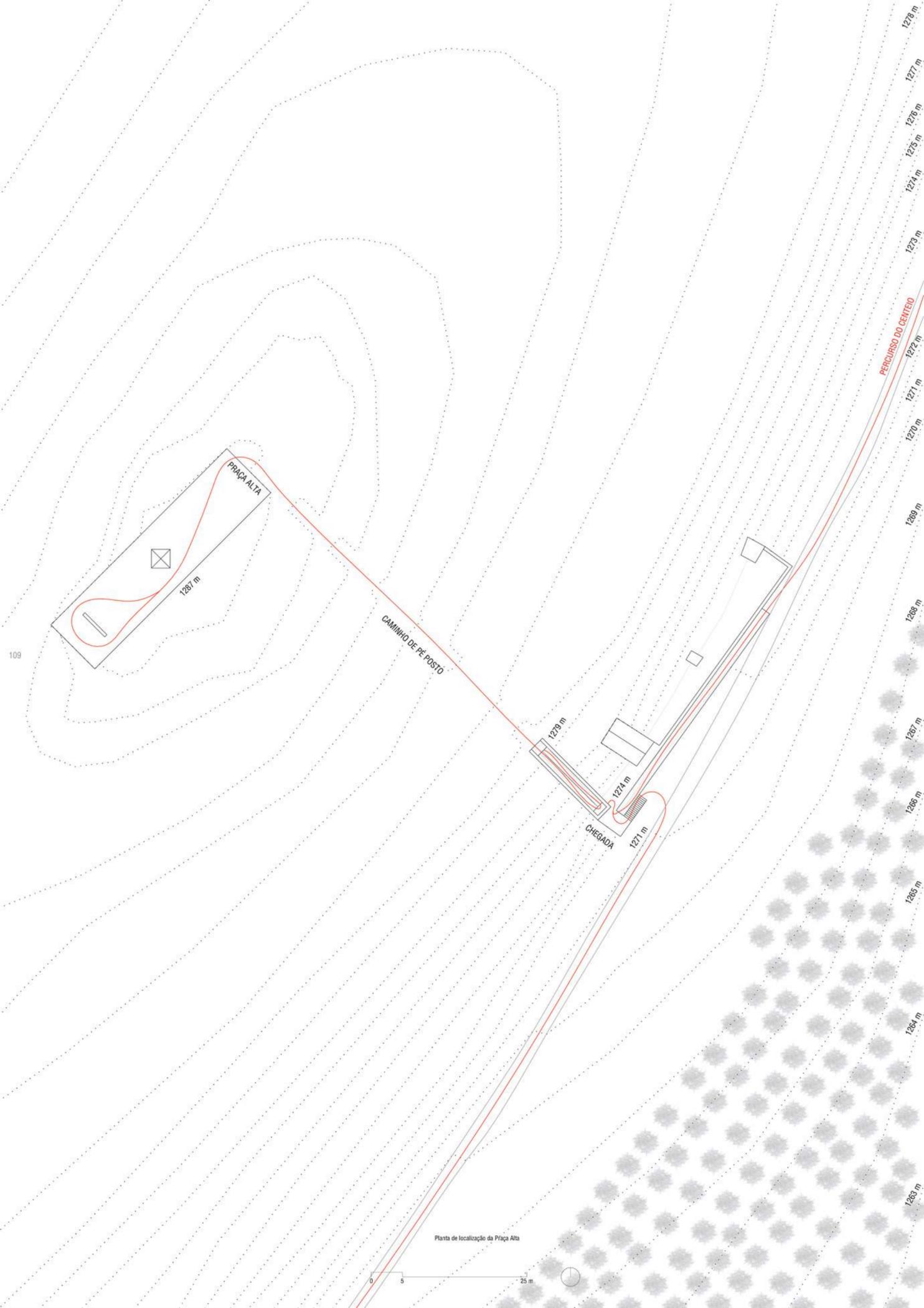


Corte construtivo em perspectiva do Abrigo Poente

0 50 250 cm



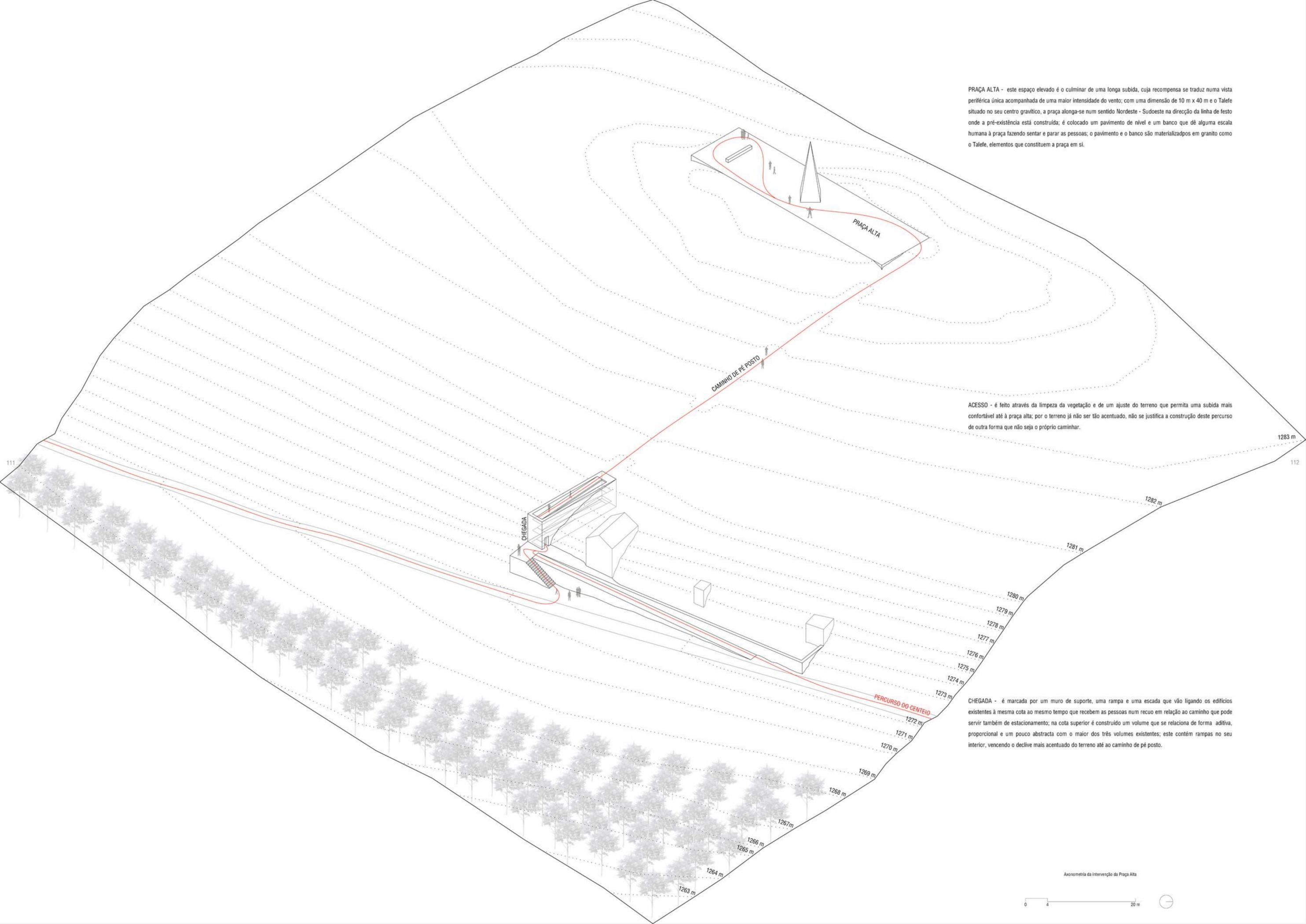
Fig. 61 - Fotomontagem exterior do Abrigo



V.VIII Praça Alta

O ponto mais elevado do concelho da Guarda situa-se a 1287 metros de altitude na zona da Cabeça Alta em Videmonte. A marcar este ponto estratégico está um marco geodésico de primeira ordem aí construído, segundo dita um baixo-relevo no local, pelo ano de 1855. As faces desta construção piramidal com cerca de 10m de altura, mais conhecida pelo nome de Talefe, encontram-se claramente orientadas para os pontos cardeais. Nesta zona obtém-se uma vista periférica invejável de onde se destaca a Serra da Estrela a Sul e a cidade da Guarda a Este. Devido à altitude, localizam-se na proximidade do Talefe, junto ao caminho mais próximo, três antenas esguias de telecomunicações com outras tantas construções adjacentes e algo degradadas, onde se faz a monitorização das antenas. Apesar das construções estarem elevadas em relação ao caminho, não foi feito nenhum muro de suporte nem nenhum acesso a elas, tendo actualmente que se "escalar" pelo terreno bastante acentuado caso se queira chegar a este importante marco no território, actualmente esquecido, sem acesso e rodeado de vegetação.

É proposta uma requalificação do local através de um projecto fragmentado em três partes distintas: uma chegada marcada por acessos construídos em betão que suportam as terras, ligam os edifícios existentes e recebem as pessoas; um caminho de pé posto em terra batida que liga o caminho a uma cota mais alta onde se situa o Talefe, e por fim, a praça alta com uma dimensão de 10 m x 40 m que se alonga na direcção da linha de fecho onde este está construído, sendo colocado um pavimento de nível e um banco, ambos em granito como o Talefe, elementos que constituem a praça em si. Destaca-se um volume em betão à chegada que contém rampas no seu interior e, que se relaciona de forma aditiva e um pouco abstracta com o maior dos três volumes existentes.



PRAÇA ALTA - este espaço elevado é o culminar de uma longa subida, cuja recompensa se traduz numa vista periférica única acompanhada de uma maior intensidade do vento; com uma dimensão de 10 m x 40 m e o Talefe situado no seu centro gravítico, a praça alonga-se num sentido Nordeste - Sudoeste na direcção da linha de fecho onde a pré-existência está construída; é colocado um pavimento de nível e um banco que dê alguma escala humana à praça fazendo sentar e parar as pessoas; o pavimento e o banco são materializadospos em granito como o Talefe, elementos que constituem a praça em si.

ACESSO - é feito através da limpeza da vegetação e de um ajuste do terreno que permita uma subida mais confortável até à praça alta; por o terreno já não ser tão acentuado, não se justifica a construção deste percurso de outra forma que não seja o próprio caminhar.

CHEGADA - é marcada por um muro de suporte, uma rampa e uma escada que vão ligando os edifícios existentes à mesma cota ao mesmo tempo que recebem as pessoas num recuo em relação ao caminho que pode servir também de estacionamento; na cota superior é construído um volume que se relaciona de forma aditiva, proporcional e um pouco abstracta com o maior dos três volumes existentes; este contém rampas no seu interior, vencendo o declive mais acentuado do terreno até ao caminho de pé posto.

Axonometria da intervenção da Praça Alta





Fig. 62 -Fotomontagem da aproximação às antenas com a intervenção em betão



Fig. 63 -Fotomontagem da chegada às antenas e volume com rampas



Fig. 64 - Fotomontagem da Praça Alta



Fig. 65 - Fotomontagem do barco na Praça Alta e a vista para Sudoeste



Fig. 66 - Espaço da Eira

V.IX Eira

De volta ao aglomerado urbano, visita-se uma eira, local amplo de terreno assente e liso onde ainda se procede à malha ancestral do centeio (de forma demonstrativa) quer seja com o pau (mangual) , quer seja com uma das antigas malhadeiras. Eram as Eiras os locais de destino das carranjas feitas, desde os campos onde o centeio era ceifado e atado, em carroças puxadas por burros e juntas de bois. Neste local eram descarregados ordeiramente os molhos do pão formando-se o rolheiro. Na malha é separado o grão do centeio (que é ensacado) da palha (habilmente colocada de forma circular e cuja forma cónica final fazia com que a água não de infiltrasse no palheiro, em que a palha exterior forma uma camada que protege toda a palha no seu interior).

Acabada a malha, que antigamente chegava a durar uma semana ou mais, ficam os palheiros na eira de onde se ia retirando a palha para fazer cama aos animais e depois servir como fertilizante natural para as terras. Esta prática de malhar o centeio está praticamente extinta na aldeia de Videmonte devido à existência de máquinas ceifeiras debulhadoras que se deslocam aos campos de centeio para aí cortarem o cereal e o malharem logo de seguida, poupando desta forma imenso tempo e trabalho para as pessoas.

Com a evolução das máquinas industriais acabam-se os longos e duros dias de trabalho de muitas pessoas que constituíam os chamados ranchos, bem como as cantigas, as anedotas, os cravelos a meio da manhã e todo um quotidiano bastante rico em termos sociais, hoje em dia existente apenas na memória dos mais idosos. Hoje a maior parte das eiras ganharam vegetação, umas permanecem limpas e vazias, outras adquirem outros usos como, por exemplo, zonas de arrumos onde permanecem alfaias agrícolas.



Fig. 67 - A ceifa do pão centeo



Fig. 68 - Atador de molhos do centeo



Fig. 69 - Căruța din mânărie cu cemină



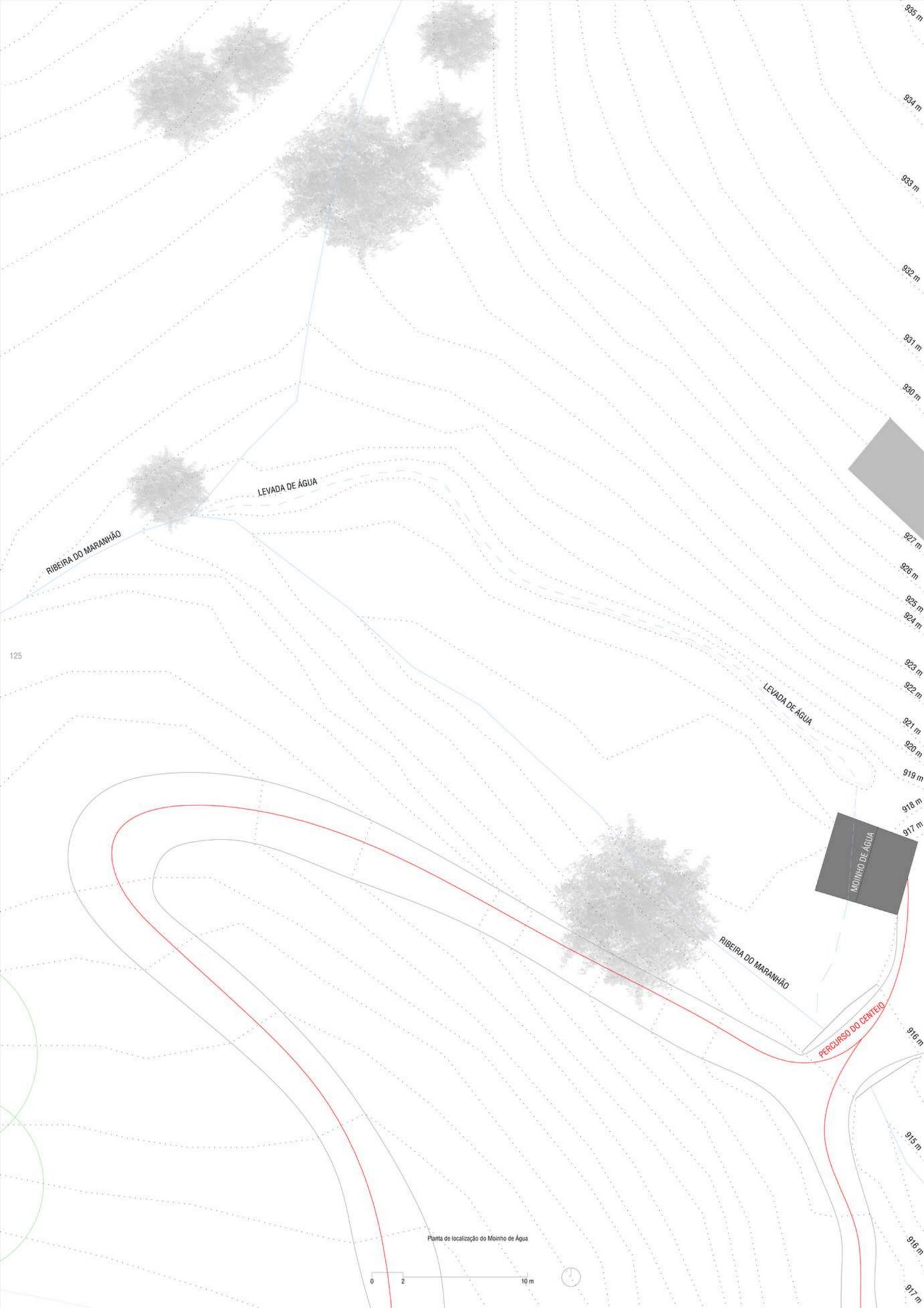
Fig. 70 - A hora cu cravete



Fig. 11 - Malha do centro com o margem



Fig. 12 - Malha mecanizada do centro através da Moinadora



V.X Moinho de Água

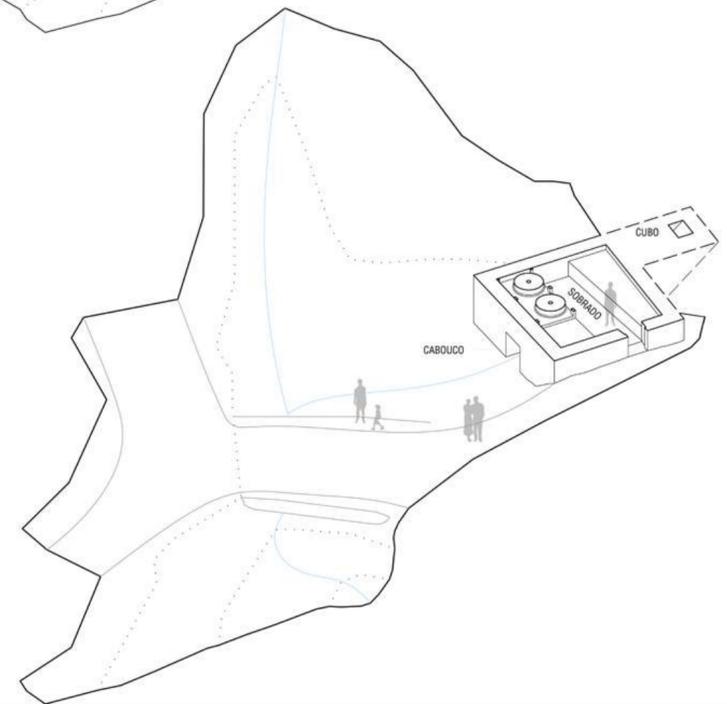
Depois do grão do centeio apurado nas eiras, este era transportado para os moinhos de água situados na proximidade da ribeira do maranhão, a norte do aglomerado urbano. Chegaram a existir mais de vinte moinhos ao longo desta longa ribeira até ao Rio Mondego, estando hoje todos em ruínas excepto um, que funcionou até 2010. Este moinho foi provavelmente um dos mais recentes a ser construído, pois apesar das paredes serem constituídas por pedra de granito e xisto, apresenta o dobro do tamanho dos moinhos em ruínas e uma cobertura em telha marselha em vez de lascas de xisto. Um facto curioso é o de ter, não um, mas dois engenhos de moagem situados no sobrado. Destes apenas um funcionava pois só é visível um rodízio no cabouco.

Como fragmento do percurso do centeio, este pertence obrigatoriamente ao percurso proposto, onde é mantido com as características que apresenta actualmente, precisando de ser limpo tanto na zona da levada de água, como no piso superior das mós e na zona inferior do cabouco. Depois é minimamente reparado para que volte a funcionar na sua plenitude, pelo menos duas vezes por ano, de forma a que todo o mecanismo não se deteriore e permita que a moagem feita com a força da água se preserve numa forma real e dinâmica que fascina as pessoas. Esta obra é notável não só pela forma como se posiciona em relação à topografia e às linhas de água, bem como pelo próprio mecanismo de moagem nela embutida que justifica a sua existência.

Foram feitos alguns trabalhos de limpeza que tornassem possíveis levantamentos deste espaço através de medições e fotografias para documentar o estado actual do moinho, ao mesmo tempo que se tentou perceber o essencial acerca do engenho que mói o grão através da força da água.

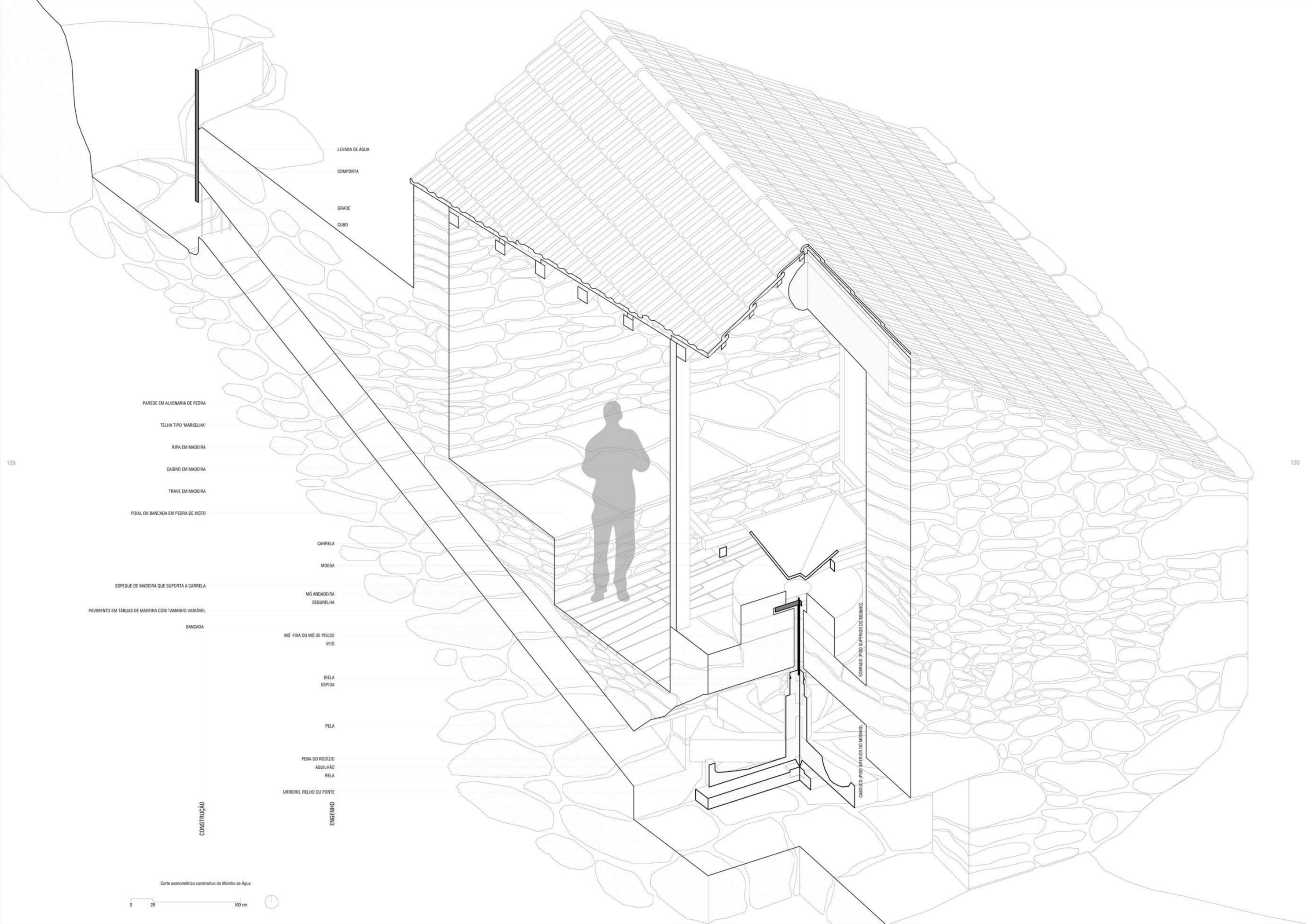


Fig. 73 - Linha de água em direção ao moinho



Axonometria do Moinho de Água





LEVADA DE ÁGUA
COMPORTA
GRADE
CUBO

PAREDE EM ALVENARIA DE PEDRA
TELHA TIPO 'MARSELHA'
RIPA EM MADEIRA
CAIBRO EM MADEIRA
TRAVE EM MADEIRA
POIAL OU BANCADA EM PEDRA DE XISTO

CARRELA
MOEGA
MÓ ANDEIRA
SEGURELHA

ESPEQUE DE MADEIRA QUE SUPORTA A CARRELA
PAVIMENTO EM TÁBUAS DE MADEIRA COM TAMANHO VARIÁVEL
BANCADA

MÓ FIXA OU MÓ DE POUSO
VELÓ

BIELA
ESPIGA

PELA

PENA DO RODÍZIO
AGULHÃO
RELA

URREIRO, RELHO OU PONTE

CONSTRUÇÃO

ENGENHO

SORBAÇO (PISO SUPERIOR DO MOINHO)

CAROLICO (PISO INFERIOR DO MOINHO)

Corte axonômico construtivo do Moinho de Água





Fig.74 - Fim da levada de água



Fig. 76 - Zona de entrada da levada de água no moinho, actualmente esparta



Fig. 75 - Viso do cabouco, por onde sai água do moinho de volta à ribeira



Fig. 77 - Zona inferior do cabouco onde é visível a pele que segura as penas do rodízio, actualmente submersas em lama



Fig. 78 - Alçado da entrada no sobrado do moinho



Fig. 80 - Os dois sistemas de moagem presentes no sobrado em que apenas funciona o da esquerda



Fig. 79 - Cobertura do moinho



Fig. 81 - A porta de entrada e o "janelo" vistos do interior do sobrado



Fig. 82 - Bancada do póvil em visto e pavimento em tábuas de madeira



Fig. 83 - Carril (estrutura de madeira) que suporta a moenga acima da mo ambadora



Planta de localização do Forno Comunitário

Forno Comunitário

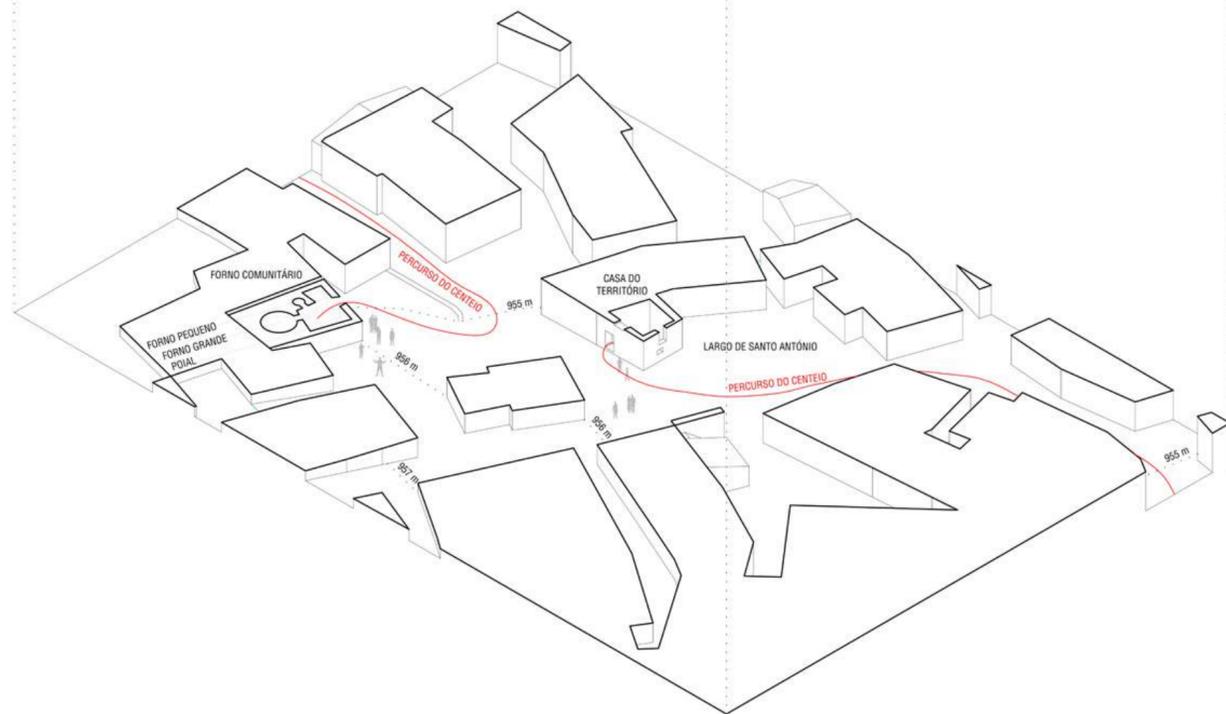
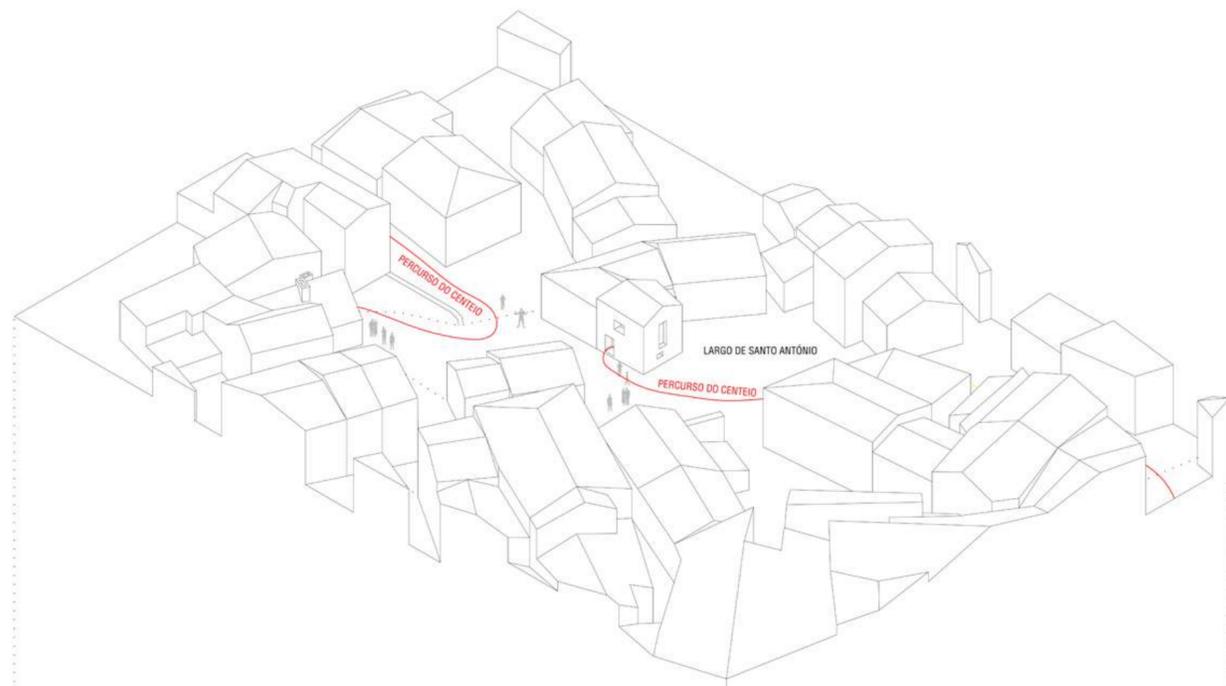
O percurso proposto acaba no forno público, local onde, depois da ceifa, carranja, malha e moagem é finalmente confeccionada e cozida a bôla de centeio. Este edifício existente situa-se praticamente ao lado da Casa do Território onde teve início esta longa viagem de 20 km. De características arquitectónicas vernaculares, o forno está ainda em funcionamento e continua a passar de habitante em habitante cuja intenção seja a de usufruir do espaço para cozer as bôlas de centeio, sem o danificar.

Este espaço é constituído por duas grandes estruturas que são os fornos em si, em que se destacam as chaminés que quase se tocam, e dois poiais que servem para pousar tudo o que seja necessário, como os molhos da lenha, os tabuleiros onde é transportado o pão, a pá que serve para introduzir e retirar o pão ou o trapo para varrer a cinza antes do pão ser colocado no forno. A construção do forno em si consiste numa grande pedra de granito nivelada, ao qual se dá o nome de "lar" e que serve de base a uma cúpula feita com pedra de granito e barro com paredes bastante espessas, de forma a conservar o calor o tempo necessário que as bôlas levam a cozer.

Numa primeira fase, é introduzida lenha no seu interior a que é ateado fogo, saindo as chamas pela porta do forno em direcção à chaminé exterior. Depois da lenha ardida e do forno estar quente, as brasas e a cinza que cobrem o lar são varridas com o trapo para que o pão não se suje ao ser pousado no lar do forno. Aí coze durante cerca de duas horas, dependendo da temperatura interior e exterior do forno. Dos dois fornos existentes, pode concluir-se que o mais pequeno terá sido adicionado posteriormente à construção do forno.

Em conversa com algumas pessoas confirmam-se os rumores surpreendentes de que no forno maior, com um lar de 3,10 metros de diâmetro, chegavam a ser precisos cerca de 10 molhos de lenha para o aquecer, de modo a que se cozessem entre 100 a 120 pequenas bôlas de uma só vez. Comparando este com os fornos feitos mais recentemente (a maioria privados, anexados às habitações dos proprietários), percebe-se a dimensão deste forno gigante; estes têm "apenas" entre 1 m e 1,5m de diâmetro, onde 3 ou 4 molhos são necessários para o aquecer e cozer as cerca de 15 bôlas de uma vez. Talvez devido à existência destes fornos privados e ao facto de agora já não se confeccionar tanto pão de centeio para tantas famílias como antigamente, este forno "gigante" já não seja usado, sendo usado apenas o forno mais pequeno.

Apesar de fazer parte do projecto fragmentado que é proposto, não é feita qualquer intervenção arquitectónica no edifício simplesmente porque não precisa de nenhuma, estando actualmente em perfeitas condições para as funções que desempenha. Apenas foi feito o seu levantamento e registo fotográfico de forma a documentar a sua condição actual para um melhor conhecimento destas construções, bem como o contributo para estudos futuros.

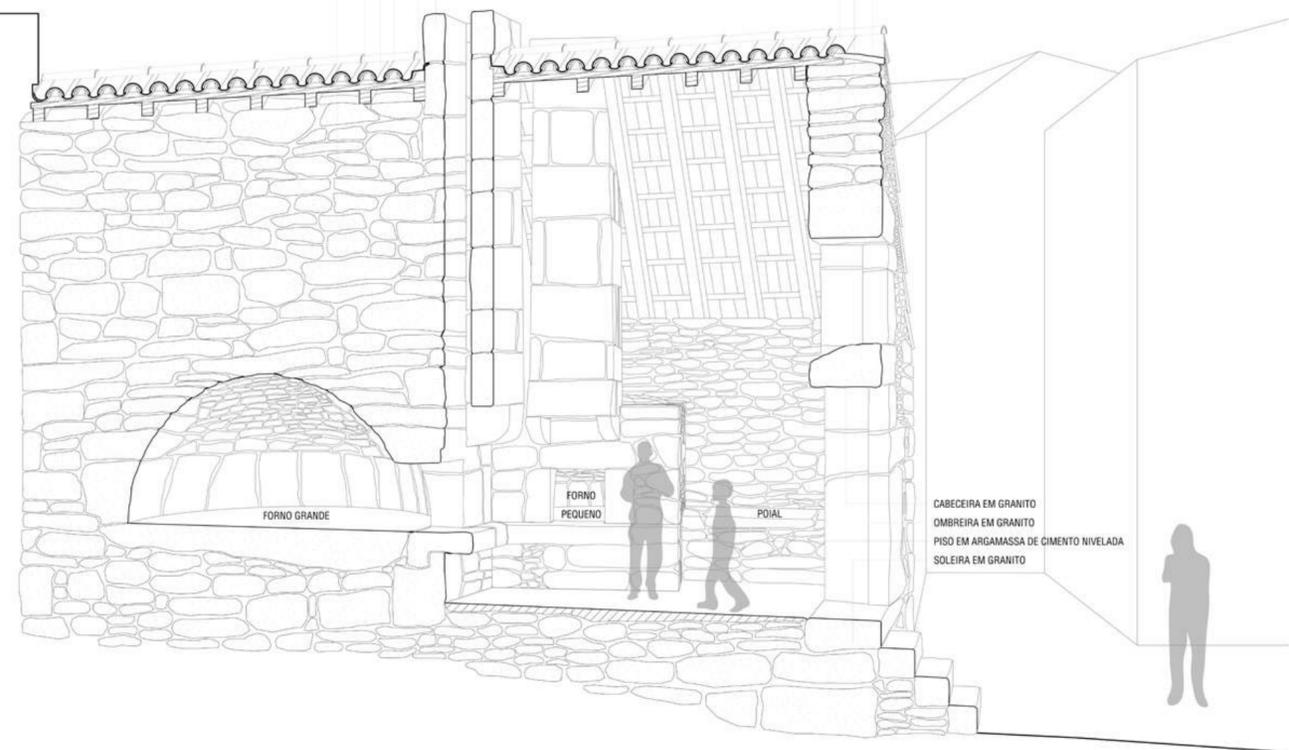


Axonometria do Largo de Santo Antônio com a Casa do Território e o Forno Comunitário em corte



Fig. 84 - Forno Comunitário de Videmonte

REMATE EM PEDRA DE XISTO
 PAREDE EM PEDRA DE GRANITO E XISTO EMPARELHADA
 JUNTA EM BARRO
 CHAMINÉ EM GRANITO
 REMATE EM ZINCO
 COBERTURA EM TELHA DE CANUDO
 RIPAS DE MADEIRA
 CAIBRO DE MADEIRA
 MACIÇO EM PEDRA DE GRANITO E BARRO PARA CONSERVA DO CALOR NO FORNO



Corte construtivo em perspectiva do Forno Comunitário
 0 50 250 cm

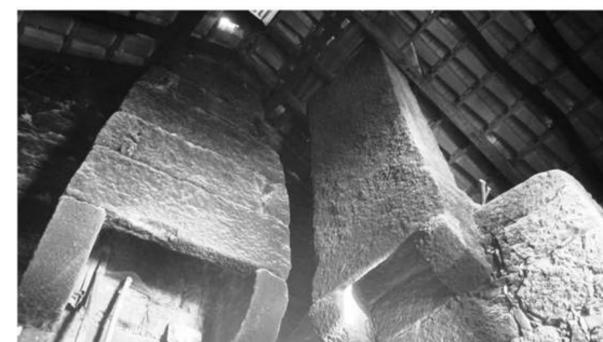


Fig. 65 - Relação entre as duas chaminés.



Fig. 86 - Formada de lenha a arder



Fig. 87 - Brases a aquecer o forno



Fig. 88 - O amassar da farinha dá pão centeio



Fig. 89 - Depois da massa estar 'finta' e 'fendida' é colocada sob um panal branco coberto de farinha



Fig. 90 - Coocção do pão no forno



Fig. 91 - Retirada do pão do forno



Fig. 92 - Tabuleiro de bicas de centeio prontas a ser consumidas



Fig. 53 - Pormenor da porta do forno



Fig. 55 - Forno pequeno



Fig. 54 - Forno



Fig. 56 - Forno grande com os instrumentos: paus das brasas, ferrapo das cinzas e pá do pilão



Fig. 97 - Porta do forno grande



Fig. 99 - Pormenor do interior forno grande



Fig. 98 - Interior do forno grande

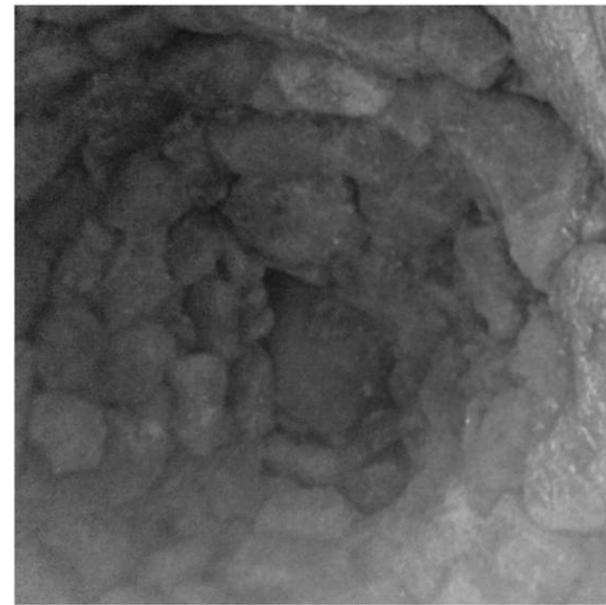


Fig. 100 - Topo da cúpula granítica do forno grande

Após a elaboração deste trabalho destacam-se, resumidamente, algumas ideias conclusivas como: a complexidade dos planos de desenvolvimento rural decididos por pessoas que não vêem, na sua maior abrangência, o impacto dos seus planos a uma escala local; as ainda raras intervenções arquitectónicas pensadas coerentemente desde um pequeno fragmento a uma escala territorial que não vêem o dia de merecerem a atenção devida por parte de arquitectos, políticos e outros agentes com decisões directamente ligadas ao território em si; a resignação de grande parte da população activa de Videmonte em relação à freguesia, pessoas que após se adaptarem a uma realidade diferente da actual, se encontram no desemprego e não vêem de forma simples as potencialidades a explorar no território onde vivem, uma vez que nem se sentem na obrigação de o conhecer.

Relembrando o texto “Olhos que não vêem” de Le Corbusier ⁽²⁴⁾, este dá uma visão, ainda que pessoal, de desespero não vencido pela aparente cegueira das pessoas. Demonstra coragem e atitude numa instabilidade não só artística mas também social. Chama todas as pessoas à razão vezes sem conta para que estas reparem no que as rodeia e reflectam acerca, não só do que usam, mas, da sua forma, do seu som, da sua textura, do seu cheiro; para os mais sensíveis, acerca da sua força, da sua beleza; para os mais curiosos, acerca de cada condicionante que levou, o que observam, a ser tal como é e não existir de outra maneira qualquer. Le Corbusier consegue através da enumeração algo poética de ideias cativar os desinteressados, tal como os fragmentos, de projecto propostos neste trabalho ambicionam levantar curiosidade nas pessoas que os observam pelo simples facto de passarem a existir num determinado sítio, passando a fazer parte dele.

O percurso do canteiro serve de espinha dorsal ao projecto que fundamenta a estratégia e liga os fragmentos, mas as pessoas podem aceder a eles e descobri-los de forma inesperada no meio da paisagem cada vez mais artificializada em que vivemos. Aliás, seria espantoso que estes fragmentos fossem descobertos por pessoas que decidissem perder-se de propósito nestes territórios, pois iriam ganhar uma relevância totalmente diferente para elas na forma como vêem o território na sua plenitude, através dos pés que palpam os vários pavimentos diferentes, das mãos que sentem a textura e temperatura das pedras, do nariz que se habitua ao cheiro das plantas e dos ouvidos que vão decorando os sons das aves, dos insectos e dos tractores transportados pelo vento, sendo esta ideia inspirada nas experiências levadas a cabo por Francesco Careri em Roma ⁽²⁵⁾.

Segundo palavras de Álvaro Siza “ A relação entre natureza e construção é decisiva na arquitectura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projecto, representa para mim como que uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva”.⁽²⁶⁾ Ou seja, é também importante que cada fragmento de projecto construído de raiz seja, de alguma forma pedido no seu sítio de implantação de forma a melhorá-lo quer seja devido ao reconhecimento das suas características actuais, quer seja de forma mais intuitiva, sendo a escolha destes locais de uma dificuldade extrema e apenas possível depois de se percorrer o território *in situ* e de o apreender de forma holística, como foi visível na análise do caso de estudo de Montemor-o-Velho orientado por Miguel Figueira.

Por fim, salienta-se a satisfação em ter aplicado os conhecimentos adquiridos ao longo destes últimos anos neste trabalho de projecto final. Com ele fortaleceram-se as ligações afectivas existentes devido às memórias e experiências únicas, desde o levantamento pedra a pedra de edifícios como o Forno e o Moinho, até ao percorrer a pé dos caminhos da serra de Videmonte na descoberta de locais surpreendentes. Agora, estes locais, denominados de fragmentos ou não, ficam aqui reconhecidos destacados e documentados, permanecendo como um contributo arquitectónico, o primeiro incidente na freguesia de Videmonte.

(24) - Texto redigido em 1923 por Charles-Edouard Jeanneret (mais conhecido pelo pseudónimo de Le Corbusier) que foi consultado na publicação 'Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX' publicada em Outubro de 2010, página 137.

(25) - Publicação traduzida para português em 2013, denominada "Walkscapes - o caminhar como prática estética" da autoria de Francesco Careri. Este foi cofundador do grupo Stalker, que em 1995 caminhou, derivou e deambulou ao longo de um percurso indefinido entre a Roma antiga que os turistas visitam e a Roma mais ou menos periférica por descobrir, descobrindo locais, pessoas e culturas surpreendentes que o levaram a investigar o andar como forma de conhecer de fazer arte, bem como etnias e tribos que vivem em cidades ditas nómadas.

(26) - Transcrição da página 17 do livro "Imaginar a Evidência", publicação que resultou de uma série de três entrevistas feitas pelo italiano Guido Gianregorio ao arquitecto Álvaro Siza.

VII. BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.
- AA.VV. - *ASAS. Guia de Boas Práticas de Revitalização de Aldeias*. Edição de autor, 2013.
- AA.VV. - *Revisão do plano de ordenamento do Parque Natural da Serra da Estrela. Fase 2-Diagnóstico*. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2009.
- AA.VV. - *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Vale de Cambra: Caleidoscópio, Outubro de 2010.
- BAPTISTA, F. O. - *Agriculturas e territórios*. Oeiras: Celta editora, 2001.
- CÂMARA MUNICIPAL DA GUARDA - *Breve estudo social, urbanístico e patrimonial da aldeia de Videmonte*. Guarda, 2004.
- CARERI, Francesco - *Walkscapes : o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.
- CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima (coord.) - *Territórios Reabilitados*. 1ª Edição. Vale de Cambra: Caleidoscópio, Outubro de 2009.
- CAVACO, Carminda - *Desenvolvimento Rural - Desafio e Utopia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1999.
- DOMINGUES, Álvaro - *Vida no Campo*. Equações de arquitectura; Porto: Dafne editora, 2011.
- FERRÃO, João - *Território* in Cardoso, J. L., Magalhães, P. e Pais, J. Machado (Org.) - *Portugal Social de A a Z. Temas em Aberto*. Lisboa: Expresso, 2013. pp. 244-257
- FIGUEIREDO, Elsa Maria Alves - *O Espaço Público das Aldeias da Beira Transmontana: que requalificação?*. Porto: FAUP e FEUP, 2004. Tese de Mestrado.
- GONÇALVES, Afonso Sequeira - *Videmonte: Passado, Presente, Futuro*. Videmonte: Junta de Freguesia, 2009. Testemunho pessoal.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANDO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 5ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003
- RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 7ª edição, Lisboa: Coleção "Nova Universidade", Livraria Sá da Costa editora, 1998.
- RIBEIRO, Vítor (coord.) - *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, 2008.
- SIZA, Álvaro - *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70, Janeiro de 2012
- TAVARES, Carina - *O fenómeno do despovoamento rural perante o olhar da Arquitectura*. Évora: Universidade de Évora, 2010. Tese de mestrado.

VIII. ÍNDICE DE IMAGENS

- Figura 01 - Campo de centeio durante o inverno no planalto de Videmonte
Página 5 Fonte: Fotografia do autor
- Figura 02 - Logotipo do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
Página 15 Fonte: www.fpce.up.pt <<http://www.fpce.up.pt>>
- Figura 03 - Logotipo do Fundo Social Europeu
Página 15 Fonte: www.fse.gov.fr <<http://www.fse.gov.fr>>
- Figura 04 - Logotipo do Programa de Desenvolvimento Rural
Página 15 Fonte: www.portugal2020.pt <<http://www.portugal2020.pt>>
- Figura 05 - Digitalização do significado da palavra "revitalização"
Página 19 Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Lisboa: Academia de ciência de Lisboa e Editorial Verbo, 2001
- Figura 06 - Logotipo do Cantinho das Aromáticas
Página 21 Fonte: <<http://www.cantinhodasaromaticas.blogspot.com>>
- Figura 07 - Logotipo da Associação regional de desenvolvimento do Alto Lima
Página 21 Fonte: <<http://www.ardal.pt>>
- Figura 08 - Logotipo do projecto Aldeias Sustentáveis e Activas
Página 21 Fonte: <http://www.animar-di.pt/index/projectos/asas/asas_1>
- Figura 09 - Localização dos 11 locais revitalizados pelo projecto ASAS
Página 23 Fonte: Mapa produzido pelo autor
- Figura 10 - Localização dos 6 locais alvos de intervenções arquitectónicas
Página 23 Fonte: Mapa produzido pelo autor
- Figura 11 - Ortofotomapa territorial de Montemor-o-Novo
Página 25 Fonte: Ortofotomapa produzido pelo autor
- Figura 12 - Ortofotomapa do centro histórico de Montemor-o-Novo
Página 25 Fonte: Ortofotomapa produzido pelo autor
- Figura 13 - Vista aérea do centro Náutico de Alto Rendimento integrado no vale do Rio Mondego
Página 27 Fonte: <<http://www.ccdrc.pt>>
- Figura 14 - Casa de chá do Paço das Infantas situada no Castelo
Página 27 Fonte: <<http://www.arquitecturafotos.blogspot.com>>
- Figura 15 - Acesso pedonal Assistido que liga o vale ao Castelo
Página 27 Fonte: <<http://afasiaarchzine.com/2014/05/miguel-figueira/>>
- Figura 16 - Ortofotomapa do complexo museológico Insel Hombroich
Página 29 Fonte: Ortofotomapa produzido pelo autor
- Figura 17 - Mapa do museu Insel Hombroich
Página 31 Fonte: <http://socks-studio.com/2015/02/22/>
- Figura 18 - Entrada do museu Insel Hombroich
Página 32 Fonte: <http://socks-studio.com/2015/02/22/>
- Figura 19 - Turm
Página 32 Fonte: <http://socks-studio.com/2015/02/22/>
- Figura 20 - Labyrinth
Página 32 Fonte: <http://socks-studio.com/2015/02/22/>
- Figura 21 - Hohe Galerie
Página 32 Fonte: <http://socks-studio.com/2015/02/22/>
- Figura 22 - Graubner Pavillion
Página 32 Fonte: <http://socks-studio.com/2015/02/22/>
- Figura 23 - Zwölf-Räume-Haus
Página 32 Fonte: <http://socks-studio.com/2015/02/22/>
- Figura 24 - Schneke
Página 32 Fonte: <http://socks-studio.com/2015/02/22/>
- Figura 25 - A igreja (I)material e a igreja de Looz ao fundo
Página 33 Fonte: <<http://www.archdaily.com/298693/reading-between-the-lines-gijs-van-vaerenbergh>>
- Figura 26 - A igreja maciço-transparente
Página 33 Fonte: <<http://www.archdaily.com/298693/reading-between-the-lines-gijs-van-vaerenbergh>>
- Figura 27 - Entrada da igreja
Página 33 Fonte: <<http://www.archdaily.com/298693/reading-between-the-lines-gijs-van-vaerenbergh>>
- Figura 28 - Ortofotomapa da freguesia de Videmonte
Página 37 Fonte: Ortofotomapa produzido pelo autor
- Figura 29 - Aglomerado urbano de Videmonte visto d zona dos Cabrizes
Página 39 Fonte: Fotografia do autor
- Figura 30 - Mapa de Portugal com a localização da freguesia de Videmonte
Página 41 Fonte: Mapa produzido pelo autor
- Figura 31 - Ortofotomapa da região de Videmonte
Página 43 e 44 Fonte: Ortofotomapa produzido pelo autor
- Figura 32 - Planta do território da freguesia de Videmonte
Página 45 Fonte: Planta produzida pelo autor

Figura 33 - Planta das vias e do edificado da freguesia de Videmonte
Página 47 Fonte: Planta produzida pelo autor

Figura 34 - Planta do uso dos solos da freguesia de Videmonte
Página 49 Fonte: Planta produzida pelo autor

Figura 35 - Planta supositiva do uso dos solos da freguesia de Videmonte durante a década de 1980
Página 51 Fonte: Planta produzida pelo autor

Figura 36 - Ortofotomapa da freguesia de Videmonte e a sua relação com a freguesia de Trinta
Página 53 Fonte: Ortofotomapa produzido pelo autor

Figura 37 - Travessa do forno que liga a Capela à Igreja
Página 57 Fonte: Fotografia do autor

Figura 38 - Diferença da materialidade e proporção entre o Forno Comunitário e as habitações adjacentes
Página 57 Fonte: Fotografia do autor

Figura 39 - Uma das casas mais antigas do aglomerado urbano, datada de 1696 no lintel de granito
Página 59 Fonte: Fotografia do autor

Figura 40 - Da casa mais antiga em primeiro plano à mais recente em terceiro plano
Página 59 Fonte: Fotografia do autor

Figura 41 - Local onde foi desenvolvido o projecto
Página 61 Fonte: Fotografia do autor

Figura 42 - Esquema relacional entre os campos de centeio e os recursos endógenos da aldeia
Página 63 Fonte: Fotografia do autor

Figura 43 - Fotomontagem da marcação do percurso do centeio num pavimento de paralelos
Página 67 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 44 - Fotomontagem da marcação do percurso do centeio num pavimento de terra batida
Página 68 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 45 - Largo e Capela de Santo António
Página 74 Fonte: Fotografia do autor

Figura 46 - Casa do Território vista do largo de Santo António
Página 76 Fonte: Fotografia do autor

Figura 47 - Casa do Território actualmente reabilitada para habitação
Página 77 Fonte: Fotografia do autor

Figura 48 - Largo de Santo António visto da Casa do Território
Página 78 Fonte: Fotografia do autor

Figura 49 - Afloramento rochoso de xisto com o percurso do centeio ao fundo
Página 83 Fonte: Fotografia do autor

Figura 50 - Sepultura rupestre escavada num dos afloramentos de xisto
Página 84 Fonte: Fotografia do autor

Figura 51 - Fotomontagem do acesso às escadas
Página 85 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 52 - Fotomontagem do passadiço
Página 86 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 53 - Fotomontagem da fonte da curva vista do caminho de cima
Página 90 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 54 - Fotomontagem da fonte da curva
Página 92 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 55 - Fotomontagem da vista do miradouro para o planalto de Videmonte
Página 96 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 56 - Vista actual do cruzamento com o giestal
Página 97 Fonte: Fotografia do autor

Figura 57 - Fotomontagem da vista do cruzamento para o memorial do centeio
Página 98 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 58 - Fotomontagem da vista da casa da farinha para o campo de centeio e miradouro
Página 100 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 59 - Antigo abrigo de montanha construído em Videmonte por pastores
Página 104 Fonte: Fotografia do autor

Figura 60 - Fotomontagem da chegada ao abrigo com a vista para poente
Página 105 e 106 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 61 - Fotomontagem exterior do abrigo
Página 108 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 62 - Fotomontagem da aproximação às antenas com a intervenção em betão
Página 113 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 63 - Fotomontagem da chegada às antenas e volume com rampas
Página 114 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 64 - Fotomontagem da Praça Alta
Página 115 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 65 - Fotomontagem do banco da praça alta e a vista para Sudoeste
Página 116 Fonte: Fotomontagem do autor

Figura 66 - Espaço da Eira
Página 117 Fonte: Câmara Municipal da Guarda

Figura 67 - A ceifa do pão centeio
Página 119 Fonte: Pedro Ferreira

Figura 68 - Atador de molhos do centeio
Página 120 Fonte: Pedro Ferreira

Figura 69 - Carranja dos molhos do centeio
Página 121 Fonte: Pedro Ferreira

Figura 70 - A hora do cravelo
Página 122 Fonte: Câmara Municipal da Guarda

Figura 71 - Malha do centeio com o mangual
Página 123 Fonte: Vasco Pires

Figura 72 - Malha mecanizada do centeio através da malhadeira
Página 124 Fonte: Câmara Municipal da Guarda

Figura 73 - Levada de água em direcção ao Moinho
Página 128 Fonte: Fotografia do autor

Figura 74 - Final da levada de água
Página 131 Fonte: Fotografia do autor

Figura 75 - Vão do cabouco por onde sai a água do moinho volta à ribeira
Página 131 Fonte: Fotografia do autor

Figura 76 - Zona de entrada da levada de água no moinho, actualmente tapada
Página 132 Fonte: Fotografia do autor

Figura 77 - Zona interior do cabouco, onde é visível a pela que segura as penas do rodízio agora submersas em lama
Página 132 Fonte: Fotografia do autor

Figura 78 - Alçada da entrada no sobrado do moinho
Página 133 Fonte: Fotografia do autor

Figura 79 - Cobertura do moinho
Página 133 Fonte: Fotografia do autor

Figura 80 - Os dois sistemas de moagem presentes no moinho, em que apenas funcionava o da esquerda
Página 134 Fonte: Fotografia do autor

Figura 81 - A porta de entrada e o "janelo" vistos do interior do sobrado
Página 134 Fonte: Fotografia do autor

Figura 82 - Bancada ou poial em xisto e pavimento em tábuas de madeira
Página 135 Fonte: Fotografia do autor

Figura 83 - Carrela (estrutura de madeira) que suporta a moega acima da mó andadeira
Página 136 Fonte: Fotografia do autor

Figura 84 - Forno Comunitário de Videmonte
Página 140 Fonte: Fotografia do autor

Figura 85 - Relação entre as duas chaminés
Página 142 Fonte: Fotografia do autor

Figura 86 - Fornada de lenha a arder
Página 143 Fonte: Filipe Barbosa

Figura 87 - Brasas a aquecer o forno
Página 143 Fonte: Fotografia do autor

Figura 88 - O amassar da farinha do pão centeio
Página 143 Fonte: Pedro Ferreira

Figura 89 - Depois da massa estar "finta" é "tendida" e colocada sob um panal branco coberto de farinha
Página 143 e 144 Fonte: Pedro Ferreira

Figura 90 - Colocação do pão no forno
Página 144 Fonte: Pedro Ferreira

Figura 91 - Retirada do pão do forno
Página 144 Fonte: Pedro Ferreira

Figura 92 - Tabuleiro de bôlas de centeio prontas a ser consumidas
Página 144 Fonte: Fotografia do autor

Figura 93 - Pormenor da porta do forno
Página 145 Fonte: Fotografia do autor

Figura 94 - Poial
Página 145 Fonte: Fotografia do autor

Figura 95 - Forno pequeno
Página 146 Fonte: Fotografia do autor

Figura 96 - Forno grande com instrumentos: pau das brasas, farrapo das cinzas e pá do pão
Página 146 Fonte: Fotografia do autor

Figura 97 - Porta do forno grande
Página 147 Fonte: Fotografia do autor

Figura 98 - Interior do forno grande
Página 147 Fonte: Fotografia do autor

Figura 99 - Pormenor do interior do forno grande
Página 148 Fonte: Fotografia do autor

Figura 100 - Topo da cúpula granítica do forno grande
Página 148 Fonte: Fotografia do autor

